

Lustosa da Costa

AO CAIR  
DA TARDE

ietons





**Lustosa da Costa** é colunista político do *Diário do Nordeste*, em Brasília. Começou no jornalismo no *Correio da Semana*, de Sobral, em agosto de 1954, escrevendo seu primeiro artigo sob as iniciais L.C., a respeito da ascensão de Café Filho à Presidência da República. Em Fortaleza, foi repórter político de jornal, rádio e televisão. E editor-chefe de *Unitário* e *Correio do Ceará*, antes de se transferir para Brasília, onde, durante 14 anos, foi repórter político da sucursal de *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal da Tarde* e comentarista político do *Correio Braziliense*. Em 2000 se elegeu para a Academia Brasileira de Letras e ganhou o Prêmio Ideal Clube de Literatura com o livro de crônicas *Rache o Procópio*. Em 2002, lançou, na Embaixada do Brasil em Lisboa, a edição portuguesa de *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares*. De sua bibliografia, destacam-se: *A descapitalização do Nordeste no setor privado* (bancos) (Fortaleza, 1961), *Ideologia do favor, curral e cabresto* (Fortaleza, Stylus Comunicações), *Sobral do meu tempo* (Brasília, 1982, Coleção Lima Barreto, do Senado Federal), *Cartas do Beco* (Stylus Comunicações, 1983), *A travessia* (Brasília, Coleção Hipólito da Costa, do Senado Federal, 1984), *Fortaleza, meu amor* (Stylus Comunicações, 1987), *Clero, nobreza e povo de Sobral* (Centro Gráfico do Senado, 1987, e Editora ABC, 2004), *Louvação de Fortaleza*, Casa José de Alencar, 1995), *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares* (São Paulo, Maltese, 1996, Lisboa, Universitária Editora, 2002), *No après-midi de nossas vidas* (Fortaleza, Casa José de Alencar, 1997), *Como me tornei sexagenário* (Casa José de Alencar, 1999), *O senador dos bois* (Edições UVA, Sobral, 2000), *Dicionário do Lustosa*, ABC, 2003), *Sobral cidade das cenas fortes*, Fortaleza, ABC Editora, 2003).

“Muito grato pelo envio de *Sobral cidade das cenas fortes*, cujas histórias assombrosas só você mesmo poderia contar. É como se viesse à tona todo um passado que poucos conhecem neste País que a cada dia mais se esquece de si mesmo. Como se aprende nas páginas de seu livro e como, a partir delas, se conclui que quase nada sabemos de nós mesmos, de nossas raízes, de nossa história mais recente e, o que é mais grave, de nossa própria identidade. E com que sabor você relata cada um desses surpreendentes e turbulentos episódios! Grande e fraterno abraço do seu leitor.”

**Ivan Junqueira**

“Estou a deliciar-me. Aquilo parece romance.

Você conta tudo com muita doçura e carinho mas é um mundo perfeitamente surreal.

Tenho de interromper a leitura para ir ao trabalho, todavia não me apetece.

Li há mais de uma semana *Clero, Nobreza e Povo de Sobral*, mas a semana foi demasiado cheia e só agora lhe dou conta: gostei deveras. Jorge Amado tem razão: são vários romances que estão ali. Pelo menos está um que é o que para mim o livro é. Eu, que não conheço Sobral nem o Ceará, leio tudo aquilo como se de realismo mágico se tratasse, apesar das fotografias de realismo realista real.

O parágrafo inicial do subcapítulo “Tutela” é magnífico. Como magnífica é a peça “Testamento”, de Francisco de Paula Pessoa, que imagino seja transcrição. O livro está salpicado de personagens e histórias deliciosas, como a do Chico Monte e o coronel Sombra, a resposta do Deolindo ao padre Macário, o Chico Romano da Ponte e as suas histórias.

Posso garantir-lhe que de vez em quando voltarei ao livro a reler algumas das histórias porque infelizmente hoje já não as fixo todas com uma só leitura.”

**Onésimo Almeida**

“O *Dicionário do Lustosa* é de um encanto proustiano, de um prazer evocativo, que eu há muito não saboreava. Recriação afetiva e intelectual do passado por um mestre da palavra.”

**Paulo Kramer**

“Dando seqüência ao mapeamento do imaginário social e coletivo de sua terra, Lustosa acaba de lançar *Sobral cidade das cenas fortes* (ABC Editora, Fortaleza, 2003), acrescentando à sua bibliografia mais esta prosa em grande estilo. Trata-se de um sincero, rico e delicado painel de Sobral, tendo como foco analítico - alternando-se entre a crônica e o conto - os acontecimentos da terra natal, um livro permeado de surpresas e delícias, na forma e no conteúdo. Aliando o faro de jornalista experiente à condição cronista e contista, com simplicidade e coerência faz o registro de sua época e de seu tempo, marca a memória de Sobral e seu povo, um formidável escrutínio dos acontecimentos de uma cidade, levando cada leitor ao fascínio da vida que pulsa e nos dá suas lições, suas verdades e seu humor.”

**Ronaldo Cagiano**

“A leitura do *Dicionário do Lustosa* foi uma das coisas prazerosas que experimentei de último. Creio que não preciso mais dizer que você produz uma forma rara, raríssima de escritura literária que muito me toca.

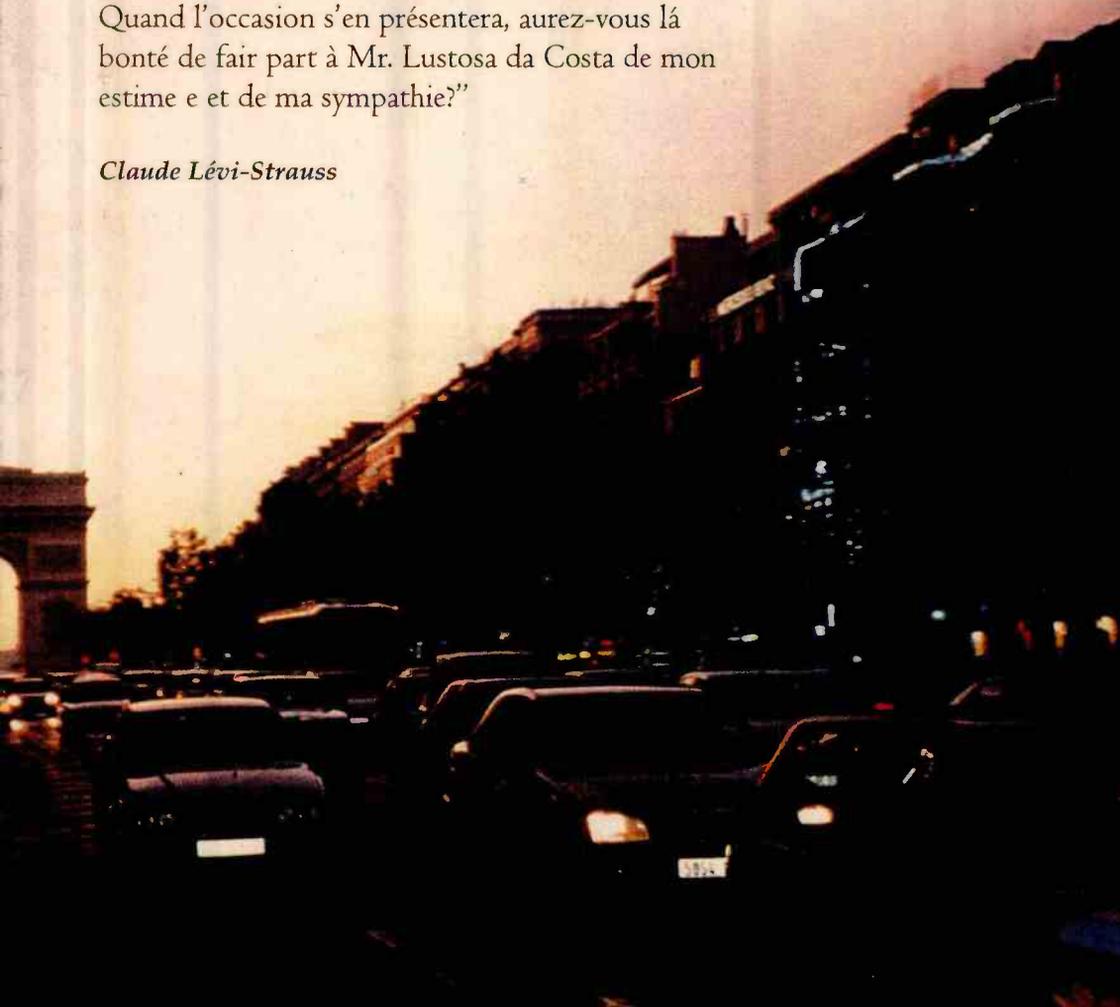
Incrível como você transforma (talvez inconscientemente) personagens literários. Este o ganho fundamental e particularíssimo da sua escritura.

Transformar Saramago e Jorge Amado em personagem é coisa de gênio, como de gênio a transformação de seres e ambientes sobralenses em elementos de ficção.”

**Dimas Macedo**

“...Mais j’ai vivement goûté les savoureuses évocations de la vie à Fortaleza, et j’ai suivi avec plaisir un Cearense dans ses promenades parisiennes. Quand l’occasion s’en présentera, aurez-vous la bonté de fair part à Mr. Lustosa da Costa de mon estime e et de ma sympathie?”

*Claude Lévi-Strauss*



ISBN 85-7536-166-X



W. S. Mail  
April 1870

---

W. S.



**LUSTOSA DA COSTA**

**AO CAIR DA TARDE**



Rio – São Paulo – Fortaleza  
2006

**Capa:**  
Heron Cruz

**Editoração Eletrônica:**  
Egberto Nogueira

**Revisão:**  
Francisco J. Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837a Costa, Lustosa da.  
Ao Cair da Tarde / Lustosa da Costa  
Rio - São Paulo - Fortaleza: **ABC Editora**, 2006.

150 p.

1. Crônica brasileira. 2. Crônica cearense.  
3. Costa, Lustosa da - memórias. I. Título.

CDD: B869.8

## SUMÁRIO

PREFÁCIO -----	9
JÁ SOU IDOSO -----	11
OS VELHINHOS, AGORA, SOMOS NÓS-----	11
O TEMPO ESTÁ CORRENDO-----	12
SEXAGENÁRIO -----	13
O BALÃO VERMELHO -----	14
A PARTIDA DE UM NOBRE -----	16
ALEGRIA, ALEGRIA -----	16
LEÔNIA -----	17
A PERIGO NO IDEAL -----	18
BRASILEIRO E IDALINO -----	19
NA PRAÇA DO FERREIRA-----	20
SOU GRATO -----	21
CONFRARIA CEARENSE -----	25
CUMPRE AGRADAR OS AMIGOS -----	27
COMO EM PARIS -----	27
O PAPÃO -----	28
HISTÓRIAS DE COMUNISTAS -----	30
CAMARADA EMÍLIA -----	30
GUILHERME NETO -----	31
LUIZ COSTA -----	33
EMÍLIO, O ETERNO MAJOR -----	35
ERASMO, UM VENCIDO DA VIDA -----	36
CLÁUDIO E OS NETOS PAULISTAS-----	38
MARTINS FILHO -----	39
30 ANOS DE BRASÍLIA -----	41
TEM MAIS É DE MOSTRAR -----	43
CORAGEM DE QUÊ?-----	44
ANTES DE ENTRAR NA FACA -----	46
DECADÊNCIA -----	47
LAMÚRIAS -----	48

SETE VIDAS -----	50
AMIGO OU INIMIGO? -----	51
LUGAR DE NASCER E MORRER -----	52
SEM PENA DE MIM -----	53
OBSERVANDO AS CORONÁRIAS -----	55
SOBREVIVER FOI MEU OFÍCIO -----	56
XODÓ COMIGO -----	58
SEM SOFRIMENTOS ATÉ AGORA -----	59
MILIONÁRIO POR UMA TARDE -----	60
MÉDICO? NÃO -----	64
O PODER DEIXOU DE SER SAGRADO -----	65
A POMPA E A CIRCUNSTÂNCIA -----	66
OS RISCOS DA VOLTA -----	67
TORCENDO PELA DESGRAÇA -----	68
A AJUDA DO DESTINO -----	69
QUESTÃO DE MEDO -----	70
FIQUEI LÁ EM BAIXO -----	71
MUY AMIGO -----	72
ADORO RECEBER CARTAS -----	74
O MEDO, ETERNA COMPANHIA -----	76
FOTÓGRAFO ESCRITOR -----	77
GABOLICE DA ORADORA -----	77
CONSELHOS E SCOTCH -----	78
À VONTADE -----	78
UM JEITO POBRE DE SER -----	79
PUDOR DA RIQUEZA -----	80
FOI COMIGO? -----	80
FILHO É ETERNO, ENTRE NÓS -----	81
A INTIMIDADE INIBE A VISÃO -----	82
MÁS NOTÍCIAS -----	83
DESRESPEITO À PRIVACIDADE -----	84
A ARTE DE VIAJAR -----	84
EFEITO DE ÉDIPO -----	86

AMIZADES PELA INTERNET -----	87
50 ANOS -----	89
TRAVESSÃO -----	90
PRECISAM DE PLATÉIA PARA TE AGREDIR -----	92
ADORO ANCIÃO -----	93
SEM QUEIXAS NEM RECLAMAÇÕES -----	94
VIAGEM EM TORNO DE MIM MESMO -----	97
PROMESSAS VADIAS -----	99
QUERO MINHA BICICLETA -----	100
JORGE AMADO -----	101
UM SOBRALENSE EM PARIS -----	103
PRIMEIROS TEMPOS EM PARIS -----	107
DE CORAÇÃO ABERTO EM PARIS -----	110
COMO FORTALEZA CRESCEU -----	113
ENTRE O SABER E O FAZER -----	114
RADIOESCUTAS -----	114
DEO GRATIAS -----	116
UM BRASILEIRO QUE NEM SEMPRE FOI PRÍNCIPE ----	117
DEPENDÊNCIA DO MICRO -----	119
O FORTALEZENSE QUE JÁ ERA -----	120
AS VANTAGENS DA CARIDADE -----	121
A PEDAGOGIA DA ESMOLA -----	122
UM PIAUCHO -----	122
EM PRAGA, SEM KAFKA E SEM BARATA -----	123
NA IRLANDA, SEM O ULYSSES DE JOYCE -----	127
LANÇAMENTO NO SENA -----	130
UM ALMOÇO OU UM SARAU? -----	133
EU ERA ANALFABETO E NÃO SABIA -----	136
COZINHA VELHA -----	140
LIVROS DE PORTUGAL -----	141
ESTOU COM SAUDADES DE PORTUGAL -----	143
MALDADE TEM HORA -----	145
ENCONTROS COM O PRESIDENTE MÁRIO SOARES ----	146



À Yolanda Queiroz



## Prefácio

Quando livros de Pedro Salgueiro e Airton Monte foram selecionados para estudo pelos vestibulandos da Universidade Federal do Ceará, morri de inveja. Não posso nem negar. Juarez Leitão me confortou dando a fórmula mágica para obter a mesma glória. Produzir livro de crônicas de cor nativista, falando do Ceará, de assuntos cearenses, com alguma coisa sobre Fortaleza, alguns assuntos universais fugindo de assuntos polêmicos, de intimismo e das confissões pessoais. Só não informou como ter o mesmo talento dos dois, o que é mais difícil de conseguir. Aí embatuei. Será que saberia seguir tal receita? Mesmo sem pensar haver atendido a tais recomendações, junto algumas crônicas neste volume de desataviada prosa, *Ao Cair da Tarde*.

José Leon Machado, grande escritor português, diz que leu algumas páginas de *No après-midi de nossas vidas* e gostou.

Ficou-me na cabeça aquela sua frase: “Nunca foi minha ambição construir catedrais que desafiem o tempo”. E esta: “Preferi plantar as couves para o almoço de amanhã”. Isto é de uma grande humildade literária. “Que humildade, que nada! É o registro de minhas potencialidades. Lanço o vigésimo livro de minha responsabilidade, se incluir aí tese *A descapitalização do Nordeste no setor privado (através dos Bancos)* apresentada num congresso da UNE em 1961 e o *Anuário do Ceará*, editado junto com Dorian Sampaio, no comecinho da década de setenta. Assinala a passagem dos meus cinquenta anos de jornalismo, começados a 28

de agosto de 1954 no jornal *Correio da Semana*, de Sobral. É oferecido à Yolanda Queiroz, dona do jornal que publica minhas bobagens, há um quarto de século e ainda me paga por isso. Sendo, além disso, presença certa em todos os lançamentos de meus livros, desde o tempo em que comparecia ao lado do saudoso Edson.

Agradeço ao engenheiro Luiz Augusto Tiveron Borges, funcionário do Senado, pela digitação de muitas páginas, a Raguél, pelo precioso esforço de ordenar o caos de minha produção e a Rejane Costa Barros pela cuidada revisão.

O resto, agora, é com os leitores.

## **Já sou idoso**

**D**e repente, não mais que de repente, cheguei aos 65. Para efeitos legais, sou um idoso. Com o privilégio de não mais pagar passagem de transportes coletivos, de passar à frente na entrada dos elevadores, nas compras dos supermercados e no acesso ao crematório. A cabeça grisalha, povoada de dúvidas. Sobre que baixa apenas a dura certeza de que nunca, nunca mais mulher jovem se abraçará, arfante e cheia de desejos, ao seu peito. De manhã, como dizia Milton Dias, você não há de querer saber onde dói, e, sim, onde não dói. Há que lembrar que este não foi processo instantâneo, fulminante e sim gradual, passo a passo, segundo a segundo. A gente continua a se surpreender, é certo, com a idade. Até um dia desses era eu um adolescente encabulado, desviando-me das rodas de conversas nas calçadas de Sobral. Era um “foca” prolixo escrevendo furiosamente para a Gazeta de Notícias. E estreante nas noitadas do restaurante do Ideal. De repente, sou iminente septuagenário. Como isto pode acontecer e eu nem notei? É que a gente se vê, todos os dias, no espelho. Não tem assim como perceber as diferenças do rosto, o estrago do tempo, com suas insídias, do calendário, com suas perfídias. Daí a surpresa. Não é bom, mas a alternativa é letal.

(Ao completar sessenta e cinco anos de idade).

## **Os velhinhos, agora, somos nós**

**V**ejo e ouço na tevê, reprodução de crônica de Mário Quintana segundo o qual, antigamente, olhávamos, com comiseração ou indulgência, velhinhos que se arrastam

pelas estradas da vida e, hoje, percebemos que nós nos convertemos em tais velhinhos. Foi o que ouvi no diálogo de duas distintas senhoras cearenses, há tempos em Brasília. Eles refletiam sobre o tema: “Não há mais velhas. As do nosso tempo partiram. As velhas, agora sim, somos nós”. Lembro-me de mim mesmo com saudade quando era apresentado como jovem jornalista, moço de futuro. Os verdes anos amadureceram. O futuro não chegou. Agora os velhos somos nós, sou eu.

Dona Dolores, na iminência dos noventa, reclama, ao telefone, a repetição de tópico na coluna de sábado.

Não sabe ela, não lhe disse que escrevi a página, em meio a uma gripe que derrubaria qualquer um. Resisti nem sei porquê. Escrevi, porém, muito debilitado. Vocês hão de dizer que velho é como mangueira usada. A gente conserta um buraco aqui e logo rebentam dois ou três adiante. Parece ser este o meu caso.

## **O tempo está correndo**

**Q**uando envelhecemos, o tempo passa cada vez mais rápido. A gente fica com vontade de fazê-lo parar, ou pelo menos, impedir que vá com tanta pressa para o destino que todos sabemos qual é. Engraçado como a concepção de tempo muda com nossa idade. Basta recordar nossos dias de meninos. Na infância e adolescência, ansiávamos pela chegada das férias escolares, pela época de usar calça comprida. Logo mais, queríamos que a barba nascesse logo, que pudéssemos namorar, fumar. Depois temos pressa em nos formar, em nos prover de diploma de nível superior, para ir à luta pela sobrevivência. Tudo com urgência somente

compreensível nos verdes anos. Não nos maduros, nos outonais, cujo fecho próximo é o fim. O fim de tudo.

## Válvula

A cada vez que vou à consulta com a cardiologista Leda Sales, depois de olhar os exames que lhe apresento, ela diz que a válvula, implantada em meu peito, está em ótimas condições. Fico, sempre, em pânico, quando ouço o diagnóstico otimista. É porque se está bem, poderia estar mal. Estar criando problemas o que requereria nova cirurgia do coração a que não pretendo me submeter tão cedo. A médica tenta me tranquilizar: “Válvula colocada pelo professor Sérgio Almeida de Oliveira não tem pane nem apresenta defeito”. Deus assim ma conserve.

## Sexagenário

**B**em que não queria ser sexagenário. Não era o que gostaria. Nunca pensei chegasse a tanto. A alternativa, porém, era fatal. Quem não quer envelhecer, morre. Por isso me conformei. Até o fim do ano ingressarei nessa categoria sexy. Não é nada confortável. Bem melhor, creio vocês também concordam, que estar morando na cidade dos pés juntos. Gente, não se sabe bem porquê, dá o maior valor às datas redondas. Breve, pois, farei sessenta anos de peregrinação sobre a Terra e verifico que, pelo menos, a metade foi boa. Foi, foi ótima. A vida me deu tudo o que pedi e mais alguma coisa. Tirou-me o que me pesava e podia me arruinar e, assim leve, passei a trafegar pelas estradas do mundo. Tenho mais é que agradecer a Deus, todos os dias, de joelhos, o que a vida me prodigalizou.

Até agora foi prazerosa. Nem queria que melhorasse. Basta continuar como vai. É o que peço ao Senhor.

Agradeço ao Senhor pelos filhos que tive, pelo prazer que os livros me proporcionaram, pelos que publiquei, pelas amizades que fiz, pelas mulheres que me amaram, pelo scotch e pelo rouge que bebi, em quantidades industriais. Pela saúde de que desfrutei. Pela bem-sucedida meia-sola feita no coração em Paris. Em suma, muita gente me leu e houve até quem gostasse do que escrevi. Algumas mulheres me amaram. Os garçons foram sempre atenciosos. Os amigos, cortesês. Li livros maravilhosos. Bebi este divino licor destilado na Escócia, estes rouges maravilhosos, saídos dos vinhedos franceses. Que mais poderia querer da vida? (1998).

## **O balão vermelho**

**O**s jornais falam da decadência do Jalcy Avenida, que foi o mais luxuoso edifício residencial da cidade, ali na Duque de Caxias, construído por José Alcy Siqueira. Residiam nele famílias em apartamentos que, para os padrões da época, considerávamos apertados. Lembrome de visitar ali Ezaclir Aragão e Nazareno Albuquerque. Depois da revolução dos costumes de 1968 fui, a um apartamento de amigo, muitas vezes, ao encontro de suculenta senhora que levava para as nossas entrevistas, além de desejos maduros, cadernos de espiral lotados de poesia dela e de terceiros que gostava de recitar entre um round e outro. Ouvi muitos versos porque era jovem e metia gols até em prorrogação de jogo.

Tentei ouvir Fausto Nilo sobre o balão vermelho que pintou para bar do mesmo nome que funcionou no térreo do prédio e era freqüentado pela turma de es-

querda festiva que, na idade madura, assumiu graves responsabilidades sociais e profissionais, como aquele arquiteto e compositor, o reitor René Barreira, o desembargador Byron Frota, o secretário Augusto Pontes, alguns sobralenses que ficaram ainda mais ilustres daquele tempo pra cá. E infelizmente não tive o prazer de encontrá-lo.

Soube do Cláudio Pereira que o dono do estabelecimento era padre italiano Oswaldo Sinibaldi que, no Ceará, aonde veio cursar Faculdade de Filosofia, tirou a batina montando o bar com a ajuda de amigos, inclusive do futuro deputado Antônio dos Santos que morava no Edifício Jalcy e se encarregou de lhe conseguir fiador e de Edson Queiroz doação de fogão. O estabelecimento foi à falência, sob a avalanche de “vales” não resgatados pelos jovens e sedentos fregueses, exilando-se o proprietário, prudentemente, em São Paulo. O estabelecimento teria ficado sob a guarda de um garçom, o Paraíba que o comandou até que se esgotasse o estoque de bebidas. Ele foi a nocaute não apenas pelos vales da rapaziada como pela custosa mania de apostar em seu time de futebol, o Ferroviário que não atravessava boa fase. Há quem diga que o ministro Álvaro Costa, o reitor René Barreira, o jornalista Wilson Ibiapina, o conselheiro Arthur Silva Filho, os cantores Ednardo, Belchior, foram freqüentadores do estabelecimento que teve como musas Moema Santiago, Inês Falcão, Inês Figueiredo e Godiva Pinto.

E todos foram cantar noutras freguesias.

## **Chez Pierre**

Em seu próximo livro de memórias, Lúcio Brasileiro, decerto, vai lembrar alguns sítios bem modestos que ele

promoveu e tornou chiques, elegantes. Um deles, um restaurante simplicíssimo no comecinho da Praia do Futuro, que rebatizou como Chez Pierre e para o qual tangeu a melhor de nossa sociedade. Bem como o Clube do Pombo que cheguei a freqüentar, em sua companhia e que, um dia desses, reví, despido dos encantos doutrora. Perdi a viagem e a boa lembrança daquele local.

## **A partida de um nobre**

**A**o telefone, amigo protesta: “Tanta gente ruim ficando, Luiz Carlos partindo”. Pois, é, como temíamos, Luiz Carlos Aguiar foi embora. E deixou saudades, muitas saudades. Era um aristocrata. Não que assim houvera nascido. Nobilitara-se, por conta própria, pelo cotidiano. Dava a impressão de passar a noite, matutando sobre como, dia seguinte, fazer algum obséquio, agradar a um amigo. Por mim mesmo que comemore ainda muitos aniversários, lance mais livros, jamais poderei esquecer a lindeza da festa que, com outros amigos, preparou pelos meus sessenta anos, no Ideal, no seu, no nosso Ideal nem as minhas noites de autógrafos que organizava com tanto brilho e tanto carinho. Nós merecíamos, juro que merecíamos, usufruir, mais tempo, da convivência com Luiz Carlos Aguiar.

## **Alegria, alegria**

**A**s vezes, quando sou forçado a parar o carro na esquina da Avenida Desembargador Moreira com Santos Dumont, sou abordado por um mendigo que, por defeito na coluna vertebral, se arrasta pelo chão quente como um

réptil. Lembro-me de que um dia desses, vi-o conversando com um colega e presenciei o sorriso largo, feliz que lhe iluminava a face. Passava a impressão de homem venturoso. Fiquei pensando com meus botões como vivendo outra vida, sem as limitações físicas nem materiais daquele pobre-diabo, às vezes nos queixamos de nossas miúdas desgraças. De pequenos aborrecimentos que magnificamos, exageramos talvez porque não temos, graças a Deus, grandes problemas que nos aflijam.

### **Não sou supersticioso**

Acho superstição bobagem, infantilidade. Taí defeito que não tenho. Lembro que, há anos atrás trouxe da Praia do Morro Branco um lindo búzio, daqueles que dão a impressão de que imitam o marulho das ondas. Coloquei-o, todo feliz com a lembrança cearense, em lugar visível na sala. Visitou-me logo depois o saudoso jornalista Tomaz Coelho que, ao ver o búzio, exclamou logo: “Jornalista, tire este negócio daí. Dá um azar danado”. Discordei. Mostrei-lhe, com excelentes argumentos, que superstição não podia ser acatada por gente esclarecida, como nós. Supus tê-lo convencido. De noitão, quase descambando para a madrugada, peguei o búzio e o deixei num móvel da portaria do prédio em que habitava. Ele sumiu assim de minha vista, de minha vida.

### **Leônia**

Leônia Cavalcante será sempre lembrada pela classe dos jantares que oferecia quando casada com o deputado Deusimar Lins Cavalcante, por quem nutria intenso ciúme.

A nós, repórteres junto à Assembléia, chegavam notícias de que o parlamentar só saía de casa depois que ela media a altura da gravata que conferia, na volta, na tentativa de identificar os muitos embates vespertinos do marido.

## **A perigo no Ideal**

**C**orri risco de vida nos salões do Ideal Clube. Conto já como foi. Era governador Parsifal Barroso, eleito em 1958, pelo PTB, pequeno partido e que não conseguira montar ampla base parlamentar na Assembléia Legislativa. Por isso em questões delicadas, dependia de negociar, um a um, com os deputados que se proclamam independentes. Rolavam estórias feíssimas de suas exigências ao Executivo. Certa vez, saindo de minha tolerância habitual, fiz menção às chantagens deste grupo. Um deles que, por sinal, se dava comigo e tinha fama de atirador certeiro, subiu à tribuna para protestar contra o que escrevera e ameaçar fazer-me engolir o jornal em que publicava minha coluna. Não tive dúvidas. Fui à redação da PRE-9, no Edifício Pajeú (onde hoje se encontra instalado o Tribunal de Contas do Estado) e lá escrevi carta ao presidente da Assembléia, Franklin Chaves, repudiando as ameaças e dizendo que perdera o medo de alma desde que a ama tentara, em criança, me assustar, envolta num lençol.

Fui, depois, ao escritório de Dorian Sampaio dizer que não podia mostrar medo. Não podia faltar à sessão da Assembléia Legislativa, sob pena de não poder jamais aparecer lá. E lhe pedi emprestado o revólver que ele me entregou prontamente. Passei a andar com aquele trambolho na cintura.

À noite, como de costume fui, descuidado e tranqüilo, ao restaurante do Ideal. Ao entrar no banheiro, então ao lado do balcão do restaurante, dei de cara com o deputado que me ameaçara à tarde. Fui em frente. Ele não se dispôs a cumprir a promessa macabra.

Penso, porém, comigo mesmo: o que teria feito se ele me agredisse? Jogaria o revólver na cabeça dele? Tentaria apertar o gatilho? O pior é que treinara atirar com uma Wálter que Carlos Jereissati me dera e o fazia, virando o rosto. Que tal a pontaria de tal atirador?

O certo é que de tamanha confusão se salvaram todos. Voltei ao meu uísque. O valentão retornou às mesas do cassino de que era freqüentador inveterado.

O certo é que depois o parlamentar, homem de maus bofes, ameaçara seu rival municipal se este ousasse ocupar a tribuna. Sua ameaça não surtiu efeito. Pois bem, quando o outro parlamentar ascendeu à tribuna, ele o alvejou com os seis tiros de revólver. Por sorte, uma dessas sortes que ocorrem de mil em mil anos, o alvo não foi atingido. Apesar de muito alto, o adversário se baixara na tribuna ficando fora do alcance das balas do outro.

Foi o bastante para que a Assembléia Legislativa se reunisse e cassasse o mandato do "*valiente*", com total apoio da Imprensa.

## **Brasileiro e Idalino**

**F**reqüentávamos eu e Lúcio Brasileiro, no comecinho da década de sessenta, o restaurante do Ideal onde nos abastecíamos de notícias para nossas respectivas colunas. Neste tempo, jovem, mas pretensioso até do que sou hoje

em dia, não gostava de quem sentasse à mesa sem pedir licença e, principalmente, sem nada acrescentar à conversa. E, na insolência dos meus vinte e poucos anos, não hesitava em pedir que o intruso se retirasse. Se hoje não sou modelo de humildade, imagine-se a petulância do jornalista de rádio, jornal e televisão, em seus verdes anos.

Um poço de presunção, Lúcio Brasileiro era mais tolerante. Assim, às vezes, vendo-o em companhia que não me aprazia, sentava à mesa distante da sua e lhe mandava bilhetes de cobrança: “Quando sentaremos com Idalino?”. Idalino era um criminoso famoso pelo cruel latrocínio cometido contra ingênuos comerciantes paraibanos que atraiu e matou para lhes roubar bens e dinheiro...

Na versão do Brasileiro, semanas depois, ao chegar ao Ideal ele me encontrou em cordial conversa com o “Idalino”. Quando depois me questionou sobre a súbita indulgência para com o cidadão cuja companhia condenara, teria respondido: “Ele confessou que lê minha coluna todos os dias.”

## **Na Praça do Ferreira**

**E**screvo, sentado a um banco da Praça do Ferreira, engraxando os sapatos, ao lado de vendedoras ambulantes de café. É de manhã e a brisa suave torna aquele instante radioso. Não vejo nem ouço, como à tarde, aqueles pregadores inflamados – quando mais isolados, mais estimulados – que ali aparecem, esgazeados e estridentes, apontando-nos o caminho da salvação. Não entendi porque à tarde aumenta o fervor catequético.

Talvez seja o Sol que lhes aqueça a fé e a disposição de nos salvar a alma. Um dia destes, um dos pregadores era sorveteiro. Detive-me em lhe ouvindo a prédica enquanto, ao lado, amigo observa, cético: “Tanta oratória para vender um picolé”. O servo do Senhor não interrompe o apostolado nem quando vende o produto. Sabe lá o que é nos remeter às bem-aventuranças do céu, ao mesmo tempo em que nos refrigera o corpo com um gostoso doce gelado.

Vejo, na Praça do Ferreira e em derredor a decadência do Centro da cidade. Decadência irremediável de vez que dali desertaram os três poderes, as principais agências de bancos e as melhores lojas. Creio que a única saída consistirá em transformar os edifícios abandonados em residências para a classe média. Será?

Saio da Praça do Ferreira na companhia do escritor F. Silveira Souza. Vamos caminhando ao lado da Cidade da Criança até a Praça do Coração de Jesus. Lembro os tempos que ali acorria para quermesses e festas. Ou de manhã, de domingo, quando levava meu filho, Francisco José a passear no barco de pedalinhos, no lago que ali ainda existe. São coisas que o tempo levou.

## **Sou grato**

**N**ão tenho certeza de que sou grato. Porque, como sou um cara de alma escancarada, contudo tudo aqui inclusive os favores que me fazem. Creio que a publicação do nome do autor de tais benesses lhes garante o reconhecimento público. Publicação, para mim, é quitação. Por isto me considero quitado, sem saldo devedor. Na esperança de mais.

Costumo dizer que a gratidão, principalmente a gratidão pública, divulgada constitui forma de investimento.

A gente é mais grata quando espera novas benesses. Tosticamente, falando: é mais rendoso agradecer a Sarney e Itamar, porque têm possibilidades de nos aquinhoar com novas prebendas, que a Collor que parece não ter hoje presente, nem futuro, só passado.

Fica a lição: a gratidão é tanto mais fervorosa quando se pode aguardar outro favor daquele a quem manifestamos nossos agradecimentos. É quando timbramos, nos empenhamos, mais estridentemente em mostrar o quão somos agradecidos.

Tudo obsoleto.

Há muita coisa que não existe mais e que era presença em minha infância. Um dia desses, ouvi o Juarez Leitão falar de paçoca pilada. Já não existe mais pilão de madeira. Muito menos de pedra para pilar a paçoca, o feijão, o milho. Nos escritórios não existe máquina de escrever. Um dia desses, e já faz tempo, foi uma correria danada na TV Globo de Brasília quando se precisou de uma delas para preencher um formulário. A salvação é que alguém se lembrava de um contador antiquado e foi ao seu escritório, usar a máquina sobrevivente. Ninguém usa mais mata-borrão. Nem papel carbono. Muito menos a prensa que funcionava como copiadador.

Há ainda alguém que use brilhantina como aquela com que ensopávamos o cabelo de adolescente? Onde vamos encontrar irmãs de caridade com aquele chapelão armado que lembrava aeroplano prestes a alçar vôo?

Ninguém mais vê padre de batina. Muito menos de batina preta, como nos meus tempos de menino.

Aparecem alguns e a gente sabe que não são da Igreja Católica, pertencem a credos novos e buscam, com o uso da sotaina, alguma credibilidade.

Quando adolescente, trabalhei no Correio da Semana, de Sobral, jornal que ainda circula. Naquele tempo, não havia linotipo. Muito menos computador. A composição gráfica ia tirando para formar palavras.

Às vezes, o cordão ou arame não era suficiente para manter as letras juntas e tudo se esparramava pelo chão, obrigando a nova tarefa, nova pesquisa.

Com a Internet a gente nem lembra que as emisoras de rádio recorriam a jornalistas para captar noticiário divulgado por congêneres no Centro-Sul. Eram os radioescutas. Exerceram tal ofício, na Rádio Iracema, Fernando César e Frota Neto que terminaram secretários de Imprensa do presidente da República. Lembro o pânico do telegrafista, da Ceará Rádio Clube, Napoleão Pimentel, não querendo chegar perto do aparelho de telex, inimigo de seu emprego. O telex passou. O fax chegou com a modernização dos aparelhos telefônicos.

Hoje a gente escaneia texto e manda, via Internet. Na hora. Com perfeição.

## **Palácio do Comércio**

A livraria do Arlindo, no térreo do Palácio do Comércio morreu. E foi sepultada sem choro nem vela talvez por se inserir em mais um capítulo do esvaziamento do Centro da cidade. Aquele local era o quente da cidade quando abrigava no prédio do Museu do Ceará a Assembléia Legislativa em torno de que muita coisa

girava, inclusive o Hotel Brasil, situado nos fundos, onde se abrigava o astuto José Firmo Aguiar. Ficava perto da agência central do Banco do Brasil e dos Correios. Ali vivi as primeiras emoções de colunista político diário inclusive a ameaça que um deputado, considerado valente, de me fazer engolir o jornal em que escrevia. Na esquina da Floriano Peixoto com São Paulo, o Banco de Crédito Comercial, comandado por Júlio Rodrigues, homem limpo física e moralmente. Rezam as lendas que lavava as mãos depois de trocar shake-hands com cada cliente do estabelecimento que recebia. O Palácio do Comércio era o quente quando cheguei a Fortaleza. Abrigava consultórios e escritórios de gente famosa e a Associação Comercial. Não me lembro de haver freqüentado o Café Belas Artes, do Osvaldo Azin. O Banco União, do Luiz Vieira, comandado por José Pontes Oliveira, também no térreo do prédio, sim. Fui lá, uma vez, com Lúcio Brasileiro, sempre solidário, levando *papagaio* com dois bons avalistas, para levantar dinheiro com o Pontes. Transação que era vista por nós, como uma espécie de favor, tão confortável é o papel do banqueiro.

### **Adiantamento de receita**

Antônio Câmara, irmão de dom Miguel, amigo da Praça do Ferreira de esperar os jornais do Sul junto à banca do Paixão, costuma dar esmola de um real, todos os dias, a um mendigo que decidiu proteger. Um dia desses o pedinte revelou ao Paixão, da banca de jornal da Praça do Ferreira, que pretende pedir-lhe adiantamento de receita. Que ele proporcione, agora, anteci-

padamente, o que dará até dezembro para lhe permitir, com tal ajuda, pagar a conta de luz.

### **Que idade mesmo eu tenho?**

Antigamente, estava muito na moda mulher negar idade. Hoje, muitas delas não estão nem aí para o calendário. Alardeiam seus cinqüenta, seus sessenta, seus oitenta, até o centenário. Lembro-me de uma que tanto mentira quanto a seu nascimento que, uma vez, indagada a respeito não pôde fugir à perplexidade: Quantos anos tenho mesmo? Mentira tanto a respeito que até esquecera.

### **Confraria cearense**

No começo, o jornalista Fernando César, que gostava de receber mesmo nos tempos iniciais (e magros) de Brasília, convidava dois ou três colegas de jornalismo, como o Wilson Ibiapina, o Milano Lopes, o Inácio Almeida e este criado para almoçar, às últimas sextas-feiras do mês. Foi aumentando o número de convidados. Apareceram conterrâneos mais ilustres, ministros de Estado e ministros de Tribunais Superiores. Embaixadores. Até o ex-presidente José Sarney. E hoje, às vezes, passa de vinte o número dos cabeças-chatas que almoçam numa sexta-feira do mês, primeira ou segunda, para trocar idéias contemporâneas e revisitar lembranças dantanho. É algo que devemos ao antigo radioescuta da Rádio Iracema de Fortaleza, o ex-secretário de Imprensa da presidência da República, Fernando César Moreira Mesquita.

## Mal acostumado

Quando, terça-feira, cheguei ao Country de Fortaleza, com o polegar enfaixado por conta da voracidade de manicure brasileiro, alguém me indagou quem cuidara de mim. Expliquei que fora Régis Jucá. Uma senhora presente indignou-se: “Só por isto foste ocupar um médico do nível do Régis?” Aí me dei conta de que agira como os americanos jogando bombas poderosas para matar um afegão, cavalgando, sem rumo, seu jegue pelas montanhas. Usei bomba atômica para espantar muriçoca.

Não foi esnobação, juro. Só me lembrei de Régis Jucá quando vi o polegar inchando, por conta da imprudência da manicure. Não ia deixar de procurar amigo tão querido para me submeter aos cuidados de algum ajudante de farmácia do subúrbio. Confesso, porém, que fui mal acostumado pela vida. Deu-me amigos sempre melhores que eu. Foi graça divina. Ando, por exemplo, organizando lista dos que gostaria fossem a Lisboa para o lançamento da edição de “Vida, paixão e morte de Etelvino Soares”. Escolhi dois Josés. Um Sarney, o ex-presidente. Outro, Saramago, Prêmio Nobel de Literatura que já deu a honra de jantar, duas vezes, em minha casa. Não sei se eles comparecerão. Sei apenas que ficaria feliz com tão ilustre presença.

Roer é mais barato. Pra quê manicure? Um conhecido invejoso dos hábitos alheios me interpela: para quê manicure? Estive prestes a concordar com ele que se trata de profissão desnecessária. Por mim, roeria, com tranqüilidade, as unhas das mãos. O que ficaria mais complicado, em dispensando tal profissional, residiria

em fazer o mesmo às unhas dos pés. Talvez ele me pudesse valer neste transe.

## **Cumpra agradar os amigos**

**U**m amigo não se entusiasmou com a idéia de editar livro de homenagem ao Régis Jucá, desdenhando tal tipo de homenagem. Se fosse a uma instituição, vá lá, admitiu. Não penso assim.

Estou noutra e muito feliz. Por isso discordo. Primeiro, porque adoro puxar o saco dos amigos enquanto vivos. Quando podem ouvir nossos elogios, saber do bem que lhes queremos, da admiração que lhes temos.

Escrever-lhes comovido necrológio não adianta nada nem me faz feliz. Além do mais, por que iria eu homenagear a Faculdade de Medicina? O Hospital de Messejana? Curto é gente. O médico que bebe comigo, ouviu meus patéticos receios de entrar no bisturi, agüenta ouvir estoicamente minhas velhas estórias.

## **Como em Paris**

**F**aço de conta que estou em Paris e peço caneta e lápis ao “Tatu”, amigo garçom, do “Colher de Pau”, da Praia de Iracema e recorro a mais recente gafe que cometi. Estava num sarau sobralense com direito à música erudita no piano e à presença de talentoso poeta que também canta. Este declamou poemas de autores que amo e cantou baixinho músicas de que gosto o que foi suficiente, ao lado do generoso scotch, para que me entusiasmasse. Podia ter ficado de boca fechada, onde não entra mosca.

Nem é comida e bebida que engordam. Sabem os leitores o que fiz, vibrando com tal companheiro? Virei-me para sua mulher, uma gentil moça e arquiteta de profissão e assim o elogiei: “Pode não ser bom marido, mas é uma grande presença na noite”. Ela, moça de fina educação, naturalmente, não passou recibo da bobagem. Maior quando me dei conta de que o vate jamais se inscreveu no partido dos amigos, atualmente nem mais bebe, sorvendo somente inocentes licores caseiros. Apenas, como poeta e boêmio, ama a noite, é freguês da madrugada, gosta de declamar, a desoras, poemas para outros boêmios, como fez naquela noite. Que diabo de direito tinha eu para formular tão extemporânea hipótese?

Busco uma explicação. Talvez, no fundo, seja aquele pecado que tanto critico nos outros. O brasileiro não elogia outro brasileiro com medo de parecer veado. Ser suspeito de homossexualismo. Por isso, nosso louvor vem sempre travado por um “porém”, um “mas”. Talvez por força dessa tradição cultural, haja formulado à distinta dama hipótese tão desarrazoada.

## O papão

Um dia desses me recordaram personagem da Praça do Ferreira, onde ia, todas as tardes, semear comunismo, depois de distribuir ‘A Classe Operária’ e ‘O Democrata’. Era o português Manuel Batista Ferreira, o Papão, segundo as lendas exilado de Portugal por sua adesão à luta pela independência de Angola e pela república espanhola ameaçada pelo fascismo de Franco. No Brasil, conheceu o cárcere muitas vezes, a primeira delas, em 1935, outra já bem velhinho em 1964. Na prisão

da Ilha Grande conviveu com Graciliano Ramos que se irritava com ele por imitar, de madrugada, o cocoricó do galo, atraindo represálias e mau humor dos carcereiros. Rezam as lendas que, depois dos 80, em 1964, velhinho, foi preso no 23º BC onde ouviu interpelação de jovem tenente, lotado de fervor revolucionário: “Você não tem vergonha de ser comunista tão velho?”. Teria retrucado: “E você não tem vergonha de ser fascista tão moço?”.

Doutra feita, narra Alberto Galeno, foi em cana por pichar muros, com propaganda vermelha. O delegado não o levou muito a sério: “Então, meu velho, me contaram que você é comunista. Isto não é verdade ou é?”

Resposta do preso: ‘No inverno e no verão’. O delegado achou graça na resposta, mandando Papão embora. O que não ocorreu quando fazia pichações da campanha ‘O Petróleo é nosso’, no Passeio Público, pelo que pegou um mês de cadeia.

Há quem lhe atribua haver, ainda, pichado muros, com os dizeres: “Lenin maior que Cristo”. Chamado às falas pela Polícia, apelou para a estatística: “Cristo viveu, há dois mil anos e tem tantos milhões de seguidores. Lenin fez a revolução de 1917 e pode somar muito mais discípulos que Jesus Cristo. Não é assim muito maior que ele?”.

Alquebrado, pelos anos, dormia mal no chão de cimento do quartel do 23º BC, transformado em prisão.

Quando informado de sua libertação, deitou-se no corredor do local e ficou ali um tempão até ser advertido pelo comandante: ‘Você não ouviu que está livre, pode sair’. Ele explicou: “É que estou descansando. Só agora posso descansar”.

Por sua militância política, foi extraditado para Portugal no repressivo governo Dutra. Intensa campanha

de mobilização da opinião pública fez com que fosse libertado do navio em que viajava, em Natal.

Pobre, muito pobre porque empregado no bar de um parente, na confluência da Rua Major Facundo com Clarindo de Queiroz, pediu, no fim de seus dias, dinheiro aos amigos para aquisição do caixão em que seria enterrado.

## **Histórias de comunistas**

**M**uitos de minha geração conheceram Aloísio Gurgel, então solteirão, rico e comunista convicto. Fazia seu proselitismo principalmente na Praça do Ferreira, então o coração da cidade e não era muito levado a sério pela suposição de que se tratava de grande proprietário urbano. Aloísio durante a II Guerra Mundial, chegou a romper com eminente general russo por duvidar da estratégia, seguida por ele para enfrentar a invasão dos nazistas alemães. Contam ainda as lendas que, certa vez, foi ao Crato em proselitismo de seu credo político. Falando a um grupo, exaltou-se no elogio do progresso da União Soviética. À certa altura, antevendo os progressos da ciência, registrou: 'A agricultura na Rússia está tão adiantada que o algodão lá nasce colorido, e, quando querem, multicolorido'. Um ouvinte, cético ou reacionário, aparteou: "Só se for adubado com bosta de pavão".

## **Camarada Emília**

**Q**uando Emília, filha do médico comunista Hyder Correia Lima, foi eleita Miss Brasil, uma das manchetes cogitadas pelo jornal do partido, "O Democrata" era esta:

“Camarada Emília é a nova Miss Brasil”. A custo o poeta Aloísio Medeiros convenceu os colegas de trabalho da impropriedade de comemorarem vitória em promoção tipicamente capitalista.

Quando um comunista de Missão Velha, José Cadete, freguês de cadeia, foi mais uma vez preso por militância partidária, Pompílio Filho, então secretário do jornal, não deu por menos e abriu manchete de primeira página: “Zé Cadete preso por ordem de Truman”.

## **Guilherme Neto**

**D**ata de 1958, ano em que ingressei na Ceará Rádio Clube como redator da “Crônica do Ceará” e de legendas para o programa “Um seresteiro canta em surdina” meu conhecimento com Guilherme Neto, então diretor artístico da emissora, que aprendi a respeitar e a estimar. Éramos, então, jovens, como todo o mundo e não nos eram alheios os encantos de Vênus. Muito menos, no meu caso, os prazeres de cultivar Baco. Nem tudo, porém, foram flores em nosso relacionamento. Recordo que fiquei furioso com ele quando vetou divulgação de crônica de minha autoria, dirigida contra a tentativa de reeleição de Crisanto Moreira da Rocha para deputado federal em controvertida eleição suplementar, marcada pelo facciosismo. Se sou hoje, na boquinha dos setenta, jornalista apaixonado e arrebatado (e que Deus assim me conserve até o fim), imaginem vocês, há cinquenta anos atrás. Vi, depois, a sobrançeria com que enfrentou felonias e traições de colegas que lhe queriam arrebatam o cargo, o que terminaram conseguindo, sem lhe ouvir recriminações nem manifestações perfeitamente

compreensíveis de ódio. Depois passamos juntos para o concurso de “realizadores” de programas de tevê, da primeira TV Ceará, ofício que não cheguei a exercer. Reencontramo-nos em 1968 eu, como editor-chefe de “Unitário” e “Correio do Ceará”, ele, estranhamente, como diretor-comercial dos dois jornais, apesar de jamais haver demonstrado qualquer pendor para a publicidade e a atividade mercantil.

Ali pude dele mais me aproximar, admirar, mais uma vez, a correção de sua dignidade e grandeza em enfrentar dificuldades pessoais. Vivi eu àquele tempo período complicado de minha vida particular e encontrei, em seu ombro, o apoio para encarar turbulências do destino. Chamava-o, por vezes, ao restaurante do Ideal que freqüentava, para confidenciar-lhe minhas mágoas, a ele transmitidas, com aspereza, às vezes, até grosseria.

Antes gostaria, porém, de contar que quando cheguei aos jornais, assinava Guilherme duas crônicas em “Unitário”, sob pseudônimo. Um deles deliberadamente suburbano, de Ivanise Santos. Outro de Ivan Sodré. Que desapropriei, numa época de muita fertilidade intelectual com total falta de modos, iniciando a carreira de cronista. Rimos muito quando, certa feita, Herculano, policial que serve ao Palácio da Luz, nos trouxe carta “anônima”, indagando por que não nos definíamos, sexualmente, se por Oscar Wilde, se por Catarina da Rússia, que recebia legiões no leito imperial, isto pelo uso do pseudônimo feminino. Não foi difícil adivinhar até pelo portador onde fora escrita a correspondência, de autoria de Geraldo Fontenele, com apoio do então chefe do serviço de Imprensa do governo do

Estado, Nertan Macedo. Hoje o reencontro, às terças-feiras, no Country Clube, presidindo o Clube dos Gatos, reunião, destinada a cultuar Baco, ouvir músicas e declamações de poesia, ele, fumando sempre seu cigarrinho e tomando as sete doses de cachaça semanais a que se mantém fiel. Fiel, ainda, ao pessimismo e ao jeito masoquista de se desvalorizar, ele que tem feito o possível para sabotar a publicação, em livro, de crônicas que todos lemos e de que gostamos. É como deter a Legião de Honra, ser amigo de Guilherme Neto. Taí uma amizade que só me engrandece.

## **Luiz Costa**

**Q**uando eu vinha de Sobral a Fortaleza, nas férias escolares, ficava no sítio de meus avós em Messejana. Taludinho, não buscava a companhia de contemporâneos. Gostava era de adultos. Por isso sempre que podia, passava as tardes no escritório de despacho aduaneiro de Luiz Costa. Ficava na Rua Major Facundo, 153, no Edifício Salim que pode desabar, qualquer dia desses, roído pelo cupim. Defronte de Carlos Jereissati, no andar superior a boate Fascinação que ainda não freqüentava. Vizinho, naquele sobrado onde uma árvore teima em nascer, de vez em quando na varanda do primeiro andar ficava outra pensão alegre, a Império.

Mas não era tais sítios de lazer que queria falar e, sim, de Luiz Costa que era o tio que tinha fama de boêmio na família, talvez porque fosse desquitado ou gostasse de sua cervejinha. Não sei bem. Do que tenho certeza é que se tratava de um cara bem-humorado, dotado de muita alegria

de viver. Em solteiro quando voltava, tarde da noite para casa, meu avô Chico Bento se levantava para servi-lo. Ficava indagando sobre o que queria beber ou comer. Ele ria do zelo paterno, ironizando: “Não tem freguês, não?” Quando, aliás, um mendigo, agradecendo-lhe esmola, lhe desejava muito dinheiro, fortuna e felicidade, ele brincava: “Se você tivesse assim tanto prestígio com Deus, ia arranjar tudo isso era pra você mesmo”. Talvez, por superstição, seu carro, a precária camioneta que chamava de Fobica, não dava marcha à ré, mas muita carona. Porque ele era e é doido pra fazer um favor, defeito que os filhos herdaram. Basta conhecer o Marcos para ver o que é um campeão de obsequiosidade. No porta-luva do carro, para escapar dos que amam dar conselhos, estava escrito: “Sei errar sozinho”.

Luiz Gonzaga Ferreira Costa foi a primeira pessoa a me levar a sério, a conversar com o bisonho adolescente que era, a me convidar para jantar com ele nos restaurantes que freqüentava. Ele entra na minha biografia por interferência bem mais importante. Foi quem falou a Luiz Campos, então diretor de redação da “Gazeta de Notícias”, para me admitir no jornalismo diário.

Antes disso, porém, como dizia freqüentava seu escritório onde trabalhava ao lado de outro tio Hosames que, uma tarde, me deu dinheiro para comprar livro de presente e se decepcionou porque trouxe, debaixo do braço, livro de aventuras de Rafael Sabatini. Houve, porém, pior, muito pior. Luiz queria me presentear com par de sapatos escolhidos por mim, sem interferência de ninguém. Pois lá fui e de lá voltei com uns sapatos amarelos.

Horrendos dum escandaloso amarelo manteiga que os dois tios encararam, silenciosos, com compassiva discrição.

Luiz tinha a fama de ser bem-sucedido com as mulheres, inclusive as alheias. Sei que, até um dia desses, de quando em vez, nos apresentava mais um primo, produção que a gabolice da família estima em cinco dezenas. Sem falar nos que não apresenta, por motivos óbvios.

Nascido em 1912 (embora as más línguas digam que é de 11 de 11 de 1911) nada tem de bem material no crepúsculo da existência, a não ser a recordação dos muitos amores e das inúmeras amizades. Aprecia tomar o ônibus e dar passeios, sozinho, nas cidades da área metropolitana. E sorve duas cervejas por dia, temperatura natural como fazem os europeus e não estupidamente geladas como as consomem os brasileiros.

Luiz Costa, meu tio, meu amigo, meu companheiro na adolescência, é, realmente, tipo inesquecível.

### **Emílio, o eterno major**

**Q**uando entrou em nossa roda, Emílio Burlamaqui foi visto com desconfiança, temerosos de que fosse agente secreto que buscava infiltrar-se. Logo, logo, desfez as suspeitas pela sua integridade e correção de sua amizade. Era, então, major, razão pela qual Lúcio Brasileiro não cessou de chamá-lo major, à inglesa, mesmo quando fora promovido. Eram os torvos tempos de Médici em que mergulhávamos a cabeça no copo de uísque para não ver a realidade trágica que ia lá fora. Fez-se prazerosa presença em nosso grupo, composto principalmente dos casais Tarcísio Tavares e Luiz Carlos Belo Parga e dos solteiros, como Lúcio, eu, Emílio, Milton Dias. Lembrome de, nesta época, escrever algo na coluna do Maurício

Xerez, que viajara, brincadeira sobre suas conquistas amorosas e dizer ao final: “Será que vou ser chamado à 2ª seção da Décima Região por conta disto?” Ele, depois, pediu não repetisse a gracinha, aludindo, discretamente, aos aborrecimentos por que passara por conta da publicação. Em 1981, o coração andou me pregando um susto. Recebi muitas visitas de amigos. Ele e Lúcio Brasileiro vieram de Fortaleza só para me ver.

Quando estava em Paris, me escreveu sobre a morte de amigo comum dizendo temer que, daí em diante, só nos reuníssemos, de pé, no velório de amigos e conhecidos. Pois é, morreu discretamente sem velório nem flores, na solidão a que se condenara. Deixou, porém, a lembrança de seu cavalheirismo, de sua amizade, nos tempos de nossa convivência diária.

## **Erasmus, um vencido da vida**

**Q**uando ponderaram a Eça de Queiroz não corresponder à realidade o título de “Os vencidos da vida” sob que se abrigavam ele e alguns amigos de notório êxito em suas profissões, o autor de “Os Maias” argumentou: “Se um cidadão sonhou em amealhar um milhão e chegou apenas a novecentos e noventa e nove é um fracassado, um vencido da vida. Da mesma maneira que aquele que anelava ser cabeleireiro e não tem melenas a tosquiar como desejava, é outro derrotado. Pode estar vitorioso noutra área, não aquela que aspirava”. Trazendo o caso para a área política, Leonel Brizola também pode ser considerado um vencido na vida.

Aspirava a presidência da República e não chegou lá. Foi governador do Rio Grande do Sul quase menino,

se elegeu duas vezes governador do Rio, mas não sentou na cadeira de primeiro magistrado da Nação.

É o que me ocorre quando leio homenagem que o engenheiro Erasmo Pitombeira presta ao pai, Manoel Ferreira da Silva, seu “Neco”, ao fim da qual proclama sua incompetência por não haver sido vaqueiro como o autor de seus dias. Que nem Brizola foi tudo, mas não presidente. É certo que ele e os irmãos acumularam um caminhão de títulos universitários nos Estados Unidos e na Europa de fazer inveja, mas não foram vaqueiros. Vencidos da vida.

### **Inveja dos êxitos, até imaginados**

O amigo Emmanuel Vasconcellos me dizia um dia desse que haveria menos inveja no mundo, se as pessoas se gabassem menos, fossem mais fieis à verdade, confessassem também insucessos e não proclamassem apenas vitórias. Um dia desses me queixei de que tudo quanto conquistei se deveu ao fato de ter ido atrás, procurar, perseguir enquanto vejo a felicidade com que os outros tudo obtiveram. Um garante que os filhos obtiveram o primeiro lugar do curso primário à escola superior. O outro foi convidado até pelo New York Times para ali publicar sua coluna, preferiu continuar no estaleiro. O terceiro é campeão de sexo digno de ser mostrado no Fantástico ou nos manuais de fisiologia humana. Sem falar nas mulheres que acorrem a seu leito, atraídas por seus irresistíveis encantos. É claro que o cara que não inventa tais potocas, ao ouvi-las e nelas acreditar, sente-se diminuído, humilhado e com uma pontinha de inveja destes campeões que nunca levaram porrada, que

sempre foram príncipes na vida como no poema de Fernando Pessoa.

### **Encomendadeiras**

Vou consultar o Gilmar de Carvalho sobre a figura dos que encomendavam agonizantes na senda do céu, antigamente. Quando a agonia se prolongava além da conta, estes encomendadores alteavam a voz nas orações que proferiam enquanto encalçavam, pressionavam o peito do moribundo, apressando-lhe o encontro com a vida eterna.

### **Cláudio e os netos paulistas**

Cláudio Castelo, psicanalista paulistano, nascido no Cedro, levou os netos, todos nascidos em Piratininga, num passeio de recordação e saudade – para ele – sem nenhum significado para os descendentes, pelo Centro de Fortaleza. Ele saiu do Ceará em 1966 e não pode querer que os herdeiros, aqui nascidos, sejam cearenses.

Muito menos os filhos dos herdeiros. Aquela mostra dos pontos históricos e turísticos da Capital foi apenas para aliviar a consciência cearense, dizer a si mesmo que fez tudo, mas não houve jeito porque os meninos não se interessaram, nem podiam se interessar por tais visões. Por mim, não nutro ilusões a respeito. Meus filhos de Brasília nada têm a ver com Sobral nem com o Ceará por mais que viva falando nas duas cidades, perante eles, visitando-as e escrevendo livros sobre elas. Eles são da Capital Federal. Não podem assim apreciar, como eu, cajus, sapatias, tapiocas, rapaduras e outras comedorias. Nem falo só da cultura alimentar.

O que eles têm com o Beco do Cotovelo, com dom José, com Chico Monte, com Deolindo Barreto? Nada.

Muito menos com meus (muitos) amigos de Fortaleza a quem nem viram e se viram foi tão rapidamente que não podem lembrar. Todos os outros valores cabeças-chatas lhe são estranhos.

## Martins Filho

**A**proximei-me de Martins Filho na última quadra de sua existência depois que comemorara seus noventa anos em Lisboa. Encontrei-o no comando da editoria Alagadiço Novo, dando ordens, cobrando providências, arrecadando dinheiro para financiar a publicação de livros.

Foi, por seu intermédio, que publiquei: “Louvação de Fortaleza”, que pretendia lançar numa livraria de obras portuguesas da Rue du Sommerard em Paris. Ele deu o contra. E bem em seu estilo mandão desfez meu projeto:

“Você quer lançar seu livro na bodega do Joaquim? Não vai, não. Vai lançá-lo na Unesco”.

Era amigo do embaixador brasileiro junto à Unesco, o cearense Jerônimo Moscardo de Sousa que me tratava fraternalmente, mas não me atrevia a lhe solicitar patrocínio para noite de autógrafo de livro marcadamente provinciano. Pois ele telefonou ao diplomata e conseguiu seu apoio, arranjou meios de mandar à festa de lançamento do livro do ex-reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto e o futuro reitor René Barreira, dois amigos diletos.

De volta ao País, ele editou ainda “Rache o Pro-cóprio”, “No après-midi de nossas vidas” e “Como me tornei sexagenário”. Esteve presente à apresentação dos livros, nos salões do Ideal Clube.

Foi, durante esta época, que me confidenciou estar amando. Fiquei todo encabulado de ouvir tal confissão de um homem público que centenário me habituava a ver lá em cima como o fundador e consolidador da Universidade Federal do Ceará que, em tal condição, me entregara em 1962 o diploma de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Falou de sua solidão e da felicidade de haver encontrado parceira com quem se sentia muito bem. Não me animei a dizer muito e somente a apoiar sua opção, contra a opinião, de alguns.

Achava que se trabalhava duro, se estava solitário, tinha direito ao amor.

Este Martins Filho pode ser lembrado pela origem. Filhos de modesta família do Cariri, eles não eram simples serra, como se dizia. Formavam uma cordilheira pela preeminência conquistada, por conta de talento e raça. Eram Martins Filho, Fran Martins, o grande especialista em Direito Comercial, Cláudio Martins, poeta, todos os três merecidamente professores universitários, autores de livros e integrantes da Academia Cearense de Letras. Para não falar nos que se notabilizaram em outros ofícios e outros Estados.

Será sempre recordado pelo fazer, pela ânsia de realizar que o consumiu até quase ao centenário que tanto pensou em comemorar, mas não atingiu tal marco. Ele não apenas lutou pela fundação da Universidade Federal do Ceará, como na qualidade de seu reitor, consolidou-se pela criação de muitos cursos superiores.

Tudo rápido, quase instantâneo porque assim o queria, assim agia.

Esteve ainda à frente da Universidade Estadual do Ceará em que deixou sua marca.

Quando era lícito pensar que o lutador fatigado encostaria as chuteiras, voltou à carreira de editor. Arrecadou papel e recursos com amigos importantes, como o todo-poderoso Roberto Marinho e passou a publicar quase trezentas obras de autores cearenses, marcando indelevelmente sua presença na literatura e na história cearense. Foi lá que o conheci e quando dele me aproximei e me beneficieei de seu estímulo pra lançar quatro obras.

### **30 anos de Brasília**

**E**stou fazendo trinta anos de residência na Capital da República, a cidade em que passei a maior parte dos 67 anos de existência. Morei primeiro em Fortaleza 04 anos, depois 13 em Sobral, 19 em Fortaleza, com um ano de permissão no Rio e o resto aqui onde me encontro.

Foi a dois de dezembro de 1974 que chegamos a Brasília, para morar. Para gostar. Dei-me tão bem que na Capital nunca tive ressaca, nariz sangrando (talvez só me tenha ocorrido uma ou duas vezes), reclamei da falta de esquinas, nada. Vim para gostar e gostei e daqui só saio para o crematório.

Claro que, como todo velho, acho que Brasília já foi melhor. “No meu tempo... É a tentação a que nos rendemos...” Quando aqui cheguei, era a verdadeira ilha da fantasia a que os pobres, isolados no cinturão de asfalto, razão pela qual o clima era mais favorável. Nem trafegavam tantos automóveis, ingurgitando o trânsito, acumulando-se nos estacionamentos das quadras, obrigando ao pagamento de tarifas aos guardadores de veículos como este restaurante que exige remuneração

ao local onde deveria ocorrer o corpo-a-corpo, a discreta donzela só fez um pedido ao futuro parceiro, o de absoluto silêncio. De não dizer a ninguém que ela fora sua. Foi a vez do rapaz arrenegar. Assim, não queria, não. “Se não pudesse espalhar a conquista, de que lhe valia?” Assim nada se passou entre os dois que ele pudesse contar aos amigos. Foi do que me lembrei quando Danilo, mais ou menos da minha idade, mas ainda lotado de sonhos na área, me mostrou seu carro novo, de vidros fumê. E explicou porque o ensombrado das janelas: “Se eu descolar uma gatinha esperta, jeitosa, posso andar com ela por toda a parte e ninguém vê”.

Chamei-lhe a atenção para sua burrice. Na idade em que se encontrava, não podia querer o segredo para uma conquista: “Se conquistares mesmo um brotinho assim, não deves só abrir as janelas do carro. Tens mais é de alugar o papa-móvel e desfilar na Avenida Beira-Mar para mostrar de que ainda és capaz. Escancarar”.

## **Coragem de quê?**

**Q**uando estava no exterior em 1995 o saudoso José Bonifácio Câmara me enviou cartão-postal exaltando a coragem de me operar do coração em Paris. Fiquei matutando comigo mesmo sobre se merecia a homenagem. Acho tão engraçado este tecido de equívocos que se vai enroscando em torno de minha biografia. Não sabe ele o quão covarde sou. O medo que senti. Durante os quinze anos em que andei fugindo do bisturi. Antes. Depois da operação quando me vi mais cheio de pontos que estudante aprovado em vestibular e me dei conta de sua gravidade, do abismo que pulei. É verdade que

passado o evento, devo reconhecer que não carecia ter tido tanto medo, não. Mas tive.

Não sou valente. Não tenho, como dizia meu pai, coragem de mamar em onça. Ocorre que, quando ia fazer qualquer exame, os médicos, assumiam tal ar de pânico que quis saber a razão. Eles foram claros; se ficar, o bicho pega. Se fugir, também. Asseguravam que carregava uma bomba atômica no peito, bomba que podia explodir a qualquer momento. Isto nos outros já é grave, vá lá na gente. O negócio era resolver logo. Por que, porém, aqui na França e não em Fortaleza, com o Régis Jucá, tendo dona Dolores por perto?

Não dava. Tinha um trabalho a executar em Paris. E a temporada de estudos dos filhos no Velho Mundo. Você não é só você, sua bolsa, seu livro, seu copo de vinho. É você e sua circunstância. Tinha de ser em Paris. Não fui tão destemido, assim, como pensa o Bonifácio em enfrentar a solidão dum hospital estrangeiro. É que no seu colégio de cirurgiões, havia uma voz brasileira acatada a me socorrer. Era o médico brasiliense, Leonardo Esteves Lima, com experiência de dez anos em trinchar corações alheios. (Que me levou a seu chefe, Prof. Iradj Gandjbackch que, esteve em todas as folhas do mundo como tendo feito uma operação sem abrir o peito do paciente. Faça-nha que o discípulo repetiu logo depois em Brasília. Por que não esperei por ela?) Por isso, fui. E, felizmente, voltei. Estou aqui, contando a estória.

Outra vez foi um deputado estadual que subiu à tribuna da Assembléia Legislativa para me ameaçar de engolir o jornal em que escrevera algo que lhe desagradara. Que devia fazer diante do valentão? Deixar de frequentar o Poder Legislativo? Mudar de cidade? Trocar

de profissão? Morrendo de medo, voltei lá dia seguinte. Ele esbravejou de novo desaforos da tribuna e ficou por isso mesmo. Por causa disso, durante um ano inteiro, eu andava com um revólver no cós, arma que o Dorian Sampaio me emprestara. Serviria para quê? Para jogar na cabeça dele se me agredisse? Talvez só para isso.

Esta fama que termina me acompanhando decorre de fatos consumados, diante dos quais tive de me curvar. Em 1966, quis passar de testemunha a protagonista. De repórter político a deputado. Não tinha um tostão no bolso ou no banco. Nem apoio de ninguém importante. A não ser os amigos. Fui o candidato mais votado do MDB a deputado. Não me elegi por falta de combustível. De vil pecúnia para comover o eleitorado interiorano. Diante de tal brilhareco, houve amigos que me exaltaram a intrepidez. O destemor. A ousadia. Que nada!

Como jornalista, estava habituado à rotina do vereador. Do deputado estadual. Que acordavam, com um “doido” amarrado à porta, vindo, de jipe, do Interior, para ser hospitalizado de qualquer maneira. Ou que tinha de aviar uma intervenção cirúrgica urgente. O enterro a pagar. Tudo que explodia no peito, na mão do despachante, digo do vereador, do deputado e ele tinha de resolver, sozinho. Encarar. (Não foi coragem coisa nenhuma). Só por isso, fui logo candidato a uma cadeira na Câmara dos Deputados, para ficar longe das bases, da realidade eleitoral, hoje o confesso.

## **Antes de entrar na faca**

Como lhes tenho contado, não cessa a curiosidade dos cirurgiões cardiovasculares em torno de minhas entranhas. Como resultado, terei de entrar na faca. O que

diverte é ouvir dezenas de palpites, alguns mais que palpites, imperativos sobre o que devo fazer. Ninguém bota feijão em minha panela nem me oferece caviar, todos se acham, porém, no direito de dizer como devo viver, como devo morrer. Alguém me sugeriu recorrer a um médico de Aracaju cujo bisturi é quase tão bom quanto o do Régis Jucá. Outro me propõe recorrer a este cirurgião que tratou do Max Nunes e, por isso, foi entrevistado no Jô Soares. São tantas propostas que vou aceitar idéia do herdeiro Carlos Eduardo. Acha ele que não devo dispensar nenhum desses palpites.

Aproveitar todos os cirurgiões indicados e reuni-los em torno de mim, deixando a cada um pedacinho a cortar. A vontade que tenho é de pedir a tanta gente empenhada em me apontar soluções é que me deixem morrer por conta própria, como sempre vivi. Se quiserem fazer algo, rezem. E, em voz baixa para não me tirar a paz. Isto me faria muito feliz.

Alguém estranha que esteja brincando diante de intervenção tão delicada. Claro morro de medo de perder a festa. Mas o que devo fazer: debulhar-me em pranto, em público? Em que isto me ajudaria?

## **Decadência**

**P**aulo Elpídio de Menezes Neto me pergunta pelo que tenho lido. Quase nada. “Balada de amor ao vento” da moçambicana Paulina Chiziane. Umas velhas estórias do Joel Silveira a respeito da burguesia paulista. Ando tentando ler as memórias de David Rockefeller. Ao menos para saber como nascem, vivem e morrem os milionários. Parto duma certeza: são diferentes de nós.

Têm mais dinheiro. Tenho lido pouco. Carlos Eduardo já observou: “Pai, quando bebias, lias, ao mesmo tempo, o Jorge Luis Borges, o Mello Mourão e o Erich Marie Remarque. Hoje não bebes e ficas apenas vendo novela de televisão”. A virtude é companheira da mediocridade.

## LAMÚRIAS

**M**inhas crônicas estão ficando cada vez mais parecidas com as de Humberto Campos, no fim da vida, em que detalhava misérias continuadas que o levaram à morte. Mas não era disso que queria falar e sim, de minha incoerência. Aos dezesseis anos, getulista, criado num lar getulista, ouvia todas as noites, deliciado, a pregação golpista e reacionária de Carlos Lacerda. Não mudei muito.

Agora quando foi a vez de pular a fogueira paulista, ri muito quando Cláudio Castelo, psicanalista de fama em Piratininga, me recomendou rezar. Rezar, mesmo sem acreditar.

Vi que a coisa era preta. E como sempre faço em tais tranSES, procurei manicura e pedicuro para eventualidade de comparecer, de unhas aparadas à presença do Senhor. Não foi só. Na hora de fazer as malas, recomendei com insistência, incluir na bagagem garrafinha de água de Fátima, ‘da melhor safra’, como registrou a colega Teresa Carneiro, que dali a trouxe, com resultados muito positivos.

Isto quando Cláudio e a Dra. Leda Sales Braúna me havia, posto no caminho do maior cirurgião cardiovascular da América Latina, professor Sérgio Almeida de

Oliveira, que me passou a um clínico, das altas responsabilidades, Dr. Edimar Bocchi e me alojaram num hospital padrão internacional como o INCOR.

Apesar do apoio caloroso de tais potências terrestres, curvei-me às preces e devoções de dona Dolores. No primeiro telefonema que lhe dei após a delicada intervenção cirúrgica, participei-lhe de que estava vivo, queria acompanhá-la a Canindé, como de praxe e, depois participar da festa dos seus noventa anos. Assim somos nós lotados de temores, incoerências e contradições.

Estava eu pegando no sono, no INCOR quando me adentra o recinto, comboiando enorme máquina que parecia saída da fábrica de tecidos Ernesto Deocleciano, ou no mínimo da Tipografia do Luiz Aquino, ambas de Sobral, com seu operador devidamente irritado pelo horário da convocação. Não sei por que o apartamento do INCOR me lembrava o do Praia Centro, do meu amigo Ivens Dias Branco. Por onde a gente caminha, vai levando pedaços, resquícios, de lembranças e experiências passadas.

Já estive a perigo, tantas vezes, houve até quem noticiasse minha partida, que temo perder o impacto quando for mesmo. Haverá sempre alguém perguntando: E o Lustosa morreu mesmo?

Um amigo, para ser gentil ou por convicção, me saúda: “Então agora estás novinho em folha, zerado?” Outro, referindo-me a mais uma prótese na aorta, prevê: “Agora vais viver cento e vinte anos”. Não aceito o elogio nem a previsão embora me apetecesse fossem verdadeiros. Recebi reparos numa retífica de primeira linha, é certo. Agora um cara de 65, que se submeteu a

duas cirurgias do coração, pode estar tudo, menos zero quilômetro, um menino. No máximo, é um ancião que sofreu recauchutagem, melhora para continuar aqui em baixo. Sem tais ilusões. Muito menos a de durar mais de um século quando os amigos estarão mortos e faltará com quem conversar.

X X X X

No final da temporada passada no INCOR, ao receber a última visita do professor Dr. Sérgio Almeida de Oliveira, tive vontade de lhe agradecer, beijando-lhe as mãos que me salvaram a vida e me desnacionalizaram a aorta torácica. Seria, porém, uma atitude à la Assis Chateaubriand, exuberância que em nada combina com sua discrição de gentleman mineiro. Sem falar em que Raquel me advertiu de que a desnacionalização da aorta torácica não aconteceu, agora. Ela não era mais tão virgem, tão verde-amarela quando lhe chegou às suas mãos. Já recebera prótese, fabricada no Japão, foi em Paris, em 1955, no Piié-Salpetriere, das mãos do professor iraniano Gandjbakhch.

## **Sete vidas**

**T**enho pulado cada fogueira que, quando chegar à última, ninguém vai mais acreditar. Os amigos já terão gastado as emoções, parceladamente. Basta lembrar o susto que lhes preguei, com a cirurgia em França de 1995, a dengue que me assediou, ano passado no Ceará e que quase me leva. E o susto desta operação inesperada, recente. Quando for mesmo, os amigos, fatigados dessas

emoções, nem acreditarão: “Ele escapa como das outras vezes. O Lustosa tem sete vidas. Pode ter sido apenas estratégia de sobrevivência: ele andava meio apagado e queria voltar a ficar na moda”.

## **Amigo ou inimigo?**

**Q**uando de meu primeiro problema cardíaco em 1981, a cardiologista ligada ao consultório de Adib Jatene, Dra. Maria Helena, ao olhar minha radiografia, indagou se eu fumava. Quando disse “sim” e que eram de quarenta a sessenta cigarros por dia, ela não acreditou: “Pois não há sinal disso em seus pulmões, não”.

Fiquei com a impressão de que punha o cigarro aceso entre os lábios, mas não sabia fumar. Pois bem. Para minha surpresa, quando me submeti à segunda intervenção na aorta torácica em março, enfrentei alguns problemas pulmonares, debitados pelo doutor Bocchi, cardiologista que me assistia, à nicotina, ao fumo do passado. Um amigo leigo, que parou com o vício, há um ano, garante que este tempo é suficiente para liquidar o passivo da nicotina, dos efeitos negativos do cigarro. Há quem entenda isto?

Não tenho por que me arrepender do cigarro de que usei e abusei até os quarenta e tantos anos. Apenas registro as divergências dos médicos.

Agora que o fumante está se convertendo num pária está. Daqui a pouco estará tão isolado quanto nos Estados Unidos. Contou-me amigo meu que foi a uma festa ali. Ia tudo muito bem, quando sentiu vontade de fumar. Foi à presença do dono da casa perguntando onde podia curtir seu cigarrinho. Ele nem hesitou.

Levou-o até a porta de saída, deixou-o lá fora, no frio e na neve, dizendo, com total naturalidade: “Aí você pode fumar à vontade”.

## **Lugar de nascer e morrer**

**P**ara gente do meu tempo, nascer e morrer devem acontecer em casa. É o que queríamos os da velha geração.

Tal desejo está cada vez mais difícil de concretização. Como podem as mulheres parir em casa, se não há mais parteiras para “aparar” os novos brasileiros? Os médicos, por sua vez, ganham tão pouco dos planos de saúde que mal podem olhar por dez, quinze minutos para os pacientes.

Como poderão ter tempo para assistir ao parto em domicílio? O mesmo ocorre com a morte. Ninguém em são juízo quer terminar seus dias, na fria solidão da UTI.

Ocorre, porém, que é uma complicação tão grande para a família quando um ente querido morre em seu seio. Vem a Polícia, vem o legista, vem a aporrinhção de provar que o defunto virou defunto por conta própria sem nenhuma ajuda de filhos, genros, netos, cônjuges desejosos de se livrar dele ou de entrar na posse da herança. Sem falar em como é pouco prático descer com o “presunto” pelo elevador do edifício. De modo que nascer e morrer em casa são coisas do passado.

## **Nível de médicos**

Ao me ver cuidado, em Brasília, pela gastroenterologista Irene Saraiva, seu marido, o pneumologista Carlos Saraiva & Saraiva e pela cardiologista Leda Sales,

um vizinho médico brincou: “Com uma trinca dessas, só morres se fores muito incompetente”.

## Sem pena de mim

**F**iz umas brincadeiras em torno do regime que me tornou freguês daqueles queijos que apresentam gosto de isopor e fui mal atendido. Houve quem dissesse que apelava para a autopiedade, para a autocomiseração, queria que tivessem pena de mim. Nunca, nunquinha. Jamais pude pensar que página tão bem-humorada corresse risco de considerarem seu autor novo Jó que, sentado no meio fio, raspa suas feridas com um caco de telha que exhibe aos transeuntes. Longe disso, amigos. Prefiro que me invejem, a que tenham pena de mim. Afinal, a vida me tratou a mim, pobre filho da Piedade, com larguezas principescas. Não tenho porque me queixar.

Muito pelo contrário. Repito o que o Lúcio Brasileiro dizia trinta anos atrás: “Se houver um abaixo-assinado do mundo reclamando da vida, o Lustosa não pode subscrever, não”.

Realmente, não tive, tenho, terei (pelo menos por enquanto) razões para tal lamento.

Dos meus receios, só dum me livrei. O de ser enterado vivo. Escapei dele por haver optado pela cremação. Tenho medo ainda e muito de que a cancela do estacionamento caia sobre meu carro antes de eu haver concluído a passagem por baixo dela. De que o cara que corta o coco com uma das mãos danifique os dedos. Ou então que tal desgraça aconteça ao que prepara a carne com a serra elétrica do açougue. Graças a Deus nenhum

desses receios se confirmou. E, covarde como sou, peço-lhe que se tiverem de se confirmar, não o seja em minha presença.

### **Fiz-me por mim mesmo**

Nunca disfarcei o orgulho de ser filho de mim mesmo. De haver aberto sozinho meu caminho. Hão de dizer que não fui muito longe. Reconheço. Lembrando, porém, que meu avô paterno, o velho Chico Bento, para manter a família, matava porco pra vender no antigo Alto da Estação, então me conformo. Para quem passou ainda parte da adolescência no Beco da Piedade, até que devo a Deus agradecer por tudo quanto me deu.

Vejo, porém, a trajetória de alguns colegas de profissão que também furavam o muro e sou forçado a reconhecer que possuem maior mérito, pois vieram de mais longe. Não tiveram, como tive, o teto e o pão garantidos. Viveram em sórdidas pensões de que, às vezes, precisavam fugir, para escapar ao pagamento. Comeram o pão que o Diabo amassou e, às vezes, nem tão diabólico alimento.

Por tais humilhações nunca passei. "Seu" Costa e dona Dolores proveram tudo até que comecei a ganhar meu dinheirinho, como funcionário do Náutico Atlético Cearense. Ainda assim, por excesso de gastos que marcaram e marcam minha existência, eles sempre me socorreram nos apertos. Lembro do primeiro terno, comprado à prestação na Casa das Máquinas, do Gontran Nascimento, ali na Rua Barão do Rio Branco.

Pretendia mostrar-me mais velho para garantir o primeiro emprego. Dona Dolores terminou por pagar as

últimas parcelas de meu débito. Para lembrar que eles viviam com dificuldades, porém, com dignidade, lembro que quando me tornei bacharel ela me presenteou com suntuoso anel que nunca usei por estar acima, muito acima, de meus conhecimentos jurídicos. Assim não me faltam méritos, sou justo comigo mesmo, menores, porém, de que os de muitos colegas e amigos que viveram vida mais fácil em seus primórdios.

### **Observando as coronárias**

**S**ubmeto-me ao cateterismo mais uma vez. Em 1981, estive neste mesmo lugar, acompanhado da mulher e do Cláudio Castelo para ver como estava o trânsito do coração. O médico era um maranhense, creio que Dr. Eduardo de Sousa. O certo é que o cateter (o fio) acabou e o esculápio, não tendo a quem culpar, me responsabilizou por isso. Desta vez, o profissional foi Exedito que, depois de examinar a primeira coronária, proclamou-a perfeita. E saiu. Fiquei todo cabreiro, temendo que ele fosse concluir outra cineangiocoronariografia, na sala vizinha. Que nada. Ele foi atrás de um fio mais comprido que ultrapassasse minha superdimensionada aorta cardíaca.

Apareceu, na sala, um jovem médico cearense, filho de cardiologista, neto do Gualter Alencar Araripe, José Luís Falcão que me faz a fineza de transmitir, imediatamente, à mulher, a notícia de que o trânsito do sangue pelas duas vias está correto.

X X X X

Estava eu certo de que me submeteria à operação do coração, terça-feira. Mobilizei-me emocionalmente,

juntando uns fiapos de coragem para enfrentar o inevitável. Para o que contei com a forte solidariedade de amigos e parentes. Quando cheguei a São Paulo, a desmobilização. Houvera engano. Não haveria a intervenção cirúrgica. Fiquei furioso, desesperado, chateado. Um amigo me contou, porém, posteriormente que o irmão, várias vezes, se preparou para o transplante de fígado. Foi ao hospital, deitou-se ao leito, foi, devidamente, contido até que o dispensaram. O fígado encontrado não lhe servia. Enfrentou tal provaçãõ várias vezes até que, um dia, quando não esperava chegou o dia e ele foi devidamente transplantado.

Aprendi, mais uma vez, que dona Dolores tem razão quando lembra que sempre pode acontecer algo pior. (2004).

## **Sobreviver foi meu ofício**

**P**ois é, 2003 está terminando. Foi tão rápido. Alguém me explica porque esta impressão. O neto, Arthur Henrique, vai para os cinco. Então um ano é um quinto de sua existência. Para mim, quanto é? Um sessenta e cinco avos de vida. Por isso, nos parece que o tempo anda depressa está indo, se esvaindo e a gente doida para retê-lo, segurar uma beiradinha e nada ele vai em frente, ninguém o detém.

Depois da vitória da Revolução Francesa a guilhotina trabalhou sem parar. Não rolaram apenas pescoços reais, da aristocracia. Por fim, os dos próprios revolucionários. Tanto assim que indagaram de Sieyès o que fizera durante este tempo e ele respondeu: "Vivi". Foi mais ou menos o que me aconteceu este ano. Pois é

amigos, ainda estou aqui. Escapei da voracidade da guilhotina, por um triz. Conto já: em maio andei raspando o travessão.

Pegou-me a dengue. Depois de dez dias enfiado no Monte Klinikum, ouvi, do médico Lúcio Cortes, metáfora ferroviária:

“O trem da morte passou e você chegou atrasado”. Como se não bastasse tal sentença, crise no coração me levou a ficar mais cinco dias hospitalizado em Brasília justo no estabelecimento onde aquela goiana foi roubar filho que não podia produzir.

Escapei felizmente e não foi a primeira vez que isto me aconteceu. Não quero dizer tenha sete vidas como gato. Mas que Deus me tem dado oportunidades inúmeras de superar perigos, adversidades, riscos mortais isto tem e a Ele agradeço. Quem pagou o pato foram os leitores.

Porque, com medo de partir rápido, tratei de imprimir, logo, dois livros, “Sobral cidade das cenas fortes”, repositório de bem-humoradas histórias de padres da Princesa do Norte, entre as quais, esboço de biografia do padre, prefeito, deputado, motociclista, aviador, don Juan, José Palhano de Sabóia que, talvez por isso, esgotou logo. Nunca vira antes livro meu vender com tanta rapidez. E “Dicionário do Lustosa” que somente lançarei em março ou abril, no Ideal, reunindo crônicas. Crônicas para puxar o saco de amigos. Antes que virem presidente da República, Prêmio Nobel da Literatura, governador do Estado ou reitor da UFC que tem sido o destino da maioria deles. Para que não passe por áulico, trato logo de mostrar o quanto gosto deles, antes dos títulos, das honrarias que os esperam.

Não me sentia bem lançando outro livro, agora. Dou o maior valor ao sacrifício que as pessoas fazem, vestindo-se, tomando o carro, buscando vaga para estacionamento, entrando nos salões do Ideal e entrando em fila enorme (graças a Deus, digo) para esperar o livro autografado. Não teria sentido convocá-las a mais uma noite literária no mesmo ano. Era pedir demais a gente, tão querida. (2003).

## **Xodó comigo**

**P**ositivamente, Deus tem um xodó pro meu lado. É sempre Pai e amantíssimo, jamais padrasto. A vida tem-me prodigalizado muitos instantes felizes pelos quais sou grato à Providência Divina. Penso no pouco tempo que dediquei à literatura, no escasso esforço dispensado às letras e no relativo êxito de meus livros. Quando me dou conta do estilo trabalhado, torturado, sofrido de muitos prosadores e de meu trabalho desataviado, corrido, a que nunca assistiram tais cuidados e esforços, ofício de jornalista obrigado a entregar, ao final do dia, sua tarefa, ainda mais agradeço a Deus sua proteção. É muito mais do que sonhei. Tudo proteção de Deus, de que sou protegido, favorito.

Aí dou conta do elogio de Claude Lèvi-Strauss, o intelectual do século em França, depois de Sartre. De Alice Raillard, das Edições Gallimard. Por equívoco que se vai generalizando, mundo afora, há quem goste dele também em Portugal. Quando volto para casa, encontro recado, na Internet, do editor Fernando Correia da Silva (aquele jornalista luso que, quando exilado, trabalhou na Folha, criou a Folhinha, depois

morou no Ceará), anunciando a próxima de contrato da ORABEM, editora que orienta, para edição lusa de meu livrinho. É muita proteção de Deus, de quem sou filho, não enteadado, xodó.

## **Sem sofrimentos até agora**

**D**ona Dolores, na boquinha dos 90, apesar de muito afeiçoada aos remédios, não sofre nenhuma doença. Vez por outra, dor de cabeça. E só. De origem nervosa por não poder resolver os problemas de todos os netos, filhos, parentes, como se habituou a fazer, ao longo de prestante existência. “Seu” Costa teve pressa de partir aos 85 anos. Por isso há quem me preveja vida longa, apesar das extravagâncias. Uma coisa devo agradecer a Deus: nunca senti nada. Nem enxaqueca. Nem dor de cabeça, a não ser as que me acometeram no tempo em que tinha ressaca. Vou morrer bonzinho. Peço à Providência Divina me proporcione velhice de tal qualidade.

Sem sofrer nem acarretar sofrimento aos outros.

Vocês me perguntarão: e quando sofria de aneurisma da aorta torácica? Nada. Nenhum mal-estar. O mais surpreendente foi que dela me operei em Paris e não sofri nada. Hão de dizer que, em transe idêntico, o ex-presidente Figueiredo se queixou: “Foi como se uma jamanta passasse por cima de mim”. O incrível é que, por algum mecanismo psicológico que o inconsciente engendrou, não padeci nenhuma dor. Aliás, logo que o Salpêtrière foi aberto às visitas, sofri mal-estar como se as vísceras tivessem sido reviradas, houvessem mudado de lugar. Foi só. O Carlos Eduardo me fez uma fricção e o incômodo passou.

## **Desânimo e falta de ar**

Em maio, quando tive de me enfurnar em dois hospitais, estava passando mal. No primeiro caso, sentia uma moleza que não é hábito e atribuía a uma vinhaça tomada na véspera com o Moacir Maia. No segundo, e tudo ocorreu em maio, sofri falta de ar. Internei-me e o médico falou em arritmia. São os desconfortos de que me recordo nestes quase sessenta anos de divertida peregrinação sobre o planeta.

## **Acupuntura é a solução**

Basta de falar em doenças. Como o ácido úrico não baixa, apesar da medicação, recomendam-me acupuntura. Fui lá receber minhas agulhadas. O profissional, que me atendeu, prometeu resultados positivos, em dez sessões. Submeti-me aos exames na era aprazada e o ácido úrico fez foi subir. Nada. Continuo com minhas sessões de acupuntura.

Pode não resolver o problema, mas não fazem mal. Sem falar naquela paz, naquele sossego, que quase dá para dormir enquanto fico recolhido, espetado por dez agulhas. Não melhora, é certo. Não faz mal, e é tão agradável.

## **Milionário por uma tarde**

**S**ou um cara lotérico. Sempre acho que vou ganhar o sorteio. Mal acabo de fazer a aposta na Mega Sena, começo a investir o prêmio, como se ele já fosse meu. É vício antigo. De que não me emendo. Pois bem. No

começo do ano, apostei na loteria alemã fazendo apostas por três meses. O Guilherme Neto vai dizer que não há ninguém mais crédulo de que eu e o Lúcio Brasileiro. Neste caso, porém, era o dia do último sorteio da referida loteria. Estava posto em sossego esperando que abril chegasse, quando, ao abrir o micro, encontro mensagem sob o título “Congratulations”, enviada pela Telefort Lottery Internationall notificando-me de que ganhara um milhão de dólares, devendo procurar o advogado João Peter para embolsar a bolada.

Chamei Carlos Eduardo e lhe passei a boa-nova, recomendando-lhe se abstinhasse de efusões meridionais, euforia ostensiva e ameaça de deixar o emprego. Ele ouviu o relato do pai, sua promessa generosa de torrar tudo em imóveis para a prole, com prudência. Tudo muito british. Quando Raquel chegou, lhe mostrei o e-mail recebido. Não gostei de que ela, de saída, perguntasse como me chegara o recado, claro que através do computador e me advertisse para a possibilidade de ser armação com vistas a um golpe. O cara, segundo sua previsão, terminaria por pedir dados pessoais, número da conta bancária, senha do cartão de crédito e findaria por dar grave prejuízo.

Na iminência de me tornar milionário, irritei-me e condenei sua mediocridade da herdeira por não pensar grande, não imaginar que podíamos ganhar um milhão de dólares. Nem estranhei que o comunicado não contivesse meu nome e tivesse vindo em inglês, para ganhar mais credibilidade, mas endereçado ao senhor ou à senhora, espécie de circular. Circular para anunciar prêmio de um milhão de dólares? Afinal, um milhão é um milhão em toda a parte, menos no Ceará em que é apenas troco.

Comecei a me convencer de que me encontrava diante de uma armadilha, montada para tomar os magros dinheiros de incautos como eu. Espertalhões que não sei como tiveram acesso à compra de meu bilhete da loteria alemã e ao meu endereço eletrônico. Ia começar a suspender os investimentos programados, já aplicara os dois milhões de reais e lá vai pedra em dois apartamentos para cada filho, tão bom pai sou principalmente, depois de ganhar nota preta. Não se esgotaram aí meus motivos de felicidade.

Aí me chegou envelope do Ouro Cap, aquele do Banco do Brasil, cujo prêmio maior pode atingir dois milhões e meio de reais, justo o de que preciso para deixar para os filhos algum patrimônio, fora livros velhos. Fiquei pensando que era uma compensação da Providência Divina. Não me dava o prêmio alemão, mas o brasileiro, o vernáculo. Abri a comunicação e vi que ainda não me chegara o prêmio anelado e merecido. Apenas o extrato do investimento relativo ao primeiro trimestre. Só assim que pouco a pouco voltei à realidade de minha quebradeira, rabo entre as pernas, crista baixa, com a decepção que acomete os ex-milionários.

Raquel, que, pelo visto, tem mais juízo que o pai (o que não constitui grande vantagem), foi pesquisar e descobriu que muita gente já se “beneficiara” deste presente da loteria germânica. E que eu para o receber, teria de transmitir ao “escritório de advocacia” indicado por ela nome, endereço, número da conta bancária e senha do banco. Depois de enviar oitocentos e cinquenta euros para pagamento de despesas necessárias ao recebimento da bolada. Que tal?

Fiquei rico só duas horas até que adviesse a decepção, a volta à realidade. Pior foi filho de amigo meu que

passou uma semana, certo de que iria virar milionário. Só lhe faltou enviar o dinheiro, pedido pelos golpistas.

Quando eu ganhar a Mega Sena que espero ganhar, sozinho, os vinte e dois milhões, com aquela nota preta no bolso, iria tentar adquirir a residência solarenga de Antônio Montalverne, construída em 1918, conservada pela viúva Marfisa até seu último dia, e, hoje, pela filha Rute tal qual ele a deixou em 1928 quando morreu atropelado, no Rio. Era tanto dinheiro, que iria ganhar, que investiria pequena parcela na Fundação Jornalista Lustosa da Costa para preservação da memória histórica de Sobral.

Como dizia, em ganhando, sozinho o prêmio da Mega Sena, iria tentar adquirir a casa de Rute Montalverne, em Sobral. E, se o conseguisse, instalaria a Fundação naquela casa apalacetada, mantendo-a tal qual ela se encontra. Minto. Colocaria, em seu frontispício, o acréscimo de placa com o nome da instituição que ali se abrigaria. Claro que a Fundação teria função cultural. Não apenas preservaria documentos da história da Princesa do Norte, como funcionaria a produção de livros a respeito de seu passado, suas glórias. Mas o que me aprazeria seria o nomão escrito na fachada daquele prédio que olhava, quando criança, com unção e respeito, quando por ele passava rumo ao Educandário São José e, às vezes, era parado por dona Marfisa que, de sua janela, chamava o menino velho amarelo que eu era, para conversa.

Hão de dizer os modestos que esta Fundação Lustosa da Costa está para meu sonho como o emplastro Brás Cubas para aquela personagem de Machado de

Assis: “O que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplastro Brás Cubas. Para quê negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas”. Pois é. O Lustosa queria também o arruído, o foguetório, o oba-oba em torno do criador da Fundação. O seu emplastro.

Em matéria de sorte, não tenho por que me queixar. Deus me prodigalizou mais que era lícito esperar. Por isso, só ganhei na Loteria, uma vez. Foram dois mil dólares na Loto francesa quando residi em Paris. Aqui, na há jeito de embolsar esses vinte, quarenta milhões da Mega Sena. Por isso devo resignar-me ao milhão do Ouro Cap, do Banco do Brasil. Dá para comprar apartamento em que poderei acomodar, confortavelmente, meus livros que estão escondidos na fileira atrás da estante ou em caixas de papelão a que não tenho acesso. Deixaram de ser meus. E de lambuja, além do apartamento-biblioteca, ainda um Santana prateado.

Ou então adquiriria apartamentos modestos (tão caros os preços dos imóveis de Brasília) para os filhos.

Coisas de pobre.

## **Médico? Não**

“**S**eu” Costa trouxe de Sobral alguns agregados. Lembro-me de dois deles, irmãos entre si. Um morreu atropelado, creio que ali no comecinho da Rua Assunção. O outro trabalhou com ele, como contínuo ou servente do IAPC, de que era diretor de pessoal. E terminou, à sua sombra, virando funcionário da Previdência Social.

Aconteceu que, anos depois, meu cunhado, José Benevides, pretendeu disputar cadeira na Câmara de Vereadores. Travou-se, então diálogo entre contínuos e serventes do instituto, um deles protegido de meu pai. “O Benevides é genro de “seu” Costa que te arranjou este emprego”. O outro, num muxoxo, recusou a sugestão: “Emprego? Um lugar de contínuo”. Espantado diante da pretensão e poucas letras do outro, seu colega manifestou surpresa: “E querias que ele te houvesse nomeado médico do IAPC?”.

## **O poder deixou de ser sagrado**

Tenho a impressão de que houve certa dessacralização do poder. Do poder do juiz. Do poder do vigário. Do poder do prefeito. Porque eles pareciam mais importantes porque distantes, sempre cercado de áulicos. Ou não? Será que os homens públicos se desmistificaram, desceram até o comum dos mortais? Os padres largaram o latim, a batina, os paramentos suntuosos pela aproximação com o vulgo? Para mim, são perguntas que ainda não têm respostas.

Não sou autoridade para falar. Fico meio confuso em abordar tal assunto. Estive sempre muito próximo deles. “Seu” Costa era amigo do bispo cujo anel beijávamos ajoelhados, meio genuflexos como ele exigia e como era praxe àquele tempo. Desde cedo meu pai me fez conviver com os grandes da política. Ia, com ele, à casa de Chico Monte, chefe do PSD de Sobral e deputado federal. Era compadre do genro dele, Parsifal Barroso que seria depois governador do Estado. Lembro-me de meu deslumbramento com a visita que ele nos fez, em Sobral.

Era, então, senador e padrinho de meu falecido irmão, Parsifal. Registre, espantado, a simplicidade do pai da pátria. Veio e partiu sozinho. E mais: estava puído o bolso de seu paletó de linho cinza-escuro. Foi a impressão forte que me ficou do acontecimento.

O poder do passado era inacessível à maioria dos mortais. Seus titulares andavam quase sempre acompanhados de cortesãos ou, mais precisamente, de puxa-sacos. Não sei bem o que havia. O certo é que ele hoje se me apresenta mais pobre, talvez porque destituído da pompa de antigamente.

## **A pompa e a circunstância**

**N**em sempre os poderosos eram tão simples. Nem andavam desacompanhados como Parsifal. O bispo dom José apresentava-se majestoso, freqüentemente num espetáculo deslumbrante de paramentos, cores e báculo dourado. Ele exigia lhe beijássemos, de joelhos, a pedra do anel. Pareciam importantes, porque distantes, talvez inacessível, juízes e padres. De lá para cá, será que houve uma certa dessacralização do poder.

Do poder do juiz. Do poder do vigário. Do poder do prefeito. Naquele tempo, pareciam super-homens. Hoje são gente como nós, povoados de defeitos ou condições iguais às nossas.

O presidente joga futebol com sua patota, gaba-se em discurso de seu vigor sexual. O governador anda sozinho de bicicleta. Faz também solitário, como exigem os médicos, suas caminhadas matutinas. Será que mudou nossa visão da autoridade? Ou houve mesmo esta perda do sacral? Ou fui educado no formalismo? Isto também é

verdade. Criança vi, escandalizado, o então governador Raul Barbosa dirigir o carro G 1 do posto que ocupava. Adolescente, surpreendia-me com a presença do governador Flávio Marcílio, no Cine Diogo (ou já era o São Luiz) talvez, como eu, refugiado ali no ar-condicionado, para fugir ao calor que reinava, na cidade, depois do almoço.

## Os riscos da volta

**T**enho muito medo da volta. Do cara que retorna à terra natal. Ao antigo emprego. À ex-mulher. Assim via, com receios, o regresso de Irismar e Marcelo Linhares a Fortaleza, depois de quase um quarto de século em Brasília. Não teriam aonde ir. Não achariam com quem conversar. Um monte de besteiras, como se viu.

Felizmente não houve motivos para tal. Ela logo se reintegrou na sociedade, por conta própria e pela família.

Ele se inseriu no Rotary e no Instituto do Ceará e, logo, logo era de tal sorte solicitado, requestado, convidado que, à certa altura, chegou a se confessar fatigado de tantos eventos sociais a que precisava comparecer. O que parece estar ocorrendo ao embaixador Dário Castro Alves, reincorporado à cena cearense, depois de cinquenta anos de glórias na diplomacia. Vai formar fileiras no Instituto do Ceará.

Sobrinhos não lhe faltam na terrinha pois só o Ivan lhe presenteou com dez, e como gosta de livros, não lhe faltará o que fazer à noite, tantos são os lançamentos literários. Assim minha teoria quanto aos riscos da volta está indo de águas abaixo.

## Torcendo pela desgraça

Os profetas torcem pelo êxito de suas profecias. Principalmente os que prevêem desgraças. A impressão que se tem é de que eles ficam fazendo figa, rezando para que as más notícias se confirmem. Para que possam dizer, feito marido diante de erro afinal configurado da mulher: “Eu não disse?” Portador merecia pancada.

Na antiguidade, os portadores de más notícias eram castigados pelos poderosos que viam neles identificação com as más novidades que transmitiam. Desgraça.

Há pessoas que se comprazem com a desgraça alheia. Vocês vêem a facilidade com que se junta multidão diante de vítima de desastre automobilístico? Conheço cara, tão afeiçoado à contemplação do infortúnio que gostava de freqüentar a antiga Assistência Municipal, o pronto-socorro do Instituto José Frota para acompanhar, de perto, os acidentes, as desgraças, as enfermidades graves, enfim, a infelicidade dos outros.

## Sem jeito de pobre

Nunca convenci como pobre. Não fui bem no papel de proletário. Certa vez, creio foi ainda no governo Geisel, houve greve de jornalistas. Fiquei com os colegas. O certo é que, estafado de meu desempenho trabalhista, fui almoçar no Gafe, restaurante metido à besta de Brasília. Lembro-me de que Carlos Chagas, como detentor de cargo de confiança porque diretor da sucursal do “Estadão”, não aderiu à greve. Trabalhou como um mouro e praticamente fez o trabalho dos 30 repórteres a ele subordinados. Acho que provou algo.

Porque há quem diga que hoje em dia as sucursais funcionam sozinhas. Não carecem mais de jornalistas.

## **A ajuda do destino**

**U**m dia desses relendo “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, como faço, todos os anos, encontrei a passagem em que ele relata o que sentiu após a partida da amante, Virgília, para o então longínquo norte: alívio e saudade, tudo misturado em doses iguais. É que o amor acabara, mas eles não sabiam, por preguiça, comodismo, sei lá porquê, como lhe dar um fecho, um final. Esperaram que o destino, com suas secretas leis, agisse por eles.

É sempre muito cômodo quando o acaso decide por nós. Daí o velho bruxo do Cosme Velho, falar na sensação de alívio.

Nem sempre, porém, o destino vem ao encontro de nossos desejos. Na infância diante de dificuldades que, depois pareceram insignificantes, a gente, às vezes, apela para a desgraça universal para levar, de roldão, o problema que nos aflige, que nos inquieta. É quando queremos que o mundo acabe antes que chegue a hora da aula e o professor nos cobre o trabalho que, tivemos tempo para fazer, e não fizemos. Mais tarde, rezamos pela destruição do mundo para escapar ao trote como calouros na Faculdade ou no CPOR. Para não perder o emprego.

Ou então o medo de perder emprego. Ou pelo receio póstumo de deixar sem pensão, tão voraz está o governo. Se viesse o fim do mundo, este problema seria resolvido.

## Questão de medo

**E**ça de Queiroz achava que não cometemos o maior dos crimes por temor do Código Penal ou de bengaladas. É que no seu tempo a bengala não servia apenas de apoio, de mostra de elegância, mas também de instrumento de defesa (ou ataque) pessoal quando necessário. Cito o meu caso. Ando com vida de monge, de asceta. Não me vanglorio disso. Este surto de virtudes não me ocorreu por acaso. E, sim, pelo medo de morrer. E antes disso, padecer fim inglório, sofrido, humilhante. Por isso, despedi-me de Baco, dos mariscos, dos bons queijos. E, contrariando, o que antes dizia, passei a caminhar todas as tardes, sem rumo e sem destino, por ordem dos esculápios. Quando fui ao cardiologista prestar-lhe conta de tal novidade, ele me interpelou: “Não está se sentindo muito melhor?” Não, não estava. Ele insistiu: “Não está se sentindo outro?” Não estava, era o mesmo de sempre. Era tal, porém, sua persistência que concordei para satisfazer-lhe a vontade, para fazê-lo feliz. Pelo visto, não basta seguir o método Cooper, sair por aí caminhando sem lenço nem documento. Além disso, requer-se fé. Se soubesse disto, ao invés de bater à porta do médico, tinha feito promessa a São Francisco de Canindé, meu xará, meu padrinho, em quem boto fé e de quem me tenho valido. Porque preciso não apenas andar e sim crer nas virtudes miraculosas do exercício, à vista, a curto prazo. Vou precisar acreditar que tais andanças me tornem outro filho de Deus, lotado de vida e de disposição. É obrigação crer.

Além de marchar.

## **Fiquei lá em baixo**

**A**o receber convite para os 25 anos do Ipuarana Club (encontro de ex-colegas de Seminário Franciscano), recusei, alegando haver sido expulso da convivência do grupo, em reunião realizada em Belém do Pará. Acuso, agora, chegada de renovação do convite, assinado pelo Clotário, em termos tão educados que fiquei lá em baixo, de cara no chão. Ele levanta a punição, aplicada pelo capítulo paraense e me reintegra na comunhão dos santos. Deu-me bofetada com luva de pelica, como dizia meu pai, pelo que peço desculpas pela brincadeira de haver atribuído caráter geral à excomunhão individual que me foi aplicada, em território tão remoto.

Tudo aconteceu porque relatei episódio da adolescência ocorrido no Seminário quando reclamei, em correspondência, para casa, da qualidade da alimentação que nos era servida. Sabe o leitor como o jovem é faminto. Pois bem. Os padres-professores liam nossas cartas e esta irritou, sobremodo, o padre-reitor. Que me recriminou, com veemência, na sala de aulas. À certa altura, disse: “Talvez não tenha igual em casa!”.

Nesses tempos verdes, era atrevido e repliquei no ato: “Não tenho igual porque é melhor”. O velinho se enfureceu e me expulsou, aos gritos, da sala de aulas: “Comunista! Comunista!”, repliquei no mesmo tom, com o que parecia supremo insulto: “Tedesco! Tedesco!”.

## **Contei**

Quando um século depois comentei, bem-humoradamente, tal episódio, queimei-me ante muitos colegas.

Passsei a ser, a seus olhos, um ingrato que tudo devia aos padres e falava mal de seu rancho, etc e tal. Caí até na besteira de dizer que a historiadora da família, Isabel Lustosa, ganhou reputação nacional, sem ter sido seminarista, bem como o Fred, diretor de revista lusobrasileira de gestão da Fundação Getúlio Vargas, sem também haver palmilhado os meus caminhos. Não adiantou. Em reunião do capítulo paraense dos ex-seminaristas de Belém, fui considerado como inimigo. E como não gosto de ir aonde não se agradam de minha presença, cometi a indelicadeza de dizer que não compareceria à festa de 25 anos do clube dos ex-alunos cearenses (que nada tinham com a sanção a mim aplicada) do Seminário de Ipuarana onde vivi dois anos e meio. Taí o meu pecado.

## **Muy amigo**

**Q**uando cheguei aos sessenta anos, comissão de amigos queridos organizou jantar nos salões do Ideal Clube que reuniu mais de cento e vinte casais da melhor qualidade. La crema de la crema. Tudo gente linda, dizendo-me coisas lindas, afagando meu ego. Pois bem. Dia seguinte, fui à Praça do Ferreira, de manhã, para ver se ali chegara eco da gloriosa noite anterior. Encontrei conhecido que me disse ter estado no restaurante do clube. Não entrara para me cumprimentar porque “eu estava muito sem jeito”. Fiz um ar de anuência, tão fraco é o caráter. Aí, ele foi fundo: “Tu estavas sem jeito porque ninguém te conhecia nem conhecia ninguém. Foram ali apenas para aparecer na coluna do Lúcio Brasileiro”. Quase eu concordava. Despedi-me e fui refletir sobre a inveja humana.

Lembrou-me outro conhecido que me procurou no Rio, em 1967, logo após perder a eleição para deputado e desfazer o casamento. Fiz tudo para evitar vê-lo. Ele apelou. Disse que queria falar a respeito da saúde do meu pai. Lógico que fui correndo encontrá-lo num bar de Copacabana, acho que o MONDEGO. Logo vi que não havia nenhum problema de saúde na família. Esgotados os assuntos, entendi que era hora de me recolher. Caí na besteira de dizer, por força do hábito: “Vou para o lar”. Ele, com toda a delicadeza, replicou: “Que lar? Não tens mais lar”. Outra vez, estacionei o *Fusca* ali à altura do prédio da APLUB para comprar jornais, no Abrigo Central, na banca do Almeida, antes de ir fartar o bandulho do Ideal Clube. Ao voltar para pegar o carro, defrontei-me com colega do Colégio Sobralense, sobraçando pesada pasta de medicamentos de que fazia propaganda. Estendi os braços, carinhosamente, para saudá-lo e perguntar-lhe como ia.

Ele, também muito carinhoso, replicou: “Não vou bem porque não sou jornalista picareta”. Depois vi que lhe assistia razão para tanta amargura. Fôramos colegas. Escrevia no jornal, no rádio, na televisão.

Ia encarar minha lagosta no restaurante de minha preferência, freqüentado pela elite do Estado. E ele ainda ia ouvir desaforos ou palavras de desdém dos médicos a quem ia apresentar as novidades em matéria de remédios. Logo me refiz do agravo, porque era jovem, o fígado saudável, o prato saboroso e o uísque da melhor qualidade. Apenas a Deus agradei o ter-me prodigalizado tanta coisa boa. E lhe supliquei jamais ser tocado pela amargura ou pelo ressentimento.

## Sem telefonema

Amiga de dona Dolores, Ivone Araújo não atende a chamadas telefônicas depois das 22 horas. Só pode ser notícia ruim. Se não é boa a novidade, do outro lado do Graham Bell, que espere o dia seguinte. Se for boa, teremos o dia inteiro para curti-la.

## Adoro receber cartas

**A**doro escrever e receber cartas. Ao registrar a queda da correspondência no nosso tempo, cheguei a me proclamar, em delírio exclusivista, o último epistológrafo do País. Quando os amigos, até os apenas conhecidos iam morar no exterior, era eu quem lhes escrevia, com frequência, pondo-os a par do que estava ocorrendo na retaguarda. Ainda hoje guardo correspondências recebidas de Paulo Elpídio, Hélio Barros, Frota Neto, Abdias Silva quando residiram fora do território nacional.

Melhor ainda consiste em ser alvo de correspondência. Adoro receber cartas, olhar inicialmente o nome do remetente, sua origem, acariciar o envelope antes de mergulhar em seu conteúdo. O prazer é tão intenso que depois do almoço, ansioso fico telefonando para o porteiro para saber se o carteiro já passou, se deixou algo para mim.

Confesso, porém, que estou mudando, largando tão simpático hábito. Fui derrotado ou beneficiado pela tecnologia por conta da Internet. É muito mais fácil mandar recados, cartas, através de tal meio de comunicação que os escrever e os escrever à mão, como é a melhor praxe. E depois ia ao Correio para postá-las. Com

isto, estou deixando de ser o último autor de cartas do Brasil, se é que algum dia pude ostentar tal título.

### **Profissão em declínio**

Pensando bem; acho que a profissão de carteiro, aquele que entrega cartas e telegramas, se encontra em declínio. Daqui a pouco, todo o mundo, até os pobres, se comunicará por telefone e via Internet. Não terá mais sentido o trabalho desses andarilhos dos Correios que enfrentam Sol e chuva e principalmente cachorros hostis no cumprimento de seu dever.

### **Catinflear**

A gente é obrigada a ouvir cada bobagem. Muita gente fez a vida e se deu bem discursando. Discursando com a garganta sem praticamente nenhuma colaboração do cérebro vazio. Uma boa voz, às vezes, supre a total falta de cultura. Lembro-me dos filmes do humorista mexicano Cantiflas que falava, e nada dizia. Apenas proferia palavras desconexas. Muitos cantinfleando chegaram lá em cima.

### **Premiados**

Foram premiados Carlos Augusto Viana e Dimas Carvalho. Do primeiro, todos sabem ser poeta finíssimo.

Basta ler o poema em versos que pronunciou quando ascendeu à vaga de Martins Filho na Academia Cearense de Letras para saber tratar-se de poesia da melhor qualidade. Um dia desses, no “Colher de Pau”,

onde o encontrei, li, em voz alta, com minha dicção pessimista, alguns de seus poemas que me encantaram. O segundo é por enquanto menos conhecido. Trata-se de um filho de Acaraú que, praticamente sem sair de seu buraco, arrebatou todos os prêmios literários de Fortaleza, de Recife. Teria conquistado o Guimarães Rosa, da Radiofrance Internationale se a ele houvesse concorrido. Já falei aqui de seus altíssimos méritos que recente premiação vem de homologar. Nas poucas vezes em que tive ocasião de conversar com ele, verifiquei teve educação apurada. Se não estudou sem seminário, como leu os clássicos? Teria sido levado a isto pelo historiador Nicodemus Araújo, seu avô? Falei de sua formação e me indaguei, logo depois: será que ele me impressionou também porque leu um autor romano que nunca frequentei e a gente dá o maior valor aos que os outros conhecem e nós não? Ignoro. O que sei é que lhe saboreei a prosa e a poesia e me deslumbrei com sua qualidade.

## **O medo, eterna companhia**

**O** temor é companhia que anda conosco por todas as estações de vida. Quando se é criança, morre-se de medo dos pais, da professora. Adulto, tememos o patrão, a Polícia, parentes das namoradas. Depois temos medo da mulher. Quando ultrapassamos tal fase, quando não mais oferecemos perigo à tranqüilidade da cômputo, morremos de medo dos filhos.

São eles que passam a nos reger a vida, a exigir de nós mais que exigimos deles, que nos impedem de beber mais do que gostaríamos, de comer além do que permite a nutricionista, o médico pois são estes os excessos da

atual altura do campeonato. Sem falar na ditadura dos médicos, a que somos submetidos depois dos sessenta.

### **Mais fé com medo**

Tenho mais fé quando estou com medo. Então quando você começa a temer a Morte, passa a crer, fielmente, em Deus, no Céu, no Inferno, na vida eterna.

### **Fotógrafo escritor**

**Q**uando encontro José Saramago e Germano Almeida na Feira dos Livros de Lisboa, peço a um amigo comum deles que me fotografe ao lado dos grandes escritores.

Calha que quem me atende é o jovem novelista Ondjaki, autor de *O Assobiador*. Depois vamos deixar o Prêmio Nobel de Literatura no Tivoli Hotel.

Findo tão nobre encargo, levo o romancista de Cabo Verde a enfrentar um rouge Monte Velho no Escorial ele que, desde 15 de novembro quando se hospitalizou para consertar o coração, estava distante de Baco.

### **Gabolice da oradora**

**N**uma roda de senhoras maduras, ainda desfrutáveis, uma delas proclamava as excelências do desempenho do marido. Diarista do uísque, segundo sua vanglória, jamais passou um dia sem prestar culto a Vênus.

Vênus doméstica garantia ela. As outras ouviam, humilhadas, silenciosas, tanta gabolice. Só desabafavam quando a poderosa saiu e uma das que ficou registrou: “Vocês prestaram a atenção no que ela quis dizer. Não

estava elogiando o marido, não. Pretendeu nos dizer que é uma gostosona, a irresistível e que a rotina do casamento não lhe apagou a chama. Nem a bebedeira conjugal era capaz de baixar o entusiasmo diário”.

Para mim, depoimento de mulher, mesmo não seja a Nicéia Pitta, é sempre parcial. Prejudicada pela ótica e pelo interesse da depoente. Que ou destrata demais ou exalta com o mesmo entusiasmo.

Porque tesão é que nem dinheiro e santidade: é sempre metade da metade.

### **Trabalho e morte**

Ninguém morre de trabalhar. Porque trabalho não mata ninguém. O que abrevia a existência é vida ruim. Má qualidade de vida. Casamento que não se consegue desfazer. Emprego de que não se gosta. Briga com vizinho. Tudo isto inferniza o seu dia-a-dia e encurta a vida. A gente só morre de vida ruim.

### **Conselhos e scotch**

**P**or que será que as pessoas que nos dão tão bons conselhos não nos dão bons uísques? Aliás, não mandam uísque algum. Creio que consideram os conselhos, que prodigalizam, tão valiosos que seria até brincadeira enviar um bom scotch para nos matar a sede.

### **À vontade**

**E**ste negócio de sair à vontade de casa, mesmo com a certeza de que não se vai descer do carro, é um risco.

Lembro uma Fortaleza antiga em que desembargador era figura sacral, hierática, distante que se quedava preservada dos afagos na barriga que alguns fazem para mostrar intimidade com gente importante. Pois bem, um deles decidiu deixar a mulher no trabalho. Era de noite e a mulher dava plantão na Assistência (O Instituto José Frota de hoje). Foi de pijama, dirigindo o veículo por ter a convicção de que não sairia dele.

Pois, saiu. E desceu em plena Praça do Ferreira para empurrar o automóvel que decidiu enguiçar ali mesmo.

Vocês bem podem imaginar a vaia que sofreu, fazendo força, trajado com roupa de dormir.

## **Um jeito pobre de ser**

**N**ão nasci para rico. Dou-me mal com motorista particular. Ou de repartição pública. Nunca quis ter motorista. Este é um parente adicional que nos acomete, sem maiores exames. Porque os outros, malgrado a precipitação dos casamentos atuais, são escolhidos por certos e, às vezes, exigentes critérios. Quando ao condutor do carro, com freqüência, basta uma leitura da carteira profissional e ele se instala em nossa vida, íntimo na vida de nossas famílias como mais um. Prefiro a solução, atribuída a Jorge Serpa, de usar motorista de táxi, mesmo com freqüência.

Não nasci para carro oficial, chapa-branca. Talvez não tenha podido ter. Tenho certeza de que não ia ficar de consciência tranqüila comendo, bebendo sem pressa enquanto o chofer estaria ao Sol, às vezes, sem comida, sem bebida. Tenho pressa de terminar o contato, de voltar logo para casa devolver a liberdade ao cinesiforo.

Não gosto de carro alugado. Há tempos, um amigo me emprestou seu carro, com motorista e tudo. Além dos inconvenientes já apontados, saiu-me caro. Pelo custo de refeições que paguei, pela gorjeta que lhe dei. Teria sido mais barato haver andado de táxi.

## **Pudor da riqueza**

**R**ecebi, um dia destes, carta de José Mindlin, agradecendo livro que lhe enviei e recorte em que falava de sua riqueza que lhe permitiu ser o maior bibliófilo do Brasil. Mostrava visível desconforto com o fato de haver eu falado de sua riqueza. Lembrei-me de idêntico pudor de Otávio Setúbal. Trabalhava eu no Estadão, jornal que bajulava muito o banqueiro, razão pela qual fui convidado por ele para jantar. Mandeimei-me para o Hotel Nacional onde me esperava. À certa altura, registrei o fato de me encontrar na companhia de homem tão rico, ao que ele retrucou: “Não sou tão rico como você pensa”. Fiz questão de me levantar e ir embora: “Se o senhor não é rico, perdi a viagem porque vim aqui jantar com um dos homens mais ricos do País, um dos donos do Itaú”. Ele aquiesceu em ficar menos pobre, concordou, em parte, com minha observação, pedindo-me ficasse o que fiz.

## **Foi comigo?**

**T**anta coisa nos acontece que não parece com a gente. No entanto, vivemos tal experiência. Os leitores imaginam o Lustosa descascando macaxeira no Seminário em Campina Grande. Vocês podem pensar em mim

andando a cavalo pelas serras de Uruburetama atrás de votos em 1966? Mais: podem acreditar que fui eu mesmo quem subiu, em Cancun, ao alto dos céus em pára-quedas, amarrado a um barco sobre o oceano?

Nunca pensei que isto me acontecesse, mas aconteceu, sim.

## **Filho é eterno, entre nós**

**L**embro amiga mais velha, Neuza, com filhos todos de cinqüenta para cima, bem-sucedidos, me dizendo: “A gente nunca deixa de se preocupar com os filhos”. É realidade bem brasileira, esta de não se desgrudar da prole. Tem várias razões, além das culturais.

Na Europa, nos Estados Unidos o filho vai morar sozinho depois dos 18 e garantir sobrevivência. Pega mal quem não o fizer. Os pais mesmos põem a prole na rua. Aqui, não. Vive grudado ao coração e ao orçamento paterno. Primeiro porque os herdeiros não têm como sobreviver senão debaixo da asa familiar. Depois é que nos Estados Unidos, na França ou na Alemanha, a meninada tem espaço no mercado de trabalho e ganha salário digno, como garçom, passeador de cães, babá de velhos. Aqui, se for exercer o mesmo ofício, mal recebe para o transporte e para o cigarro. Sem falar que no atual quadro de retração do mercado de trabalho, os filhos estão demorando cada vez mais a sair da casa paterna, porque não têm para onde ir.

Em suma: os pais vivem inquietos com os filhos. Porque uns fracassaram. Porque temem que os sonhos mantenham o sucesso. Há sempre um motivo para ficar apreensivo com os herdeiros.

## **A prepotência dos jornalistas**

Um dos maiores indicadores da prepotência de nós jornalistas políticos está num escrito de Mozart Monteiro que foi um grande jornalista político, no Rio, e que, desencantado com a situação do País, ameaçou: “Se o Brasil continuar desse jeito, deixaremos de comentá-lo”. É a ilusão de influir, de decidir, através da pena, da máquina, do micro, com artigos e comentários sobre o destino nacional. Como se deixando de escrever, o mundo parasse. Ou deixasse de existir. A importância que nos damos e que, às vezes, não tem amparo na realidade. Geralmente é muito grande. E convenhamos mais intensa ainda no profissional mais jovem, menos curtido pelo tempo, menos sofrido de decepções.

## **A intimidade inibe a visão**

**F**oi o que me ocorreu após ler “Adeus poeta de Jorge Edwards” sobre seu ex-chefe e velho amigo, Paulo Neruda e me lembrou a afirmação de Charles Morgan segundo o qual ninguém é importante para seu criado de quarto.

Não há mais criados de quarto, mas a consciência de que de perto, não se vê bem. Ou de perto, ninguém é grande? O que vocês acham? Qual a opção que preferem?

Ouvi falar do livro de memórias de Autran Dourado que trabalhou com o presidente Juscelino Kubitschek e que o pinta como um fauno, somente ocupado à espera de telefonemas de suas conquistas com que se ia encontrar. E o escritor solitário, casto, íntegro, no comando do

governo, anonimamente construindo Brasília, a Belém-Brasília, implantando a indústria automobilística. Aufran Dourado estava tão próximo de JK que não teve condições de enxergar sua grandeza. Só o que lhe pareceram defeitos.

Jorge Edwards julga Neruda, de quem foi secretário, com dureza. Ou é porque estava junto dele? Quis ser imparcial? Ou porque mesmo o gênio é glutão, bêbado, egoísta, supervaidoso, defeitos que a gente acha que nós temos?

O gênio arrota, espirra, tem dor de barriga, mau humor, mau hálito, mazelas que afligem os mortais de um modo geral, seja qual for seu Q.I. E que seus admiradores não gostam de ver revelados, publicados.

## Más notícias

**M**uito embora seja honesto, não é aconselhável trazer notícias ruins. Às mensagens agradáveis daí um milhão de línguas, mas deixai que as infaustas ocorrências se anunciem por si, quando sentidas. É o que se lê em “Antônio e Cleópatra”, de Shakespeare”.

É como digo sempre portador de má notícia merece pancada. Merece, sim.

Mesmo que tenha absoluta certeza, se não quer ganhar um inimigo (ou vários) não diga ao amigo que sua mulher o está enganando ou que seu filho está cheirando cocaína. O outro sempre se perguntará que interesse você tem em caluniar-lhe a família, você ganhará, no mínimo, dois inimigos. A mulher o convencerá ao marido de que você a cantou e ela haver reagido à cantada. O filho dirá que você tem inveja da

família do amigo etc e tal. E agora aqui pra nós: você experimentou prazer em dar a outro tal notícia, vibrou com o fato de poder humilhá-lo mostrando que ele é corno, tem problemas com o filho ou a comunicação estava limpa de tais sentimentos? Qualquer que seja sua motivação, deixe aos outros tal encargo: você pagará caro pela transmissão da má notícia como se estivesse feliz com ela, como se responsável fosse pelo fato apontado, denunciado.

## **Desrespeito à privacidade**

**U**m dia destes marquei almoço com dois poetas da cidade, Juarez Leitão e Carlos Augusto Viana, para tratar com eles de assunto sério, porquanto de sua especialidade. Íamos no melhor da conversa quando um conhecido chega ao restaurante, nos cumprimenta de longe, e sem que o chamássemos vem à nossa mesa.

Sem convite, abanca-se, aluga nossos ouvidos para falar mal de pessoas queridas e estraga nosso encontro, nossa refeição. Quando era jovem jornalista, portanto muito arrogante como soem ser estes profissionais, cansei de pedir a intrusos que se retirassem da mesa junto a qual me assentava, por não ter sido convidados, por não estar querendo sua convivência.

## **A arte de viajar**

**Q**uando indago de Ana Maria e Edmilson Caminha como estava o custo de vida em sua última expedição à Tunísia, França e Portugal eles me respondem: “Quem converte não se adverte”. Estão certos. Sentar-se a um café

em Paris para sorver a preciosa rubiácea, sai por seis euros, no mínimo. Se você for calcular que paga aqui um real por tal bebida e lá vinte vezes mais, encerra a viagem e volta para casa. Os dois não têm fortuna, são assalariados, mas com muito bom gosto. Por isso quando estão no exterior ante uma despesa maior costumam dizer: “A gente economiza para viajar. Não viaja para economizar”.

Sempre cito, com pena, o caso de amigo rico, herdeiro de preciosos imóveis (não de uma, duas casas, e, sim de edifícios de lojas e apartamentos) que se vangloria de não jantar quando está em Paris por questão de economia. Compra vinho, presunto, queijo e pão numa dessas Felix Potin da vida e vai se regalar no apartamento do hotel. Que tristeza agir assim quando se tem muito dinheiro e não se sabe que o bom de estar em França é fartar o bandulho de seu vinho e das comezainas em que sua cozinha é famosa! Neste caso, para que viaja, por que não fica em casa?

## **Edwards**

Lembro-me do escritor chileno Jorge Edwards no lançamento de meu livro *Louvação de Fortaleza*, na UNESCO convidado pelo embaixador do Brasil, como ele, junto àquela organização, conterrâneo Jerônimo Moscardo de Sousa. E de sua curiosidade em saber o que quer dizer “caquinho”, palavra por mim utilizada em sermão do padre Pita sobre a vaidade humana e o estado em que se encontrava ex-miss Ceará, abatida pelo tempo, este canalha pelas mazelas da vida.

## Efeito de Édipo

**N**ão vou à cartomante com medo de me ver obrigado a seguir suas previsões. É, sim. É a sensação que nos comete quando as ouvimos. Achamos que é nosso dever concretizá-las, torná-las realidade. Também da mesma maneira vocês notaram que torcemos pela efetivação de nossos prognósticos até mesmo quando eles atingem pessoas queridas, só pelo gosto de dizer depois do acontecido: “Eu não disse?”. É, como disse, que a gente se sente na obrigação de corresponder às expectativas dos profetas. Walter Costa Porto me lembrava, ontem, a propósito que Karl Popper trata do condicionamento das previsões sobre o fato previsto em “Efeito de Édipo” aquele que, junto com o pai, tentou fugir da futurologia de Tirésias, segundo o qual mataria o autor de seus dias e casaria com a mãe viúva, e não conseguiu. Tombou, cego, vítima da força do destino que lhe fora antecipado.

## Escrever e envelhecer

Escrever é a melhor maneira de envelhecer é o que me diz o presidente José Sarney quando respondo a uma pergunta sua sobre o que ando fazendo. Informo-lhe que escrevo mais um livro sobre Sobral e ele me dá uma sentença que é uma condenação, relativa à velhice. A gente sempre toma um susto quando vê que é conosco.

Não percebemos, na maioria das vezes, as mudanças ditadas pelo tempo. Como nos olhamos, todos os dias, ao espelho, nem nos damos conta das rugas que, com os anos, ali fazem residência. Foi comigo? É a pergunta que

nos fazemos. Foi. Há tempos que é, claro. É claro, repito, que você não associa o dito aos achaques que aparecem, as humilhações da idade no consultório médico, no hospital. O certo é que o tempo, este canalha, foi em frente e deixou marcas devastadoras que você nem nota. Os outros percebem. Você nota nos outros.

## **Amizades pela Internet**

**G**anhei duas preciosas amizades através da Internet, de dois respeitados escritores portugueses. Um é Onésimo Almeida, professor desde 1975 na Universidade de Brown nos States. O outro se chama Eduardo Bettencourt Pinto, renomado intelectual, nascido em Angola, com nacionalidade lusa e canadense. Do qual o primeiro me diz ser uma das pessoas mais estimáveis que conheceu até hoje. Os dois me dão importância maior que mereço, talvez nem suspeitem de que sou apenas escritor do segundo time de remota província do Nordeste brasileiro.

## **Visita**

Eduardo está no Brasil, fazendo turismo e sabendo, que devo me submeter à intervenção cirúrgica, chegou a cogitar de me vir ver a Brasília. Lembrei-me que as distâncias entre nós são enormes e que estou doente, mas não tenho o physique de rôle, a embalagem de enfermo. Escrevo, leio, dirijo o carro, vejo os amigos, com quem falo que nem um brasileiro normal. Ando sem engomar o tapete do Congresso, falo sem tremer a voz, em suma não tenho farda, indumentária de doente. E sonho matar

a sede com uma cachacinha do Lambedouro, ali na Viçosa, um Old Parr ou uma garrafa de bom rouge. Só não vou a eles por causa da patrulha, da vigilância dos filhos. Por aí se vê que não desempenho bem o papel de moribundo.

## **Divórcio**

Lembro a propósito a estória daquele amigo a quem a mulher abandonou. Os amigos, solitários, o visitaram e se decepçionavam. Longe de encontrar uma casa em desordem, o dono dela diante da tevê acesa, cercado de restos de comida e latinhas de cerveja, viam um lar organizado, como se tivesse presença de mulher (ele morou cinco anos em França) e ele, pleno de auto-estima. Não apresentava a imagem de derrota, do marido abandonado, destruçado que muitos esperavam. Assim sou eu. Não sei desempenhar bem o papel de enfermo. Vou para a faca, sem entusiasmo e também sem muita choradeira e esperando dar mais um golpe na Parca. Escapei dela em 1981 quando tive de ir a São Paulo ver o Dr. Adib Jatene. Em 1995 ao amputar a aorta torácica no Salpêtriere em Paris. E, agora, se ela se descuidar, pretendo fugir de seu amplexo. Sai pra lá, azar.

## **Crime e castigo**

Pro vidão que levei, nem posso me queixar. Não falo do crime e castigo da visão cristã segundo a qual a alegria de viver e os prazeres da vida são pecados que devem ser punidos já aqui em baixo. Nada disso. Até agora a vida me correu maravilhosa e a Deus agradeço por tanta

generosidade. Não tenho por que dela me arrependar. Se o coração, de tantas e tão intensas emoções vividas, quer pifar, de quando em vez, isto decorre de seu uso intenso e positivo, jamais de castigo. Longe de lamentar o que ora acontece, fico feliz lembrando o que me aconteceu.

## 50 anos

**V**olto a Brasília, trazendo na mala, muitas manifestações e afeto dos amigos. Primeiro, fui entrevistado por Fernanda Quinderé na TV Diário, com todo o carinho. Como se não bastasse, ela ouviu três amigos queridos que falaram de mim com a generosidade dos necrológicos, Guilherme Neto, Juarez Leitão e Edilmar Norões.

Sábado fui homenageado no Clube do Bode, presidido pelo Sérgio Braga, com almoço no qual foi sacrificado, à nossa gula, inocente caprino da Fazenda Mutuca, do engenheiro Erasmo Pitombeira que, disposto a nos matar a fome (eram 70, para outros contabilistas 86 presentes) levou ainda manta de carne, preparada com capricho pela Maria, do Flórida Bar, Audifax Rios exibiu banner de muito bom gosto falando em mim como cronista universal de Sobral e a filha dele, Mariana, não teve tempo de comer, ficou o tempo todo, tirando fotos dos presentes. Entre os quais, estava Régis Jucá, o respeitado cirurgião cardiovascular. E também Germano de Almeida, o célebre romancista de Cabo Verde, que temi ficasse deslocado ante tantos cearenses barulhentos e desconhecidos (para ele). O autor de “O testamento do senhor Napomuceno”, talvez para me agradar, disse haver gostado. Domingo, fui a Bienal e ali tive o prazer de conhecer Mia Couto, o ficcionista de Moçambique, de quem Germano dissera que

simples e modesto e, de imediato, correspondeu a tal diagnóstico. Levei-o a ele, a Patrícia, sua mulher e a filha de ambos, Luciana, ao Mil Mares para o consumo de um peixinho o que me deixou muito feliz, admirador que sou de toda sua obra literária, traduzida para vinte e dois idiomas e que, mais cedo ou mais tarde, lhe garantirá o Prêmio Nobel de Literatura. Segunda-feira, Marildes e Lauro Vinhas Lopes abriram os salões para carinhoso jantar ainda por conta dos meus 50 anos de jornalismo que contou com as presenças dos casais: Germano Almeida e Mia Couto e queridos amigos, como o reitor René Barreira e a mulher, Socorrinha, o respeitado médico Pedro Henrique Saraiva Leão e sua Mana, Lêda Maria e Souto Paulino, José Telles e Ana Karená, Juarez Leitão.

Foi festa requintada, cheia de carinho de parte dos anfitriões e dos convidados entre eles Germano de Almeida e Mia Couto. Dia seguinte Germano me presenteou com livro-álbum sobre seu país. Não fui a Atenas, mas ganhei minha medalha. Foi, sábado, durante o almoço. Sérgio Braga me agraciou com medalha do Clube do Bode. Ainda trouxe, na bagagem, elegante volume publicado pelo Sindicato dos Jornalistas do Ceará, contendo entrevista que eu e os outros colegas veteranos concedemos ao grande Tião Ponte, no Nudoc.

Enfim, como vedes, na bagagem de volta à casa só trouxe coisa boa e a Deus, por isso, agradeço.

## **Travessão**

**A**ndei raspando o travessão, como diria meu pai se de futebol entendesse. Escapei. Recebi bola preta lá em cima e não tive direito a ingresso. Isto depois de quinze dias de Incor.

O hospital paulista é um exagero que o FMI, em breve, há de fechar. Por que um País pobre necessita de instituição de porte internacional para atender (bem) a cardíacos pobres e ricos? Tem de acabar com isso, mandar o apurado para o juro dos bancos.

Descobri, na quinzena que passei ali, que ninguém mais morre do coração. Depois que inventaram o professor Sérgio Almeida de Oliveira em São Paulo, o Leonardo Esteves em Brasília e o Régis Jucá em Fortaleza, só morre quem quer. Eles salvam a todos, fazendo a felicidade das famílias e arruinando a Previdência Social, como registra integrante da equipe econômica.

Ao lado disso, dei minha contribuição pessoal à sobrevivência. Sabem por que? Não dizia Shakespeare que o sono é primo da morte? Não quis nada com tal família enquanto estive no hospital. Por isso não dormi.

Fiquei o tempo todo de olhos bem arregalados para fazer a morte correr, a vassouradas se preciso. Por descuido meu, jamais.

Engraçado foi que, ao me preparar para ser trinchado, a mulher me tomou a aliança. Tomei o gesto como um presságio, afinal, no passado as viúvas usavam a própria aliança e a do falecido. Há outra interpretação. Elas nos fazem usar aliança como insígnia de status. Dou graças a Deus que nos imponham no anular esquerdo. Podia ser no buraco do nariz e quem ia resistir? No estado em que me encontrava, não dava preocupação a ninguém, mesmo se a Ana Paula Arósio batesse à minha porta pedindo-me atendessem-me às urgências.

No hospital, você vira ninguém. Primeiro perde o nome, volta a ser Francisco como na escola primária, como nem mais sua mãe o chama. Despede-se da roupa

e enverga uniforme do hospital. E arca com outra humilhação, não a última, condenado a encarar apenas papas e mingaus. O engraçado é que fui levado para a mesa de operações, sem pânico. Atravessei as primeiras vinte e quatro horas depois da intervenção muito bem. Não me senti vítima de um atropelamento programado como disse Dr. Bocchi, muito menos, de que uma jamanta houvesse passado por cima de mim, conforme se queixou aquele ex-presidente. Só aí passei a ter medo, medo retroativo, ao ver o tamanho da cicatriz que exorna meu peito. E aí me deu um desgosto, até vontade de morrer. A mulher protestou: “É imprudência de sua parte querer morrer, depois de haver dado tanto trabalho”.

E o Prof. Sérgio ainda me levou na troça quando lhe perguntei se podia dormir de lado, o lado onde fora feita a incisão: “Não foi no lado, não. Foi no meio”.

Se o gato tem sete vidas, não sei quantas possuo. Escapei ano passado da dengue. Em 1995, da primeira cirurgia do coração. E agora, da segunda. Pois é, tenho de gastar o saldo com parcimônia.

## **Precisam de platéia para te agredir**

**N**ão gosto de quem, no curso da conversa, me coloca, como exemplo em situações desfavoráveis. “Vamos dizer, Lustosa, que você fosse seqüestrado?” “Que você levasse umas facadas?” “Que você fosse atropelado?” Tenho razões para pensar que estão no inconsciente querendo que aquilo nos aconteça? Por que não dizem, por exemplo: “Vamos dizer, Lustosa, que você fosse eleito para a Academia Brasileira de Letras?” “Que ganhasse sozinho o prêmio da Mega Sena?” “Que editasse mais um livro em Portugal?”

## Brincar para diminuir

Há também os que se utilizam de brincadeiras agressivas com a gente. O engraçado é que requerem platéia para piadas sem graça que, todavia, ferem, machucam, às vezes humilham. Não as dizem em particular.

Precisam de público para nos brindar com blagues, com chistes que nos diminuem, nos desagradam, nos agridem. Será que as brincadeiras grosseiras constituem apenas invólucro ou pretexto para agressão?

Referidas pessoas querem te agredir, como não o fazem, por conta da repressão social ou policial, se aproveitam de piadas para a desforra. Porque sempre falam de nós, de maneira depreciativa, negativa. No fundo, no fundo, aquilo não é distração. É agressão. É grosseria que vem do fundo do coração do piadista.

Ele te ridiculariza porque não pode te dar uns tapas.

## Adoro ancião

**A**contece que gosto muito de velho. Gosto tanto que terminei me convertendo num deles. Os velhos merecem meu respeito porque têm passado, têm história, têm baú lotado de recordações. E alguns deles só saem de casa para as noites de autógrafos do Lustosa e a eles e a Deus muito agradeço. Lembro do lançamento de um dos meus livros que contou com a presença de três nonagenários, o eterno reitor Martins Filho, o ex-secretário de Segurança, general José Góes de Campos Barros e o ex-presidente da Academia Sobralense de Letras, Ribeiro Ramos. Fiquei

morto de feliz. Dei o maior dez a tão ilustres e vividas presenças.

## **Negando as origens**

O brasileiro, durante muito tempo, negou suas origens. Aliás, continua negando. Muitos não querem aceitar que possuem sangue negro em maior quantidade que branco e índio, tal a superioridade numérica dos escravos na formação da sociedade brasileira.

Há ainda, os que renegam a colonização portuguesa porque queriam ter sido “descobertos” por anglo-saxões. É uma maneira de não aceitar como se é, querer ser outra coisa, ter outra ascendência. Tremenda bobagem. Lembro a propósito a frase de Olavo Bilac, o grande poeta que não gostava de ser brasileiro e se proclamava parisiense exilado nos trópicos:

“Machado não é negro, é grego”.

O brasileiro não se reconhece como mulato, muito menos como negro. Todos nós queremos ser brancos. E terminamos socialmente brancos. Pura convenção. Machado de Assis foi registrado como pardo quando nasceu. Ao morrer, não podia mais ser pardo, não podia mais ser negro. Romancista famoso, diretor de ministério, presidente da Academia Brasileira de Letras, seu atestado de óbito o dava como branco. Assim foi enterrado.

## **Sem queixas nem reclamações**

**T**em gente que está em Paris, mas se porta como se houvesse sido condenado ao exílio em Rwanda ou Bangladesh. Queixa-se de tudo. Do frio, do calor. Do

parisiense, que é grosseiro. Que é desonesto nos contatos. Não estou aqui obrigado, à força. Vim porque quis. Vim pra gostar. Achar bom. Sonho sonhado, acho eu, desde os tempos do Seminário em que lia “A Cidade e as Serras” de Eça de Queirós às escondidas e trazia o volume com uma capa em que estava escrito, para disfarçar, título piedoso, cristão pra enganar os frades. Não cheguei assim a Paris pra ver ou botar defeito. Vim pra achar bom.

É claro: tem gente que aqui sofre tremendo choque cultural. Por exemplo, na fila do Banco ou da Prefeitura, quer passar à frente, pra nada, só pra pedir uma informação antes dos outros. Leva uma bronca e fica fulo da vida. O outro marca rendez-vous para ver apartamento que deseja alugar e não pode comparecer, afinal, o papo na École estava tão bom, o rouge que ingeriu na hora do almoço lhe dava aquela soneira gostosa, a vontade de ficar mais um pouco conversando fiado. Só por uma besteira dessas, o proprietário ficou furioso, tratou-o com quatro pedras na mão. O outro alugou vaga da garagem do prédio de apartamentos em que mora, a um velho aposentado que acertou receber a renda do imóvel em espécie, todo o dia trinta. O inquilino, claro, não ia na data aprazada. O locador, que só tinha aquilo para fazer, passava o dia, a semana, o mês, esperando o pagamento, o dinheiro.

Era seu único compromisso. Como o locatário não aparecia no prazo marcado, nem no dia seguinte, pensava logo no calote e reagia furiosamente. Bobagem deles franceses ranhetas. Não sabem que o locatário tem a intenção de pagar? Por que se chatear com atraso de três a quatro dias? Esses franceses neurastênicos ficam danados da vida só porque a gente marca encontro com eles e esquece, não dá as caras lá no dia. Besteira.

Em Paris, tem ainda brasileiro, que assume o terceiro-mundismo e só se enturma com outros brasileiros, plenos de ressentimentos e se dana a se queixar, a falar mal do anfitrião, do nativo e, ao final da temporada, reclama que o francês não é comunicativo, não faz amizades, não o convida pra visitá-lo em casa.

Pois como ia dizendo. Estou aqui pra gostar e é o que tenho feito. Às vezes, a consciência me pesa e temo até gostar mais de Paris que de Sobral, que de Fortaleza e que estas terrinhas, mais que amadas, me perdoem a traição passageira. Vagabundeio por seus bulevares, avenidas, ruas e becos sem destino, invadido por aquela felicidade, aquela sensação prazerosa que de mim se apossa quando ando pelo Centro da Capital cearense, pelas suas avenidas litorâneas, cheio de saudades minhas. Igual a quando percorro trechos urbanos de Sobral onde residi, estudei, sonhei com o primeiro amor, tomei o primeiro pileque. Às margens do Sena, apraz-me flunar por lugares conhecidos, ultravisitados com aquele bem-estar de primeira vez, de verdadeiro deslumbramento. Quem nunca passeou, ao crepúsculo, à noitinha, pelas avenidas dos Champs Elisées, não pode dizer que já viu mostra viva da beleza. Como vêem sou um deslumbrado. Continuo deslumbrado com Paris. Olho pro alto, as mãos no bolso, pros monumentos, pras estátuas, pros edifícios históricos embora não descure o chão, alastrado de cocô de cachorro. Gosto de caminhar a pé. Quando amigos aqui pintam no pedaço andamos tanto que nos surpreendemos, não nos supúnhamos mais capazes de tão compridas marchas.

Curtimos, como fosse pela última vez, o derradeiro Sol de verão que, às vezes, ainda nos ilumina e nos aquece nos primeiros dias de outubro.

## Viagem em torno de mim mesmo

Pergunto a Gladys Buarque, mulher do governador Cristovam Buarque, no lançamento de “Louvação de Fortaleza” se ainda têm aquele surrado *Fusquinha* em que andavam pra cima e pra baixo quando ele era reitor da UNB. “Sim, e está guardado para quando terminar o governo”. Na fila de autógrafos, a subversão de toda a hierarquia. O ex-presidente da República, José Sarney, espera pela assinatura deste pobre homem do Beco da Piedade. Tal simplicidade o acompanhou em todos os momentos de sua gloriosa e talvez não seja irrelevante na construção de sua biografia. Ao lado, o imponente senador Paulo Brossard a quem peço desculpas pelo artigo que escrevi logo que chegou a Brasília em que o chamava de “velho liberal”. Logo depois ele me agradeceu as referências e com aquela postura hierática me perguntou cordialmente: “Por que velho liberal? Liberal está certo. Por que velho?”. Deus me castigou. Tinha ele àquele tempo a idade que tenho hoje.

Logo que me operei, um amigo certo, Cláudio Castelo, ao telefone para a França, vibrou com o feito, ele que acompanhou todo o processo desde 1981 quando recebi a primeira intimação do cirurgião cardiovascular nesse sentido:

“Você, agora, vai viver pelo menos mais vinte anos...”

Devo ter ficado murcho com o prognóstico e, como sou transparente, demonstrado minha contrariedade. Noutras conversas, o amigo, generoso, elasteceu o prazo.

“Você ainda pode viver mais uns trinta ou mais anos...”

Obrigado. Fiquei todo feliz com a profecia como se Deus estivesse muito interessado em me ouvir os amigos para definir a data de minha convocação. Na feira na Rue de la Convention, o vendedor corrige o troco. A meu favor o que é raro. Com a facilidade que tenho para me deixar dominar pela primeira impressão, fico entusiasmado. Elogio-o. E pergunto-lhe se é honesto. Ele me olha esquivo e responde:

“Mais ou menos”.

Em casa, verifico que parte da mercadoria era de qualidade inferior à que ele me vendera inicialmente, à que me mostrara. O meu entusiasmo me distraía e o levava a me dar o golpe. Prefiro aquele amigo garçom a quem pedi para não me acrescentar às contas. Ele concordou honestamente, garantindo:

“Só lhe roubo em último caso...”

Na última quinzena de Paris, vem me visitar Norton Macedo. Registra ser a quarta vez que nos encontramos em França. Como ele vive como rico embora não o seja, impôs-me programação gastronômica de cinco estrelas. Festim de Heliogábalos. O que quer dizer festim de Heliogábalos? Para ser honesto, não sei. Foi o que me ocorreu e achei bonito. Suponho foi coisa muito boa. Pois bem, o Norton me botou na rota do Le Train Bleu, do Le Procope, do Le Coup-Chou, La Gauloise, do Fouquet's para terminar no Pavillon Montsouris aquele soberbo restaurante localizado diante dum parque, dum pequeno lago, de castanheiros da cor de ouro queimado do outono. Confesso, vocês podem achar que é conversa de pobre e é mesmo. Já andava meio derreado, pois o luxo também cansa. Quando o querido amigo retornou à sua Curitiba, foi, com alegria, que voltei ao bandeirão da Escola,

consumir aquela comidinha ascética, balanceada, preparada por dietetas que adoro e que as crianças detestavam.

Norton lembra outra viagem em que fomos dar com os costados em Viena, num velho hotel em frente aos Correios que se gabava de haver abrigado Mozart. Não gostei do apartamento que me reservaram com aquele mofo de milênios e fui lhe dizer: “Macedo, Mozart não só viveu como morreu aqui e o cadáver dele ainda está fedendo no meu quarto”. Compro passagens na VARIG para regressar de Paris com três meses de antecedência. Efetuo pagamento com cheque. Apesar disso, a vendedora me pede identificação. Quer ver meu passaporte. Tenho vontade de lhe dizer: “Que garantia você me dá de que a VARIG ainda estará funcionando em dezembro?”

Gafe maior cometo ao encontrar, ali nos Champs Elisées, com o ex-ministro Jutahy Magalhães. Ele fala do revés eleitoral sofrido como candidato ao governo da Bahia. De jeans e tênis, consola-se: “Graças a isso posso estar curtindo Paris...” Devia eu ter ficado calado, pois em boca fechada nem entra comida que engorda nem sai besteira que mortifica. Sabem o que lhe respondi: “Pois encontrei o Teotônio Vilela no metrô e ele nem precisou perder a eleição para curtir a França, não...” Pra que abri a boca? Precisava dizer tal bobagem?

## **Promessas vadias**

**M**uitos cearenses, que moram em Brasília, costumam dizer em conversas vadias que, tão logo se aposentem, voltam a morar em Fortaleza quando, então,

passarão o dia inteiro pegando Sol, na praia. É engraçado. São palavras que nada têm a ver com a realidade. Indago deles se iam ao banho de mar, quando residiam na cidade, respondem que não. Ninguém passa doze horas seguidas, à beira do oceano. Trata-se de pura fantasia. Quando deixarem de trabalhar, podem até querer voltar a residir no Ceará. Não farão. Estarão presos à cidade pelo casamento dos filhos, pelo surgimento dos netos. O máximo que farão, se recursos tiverem, será adquirir apartamento perto da praia que usarão um ano, outro não, até que dele se desfaçam alegando que não usam o imóvel, que só serve para emprestar a terceiro, para dar aborrecimentos. Ficarão aqui no Cerrado. É por isso que nunca afirmei que queria voltar a morar no Ceará onde possuo tantos amigos, onde me sinto tão bem. Quero, sim, ir de vez em quando à terrinha, como visita, para que os amigos, que são muitos, não cansem de minha convivência.

Sou meio apavorado com esse negócio de retorno. Tenho a impressão de que é sempre difícil a readaptação principalmente depois de muito tempo de ausência. O cara se distancia dos amigos, fica sem “roda” de papo, sai das agendas, não recebe convites. Quem, porém, desmentiu minha tese foi o Marcelo Linhares cujo telefone desde cedo não pára de tocar. Reintegrou-se na cidade, na sociedade, em diversas entidades, com a maior facilidade, como se nunca delas tivesse saído.

## **Quero a minha bicicleta**

**E**nquanto muitos contemporâneos andam por aí cavalgando suas Mercedes, ando pensando em comprar uma bicicleta. O vizinho apóia a idéia porque me

poderá lembrar os tempos de adolescência. Ledo e cego engano.

Não tive bicicleta na infância nem na juventude. Lá em casa éramos treze. “Seu” Costa nunca teve folga para adquirir, numa só lapada, treze bicicletas. No máximo, andei em umas alugadas, por hora, se não me engano, de propriedade de um barbeiro em Sobral. Muito mais tarde, já cinqüentão deixei-me fotografar numa bicicleta, na Praça Navona, em frente ao histórico palácio Dora Pamphili, onde se aloja a embaixada brasileira. Quase vou ao chão passeando neste veículo alugado por conta de um defeito na direção de que o proprietário não me advertiu. Pois é. Não tenho Mercedes nem tive bicicleta.

Nem por isso ando apedrejando os que têm tais veículos.

## Jorge Amado

A primeira vez que encontrei Jorge Amado foi há dez anos atrás, em casa de Roseana Sarney, e ele foi logo dizendo: “Li *Sobral de Meu Tempo* e gostei. O James também”. E acrescentou: “Ali tem material para quatro a cinco romances.” Ante surpresa tão rude nem sei como pude digo, repetindo a saudosa Isaurinha Garcia. Refeito, perguntei-lhe se podia repetir o que havia dito à minha mulher, para ela, depois, não atribuir a gabolice ao scotch. Gentilmente, ele o fez. O pior é que peguei a corda. Debrucei-me sobre a saga da terrinha e tentei desvendar os romances que ele pressentia em meu livro, como o escultor os adivinha no mármore bruto. Gastei um tempão. Afinal o concluí e não sei mesmo se produzi obra de ficção, coleção de “causos” que gosto de contar, ou

uma crônica. Pensei em batizá-lo como *Vida, Paixão e Morte de Etelvino Soares*. Cláudio Castelo achou o título bombástico, pretensioso. Mudei para *A Pata do Murzelo*. Por quê? Eu mesmo não sei. Espero que os leitores o descubram. Tudo, tudo foi culpa de Jorge que me deu estímulo. Não deu, porém, nem podia dar, sua mão de mestre. Já imaginaram minhas estórias contadas por ele? Reencontrei-o na *rive gauche*. Mais de uma década depois continua gentil com os novos e está ainda mais famoso. Um cara destes, feito Balzac, é uma espécie de plagiário de Deus porque cria mundo e povoa.

Seus personagens se multiplicaram nos sessentas idiomas em que sua obra foi traduzida para alegria de franceses, checos, árabes, chineses, japoneses. Do planeta inteiro. Ainda há pouco, dois de seus livros, *Navegação de Cabotagem* e *A Descoberta da América pelos Turcos* foram publicados na Espanha. Dia 24 Jorge recebe, na Itália, o prêmio "Brancati", e dia 4, em Lisboa, com a presença dos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Mário Soares, o "Camões". Assim, aos oitenta e lá vai pedra, continua na crista da onda, se deslocando do País, para receber homenagens, colhendo o que plantou. E com os planos de se esconder, no segundo semestre, para produzir mais um romance.

Sua Zélia Gattai, por sua vez, também não pára. Nem sai da moda. Acaba de pôr o ponto final em nova obra de ficção *Crônica da Namorada* de que fala, com modéstia: "pode ser que ninguém goste. Eu, porém, já gostei muito de escrever". Ela me conta a vez em que esteve, no Interior do Ceará, na década de quarenta, acompanhando Jorge, na propaganda dos candidatos comunistas, hóspedes de um deles, o cirurgião Pontes

Neto e como foram escorraçados duma pequena cidade. Lembra, bem-humorada, que no tumulto havido, chegou a levar um soco da mulher do prefeito. Eles, num gesto de boa vontade, esperaram o final da novena para realizar o comício. Deram-se mal. Porque, na igreja, o padre alemão aproveitou sua fala para incitar a multidão contra “os enviados de Satanás”.

Jorge, por sua vez, recorda, com enternecimento e admiração, Moreira Campos, há pouco falecido, acrescentando: “O Graciliano gostava muito dos contos dele”. Como ia dizer: sou um felizardo. Jorge Amado me pagou o rango (e pra Raquel) num restô oriental da Rue du Sommerard que frequenta há quatro gerações de chinóis, desde os tempos de seu exílio após a cassação do mandato de deputado, combatente da liberdade e da justiça social que sempre foi. Saí dali mais deslumbrado do que sou habitualmente, por haver merecido a honra da companhia de um escritor que, há sessenta anos, é glorioso nas letras da Oropa, França e Bahia e pedi à Providência o conserve por muito, muito tempo, para que nos conte mais estórias que só ele sabe contar como ninguém neste mundo de meu Deus. (1995).

## **Um sobralense em Paris**

**N**ão vão querer me convencer de que não há semelhança entre Sobral e Paris. Que tem, tem. Sobral tem o Arco do Triunfo. Paris, também. Boulevardes e a Cidade Luz, idem. E um rio que as banha. Hão de dizer os zoilos (ainda se usa essa palavra? Tem alguém que saiba o significado? É melhor trocar por despeitados) que o Acaraú não é o Sena. Talvez não seja, pra eles. Pra mim,

bem que é. Pois bem. Deixemos de conversa fiada e vamos aos fatos.

Muitas vezes subi a Sacré Coeur de Jesus para minha prece. Ou vocês me tomam por ateu? Depois, à Place de Tertre para um beaulojais. E, como todo bom turista, para me deixar pintar por algum projeto de Picasso que ainda não deu certo, algum pintor definitivamente fracassado ou alguém que espera sobreviver desenhando a cara dos outros. Escolhi jovem pintor espanhol, contratei o preço e posei com ar grave que a ocasião requeria. Meia hora depois, ele me entregou o retrato. Olhei, olhei e me achei meio lânguido, algo desmunhecado. Em tom brincalhão, protestei:

“Está muito maricon” (Maricon é veado em espanhol). O jovem pintor não perdeu o rebolado e respondeu no ato:

“Não tiengo culpa”.

A dois de setembro de 1974, José Rangel me pinta, no sexto andar da Rua Montparnasse, Nº 56 (sem elevador. Vocês imaginaram subir aquilo após o vinho, o conhaque). Depois de festejar o conterrâneo querido, quis saber das novidades da terrinha. Ele não negou fogo:

“Simbad pediu férias e foi substituído pelo Batista”.

A alteração substancial, ocorrida em Fortaleza dois meses depois de minha saída, fora a substituição do maître do Náutico.

Rangel me acompanhou em compridas e gostosas peregrinações pelos locais amados e citados por Honoré de Balzac, a quem tanto cultimos. Roubou-nos, no Meridien, em que se hospedava, tabletes de açúcar porque havia, em França, greve dos produtores de beterraba. E estava conosco, na noite em que fiz 36 anos,

no Mercedes de Mohamed Mihi, boyfriend de Teresa Borges, quando ele colidiu, diante do Arco do Triunfo, com o carro de uma repórter do "Paris Match", até que se foi, deixando saudades de sua presença fidalga e tranqüila.

Noutra oportunidade, estava numa daquelas galerias lafayettes da vida, a fim de comprar umas camisas. Andei, mexi e revirei. Terminei me convencendo de que era besteira adquirir, apenas, a etiqueta. Sou mais as do meu amigo Álvaro que, entre outros títulos, possui o do tio Guilherme Neto, o que não é pouco. Disse, então, ao Paulo Elpídio que me acompanhava na peregrinação comprista: "Diretor, que tal converter essas camisas em champã?" Ele, sempre propenso a se render a uma boa tentação, mais que depressa, concordou. Fomos até um restô, na Avenue Montparnasse, ao pé da torre. Eram cinco horas da tarde ali e em todos os relógios do mundo. Pedi o champã. O garçom, de cara amarrada, se recusou a trazê-lo.

Nunca servira champã, àquela hora, na varanda. Paulo indagou-lhe, então, se seria necessário endereçar requerimento assinado, com firma reconhecida, ao gerente. O garçom, mal-humorado, foi lá dentro, com toda a má vontade de que era capaz. Voltou ainda mais fulo da vida porque autorizado, a nos atender. Pedi-lhe, então, a melhor marca. Ele, com aquele desprezo com que o francês trata o turista, principalmente o pessoal do "la bas", o africano, o sul-americano, os mestiços em geral, fez questão de dizer que era muito caro. De atrevido, pedi. Logo, um litro. E ostras. Era véspera de Ano-Novo. Víamos, da vidraça do restaurante, Paris passar, entregues a vãs filosofias, ao champã e às ostras. Paulo sentenciou então que, se o mesmo tivesse ocorrido na Inglaterra, o

resultado seria outro. Bem diferente. Dificilmente, seríamos atendidos. Viria o maître, viria o gerente, viria o proprietário, até o primeiro-ministro, todos, com mil desculpas, alegando que nunca haviam feito aquilo, que iam se preparar, que iam aprender. Voltássemos no próximo ano. Aí teríamos a inovação. Agora, não. Não dava. A cabeça deles não estava preparada para tal quebra de rotina.

Paris é a Capital do sexo. Não posso, porém, até por ética profissional, deixar de referir minhas aventuras em França. Fui, com dois amigos, Norton Macedo e Ary Kffuri, assistir a um show erótico, ao vivo, num miniteatro da Rue dês Ecoles. Fazia furor àquele tempo, em Paris. Sabem o que era? Um casal se amava numa rede armada, por sobre o público. Pode ser revelação de coroa.

Vou confessar: o par, lá de cima, pode até ter experimentado prazer. Eu, não. Sofri pacas. Primeiro, temendo que a rede se desfizesse e eles desabassem sobre nós. Depois, pelo esforço desenvolvido pelo rapaz, a fim de atender à parceira e, principalmente, às expectativas da platéia. Quando ele conseguiu, uff! Suspirei, aliviado. E com pena do artista, obrigado a ganhar a vida lá de cima, fazendo, por profissão o que só é bom por recreação. Saí, com meus botões e meus dois amigos, a refletir sobre como seria aquele show na Rua Duvivier, no Rio. Era possível que a platéia ficasse gritando. Primeiro, para que a rede rasgasse. Depois, para que o rapaz pifasse, não desse conta do recado. Felizmente, como já disse, ele deu. A duras penas, mas deu. Saí, porém, muito cansado de acompanhá-lo em tão árdua batalha.

Vocês pensam que não me acontecem mulheres em Paris?! Pois estão muito enganados. Aconteceram e eram

ótimas. Vou contar. Estava eu, certa madrugada, posto em sossego no Le Grand Hotel de Suez, quando me bate à porta. Quem seria? Me perguntei, espantado. Fui atender, surpreso da visita inesperada. Sabem quem era, leitores? Pasmem. Duas lindas, espertas louras nórdicas. Sabem o que o panaca fez diante do equívoco das rissonhas moças? Pôde, apenas balbuciar: “Não é aqui, não. Não é aqui não”. Nervoso como um mendigo que acabasse de ganhar a Sena, a Loto, sozinho.

No Café de Cluny, tomava, tranqüilamente, chá, vendo Paris desfilar à minha frente. De repente um bêbado que dormia sobre a coxia, acordou ainda trôpego da vinhaça. Passou a gritar para os freqüentadores do café:

“Capitalistes! Capitalistes! Capitalistes!”

Entre divertido e espantado, perguntei:

“Mói?”

Todo o café desabou numa gargalhada.

## **Primeiros tempos em Paris**

**E**m 1974 enjoara da província. Não queria mais trabalhar ali embora as coisas me corressem favoráveis, do ponto de vista material. Temia a mesmice. A acomodação. Decidi mudar-me pra Brasília, em busca de novos horizontes profissionais. Antes, porém, pra desarnar, pra não chegar à corte cru, tão matuto, fui passar temporada em Paris.

A primeira providência foi ir atrás de recursos para uma longa temporada francesa. Telefonei pro Antenor Barros Leal, amigo sempre prestante. Quero saber, eu bicho-do-mato, capiau, como comprar dez mil dólares. Ele pergunta:

“Tens os cruzeiros?”

Felizmente tinha.

Então me boto pra Portugal porque é mais perto e para ir, aos poucos, me acostumando com a Europa. Num restaurante inglês do Estoril vejo um cara, todo vestido de escocês e o digo à mulher, já descontraído pelo bom vinho nacional. Ele o ouve. Vem à minha mesa, identifica-se. É Mr. Atkinsons. Mexe com dinheiro. Conhece o Ceará. Já fez negócios com o Hans Schmiditer, de “As Pernambucanas”. Bem feito. Quem mandou falar alto, em terra estranha, supondo que os outros todos são surdos ou desconhecem a língua que falamos?

Terminada a temporada lisboeta, me mando pra França. No aeroporto de Portela de Sacavem, não percebo quando o locutor anuncia, várias vezes, a partida do vôo, rumo a Paris. Realmente, se você não apurar bem o ouvido, não entende mesmo. Perco-o. Vou noutro avião e quando chego ao Aeroporto Charles de Gaulle, encontro, bem sossegadinhos, intocados, as malas, a máquina de escrever, dois quadros do Chico da Silva, no local das bagagens. (Será que ainda os encontraria se fosse hoje?).

Alojam-me num apartamento do sexto andar, à esquerda de um velho prédio da Rua do Montparnasse. Que crueldade"! Sem elevador, é claro. Imaginem os leitores subir com a bagagem! Ou então, com os uísques, os vinhos, os conhaques sorvidos!

Nunca vi tanto cachorro quanto desta vez! Abundam os cães em Paris. Há quem diga são mais amados que as crianças. A cada canto, indicadores fecais da passagem dos bichos. Penso em como os cegos devem maldizer a cachorrada.

É verão. Há Sol e forte demanda de negros pelas suecas, dinamarquesas, finlandesas, sei lá mais. As nórdicas descem para coisificá-los. Não há mostras aparentes de que eles estejam se sentindo mal com isso.

Chega-nos, em setembro, o gentleman sobralense José Rangel. Não sei porque me lembro de que, quando Rubem Braga voltou ao Rio depois de haver sido nosso embaixador no Marrocos, perguntou ao Otto Lara Rezende, pelas novidades. Ouviu como resposta:

“Lançaram o Hollywood com filtro.”

Indago do bom José Rangel pelas novidades cearenses.

Ele, conta:

“O Simbaud (era então maître do restô do Náutico) pediu férias. O Batista ficou no lugar.”

Naqueles dias em que lá estive, subimos juntos, várias vezes, a Montanha de Santa Genoveva, lembrando Balzac, às voltas com seus livros, seus negócios desastrosos e seus sonhos. Lembramos Rastignac, na colina de Montparnasse, observando Paris, depois de haver ido ao enterro do Pai Goriot. Ele me presenteia com “Arco de Triunfo” de Erich Maria Remarque, em francês. É triste estória de amor, vivida por um judeu alemão clandestino em Paris nos tempos da Segunda Guerra que havia lido, muitas vezes em português e que sempre me tocou muito.

No Mercedes prateado de Muhamed Mihi, boyfriend de Teresa Borges, vamos a uma “rhumêrie” de Saint Germain onde tomo punch blanc e outros punches (não discrimino bebida alguma) enquanto Mihi, filho do Kuwait, o único kuwaitiano que conheci até hoje, declama Baudelaire. Havia greve de plantadores de beterraba.

Rangel rouba tabletes de açúcar no hotel em que se hospeda para manter-nos a vida doce. Findas as férias da temporada volto, trazendo, nos tímpanos fatigados, as broncas dos garçons, o esporro da concierge do prédio pela desobediência aos horários de descer com o lixo, a grosseria e um certo desprezo dos parisienses com os mestiços, o pessoal de la bas.

Em Recife, tomo um táxi e faço uma pergunta ao motorista. Ele não entende. E indaga, com a entonação de voz de centenas de anos de servidão, senzala e submissão:

“Nhô?”

Estou de novo em minha terra, reinserido em meu status, em meus privilégios.

## **De coração aberto em Paris**

Como hão de notar, nasci com o destino talhado para Santa Casa de Misericórdia de Sobral. Veio, porém, a vida e fez de mim o que quis. De repente, me acho uma espécie de D. Sebastião sem flechas, na ala de cirurgia cardiovascular do Pitié-Salpêtrière, em Paris. Dou acordo de mim, entre um vendedor de máquinas do banlieue parisiense e um pescador de ilha remota, lá pras bandas de Taiti. Torno a mergulhar no delírio. Já não me encontro às margens de Sena. Estou cento e vinte anos atrás, no barco pioneiro de Ernesto Deocleciano que foi (ou vai) de Sobral à foz do rio Acaraú. A sede me vara as entranhas. Solidário Fred vai buscar água-de-coco da Tailândia. Ela tem, todavia, gosto de sabonete, lembra os baços beijos dos hipopótamos, eternamente parados, à sombra de seus rios misteriosos. Tenaz, ele termina descobrindo um suco

de graviola da Indonésia que me aplaca os desejos da ocasião.

Aqui pra nós. Jamais pensei em me operar. Principalmente em Paris para onde fui tangido por velho sonho. E se o coração, baqueado pela vida, pedia meia-sola, confiava, confio plenamente no bisturi cearense de Régis Jucá. O homem põe. A França dispõe. As coisas tomaram outro rumo, se precipitaram, porém, aqui. Já vim apavorado. Quando o Leonardo Esteves Lima, cirurgião brasiliense, da melhor cepa mineira que, há dez anos, ilustrava, na Gália, a tradição familiar no ramo, viu meus exames, nem quis saber. Era hora, hora de bisturi. No máximo, concedia-me o espaço das festas de fim de ano com a família.

Pra piorar, "Seu" Costa foi embora, o coração subitamente despedaçado na paz duma tarde de dezembro. Era algo mais grave, a me empurrar rumo à mesa de cirurgia e, psicologicamente, de muito peso, sobre minhas insônias. Nos dias que se sucederam a seu passamento, saía do hotel pelas madrugadas e varava, no arrebitado *Fusquinha* do clã, as avenidas, as praias da proximidade, numa trajetória de despedida, como se fosse a última vez, varado de saudades de mim mesmo. Na hora de encomendar as camisas do ano no "Álvaro", de repente, regateei, não quis fazer tantas, pra quê? Será que vou estar vivo para vesti-las? Cheguei a não querer adquirir um bom sapato, pensando no prejuízo do defunto. Que o "presuntão" aqui infligiria às finanças da família. Quando as coisas tomam tal feição, não há como fugir. Vi que era tempo. Não dava mais para adiar.

Fui ao cirurgião e lhe perguntei: "Se tu, com esta idade, já és bom assim, não dá pra eu ser operado por quem te fez campeão?" Claro que dá, garantiu o prestante

médico brasileiro e me levou ao Sumo Pontífice, monsieur Gandjbakhch. Muito simples, ele discorre sobre minha cirurgia. Quando termina, digo-lhe que continuo a me borrar de medo. Ele não se surpreende com a revelação: “Se você dissesse que não estava preocupado, mandava-o pro psicanalista”. Com paciência, vai mais além. Termina por dizer que tudo irá bem, que a operação do coração equivale ao casamento de razão, de interesse que, com o correr do tempo, vira amor. Muito menos me satisfaria. Aquilo foi o bastante para me encorajar. Saí dali para o itinerário das providências de rotina.

De sacanagem, os amigos me assustam com o antigo hábito francês da introdução do termômetro no ânus.

### **Está acabado**

No hospital, disseram-me que podia armazenar sangue. Era voluntário. Não precisava. Pensei comigo mesmo e lá fui. Por via das dúvidas, é melhor usar o meu, mesmo. Porque, o pior não é morrer de AIDS. É deixar à família sobrevivente o ônus de explicar porque aquilo aconteceu.

Uma coisa me apavorava: o sofrimento. A imensa dor de ter o peito esfaqueado. É que a cabeça da gente só conhece anestesia dos filmes de cow-boy. Além do mais, eu ainda não havia lido a estóica frase do ex-presidente François Mitterrand, corroído pelo câncer, e indagado sobre como suportava o padecimento físico:

“Não existe dor insuportável. A única dor insuportável é a imaginada.”

Pois meus amigos, meus inimigos, a coisa aconteceu. Sobrevivi. Escapei. Só me falta o esculápio ser

generoso e me permitir comemorar, comme il faut, tão grande feito. Porque, a verdade, a verdade não pode ser escondida. No dia em que me livrei do hospital, ainda frágil, cambaleante, quando o táxi fez a manobra diante do Pavillon Gaston Cordier, estendi a comprida língua, duas vezes, em sua direção, lá onde deixei pedaços de mim, desferrando-me de todo o pavor sofrido. E ao chegar à casa, depois de avisar a dona Dolores de que estava vivo, brindei a mim mesmo. Com um pedaço de alfenim. E Coca-Cola gelada.

Era o que tinha. Reconheço que o acontecido merecia outro combustível.

Um amigo querido promete me torrar a paciência se eu voltar a beber. Mas, Cláudio Castelo, pus um reforço no coração. Não arranjei um destino novo, não. Nem uma outra vida.

## **Como Fortaleza cresceu**

**D**e primeiro, entrava num restaurante e conhecia a maior parte dos fregueses presentes e eles me conheciam.

Hoje sinto quando isto não ocorre. Os clientes não sabem quem eu sou e a recíproca é igualmente verdadeira.

É que a cidade deve ter crescido muito neste tempão em que dela me acho distante. Quando li que André Figueiredo ia assumir o mandato de deputado federal, percebi que não sabia quem era. Fui ao Mauro Benevides que faz política em Fortaleza há cinqüenta anos, para que me valesse nesse transe. Era tão ignorante do novel deputado quanto eu. Recebo um fôlder caro, de muito bom gosto, falando das atividades da PREVCON,

empresa do Grupo Porto Freire que ainda não havia ganhado tanta dimensão e tanto prestígio quando morava na Capital cearense.

## **Entre o saber e o fazer**

Lembro-me de almoço que tive com Renato Aragão, no antigo Trapiche, do qual disse aos filhos que ouvira as mesmas infantilidades com que ele faz rir os brasileiros há quarenta anos. Foi o bastante escutar deles: “Com estas besteiras, ele juntou pra mais de vinte milhões de dólares. E tu?” Li Jorge Luis Borges, Aldous Huxley, José Saramago e, em matéria de patrimônio, estou longe, anos-luz longe deste candidato a prefeito de Aracati que dizem não assinar o nome e que soube se tornar o maior criador de camarões do Brasil, comanda oitocentos operários e trafega em Tóquio ou Bonn como se estivesse na cidade em que nasceu. Aliás, um cara destes pode ser chamado de analfabeto, como querem alguns? Ibrahim Sued era analfabeto por conta dos erros de português que perpetrava, apesar de conhecer o mundo interior, haver convivido com estadistas de todo o universo e publicar coluna diária lidíssima por décadas?

## **Radioescutas**

Com a Internet a gente nem lembra que as emissoras de rádio recorriam a jornalistas para captar noticiário divulgado por congêneres no Centro-Sul. Eram os radioescutas. Exerceram tal ofício, na Rádio Iracema, Fernando César e Frota Neto que terminaram secretários de Imprensa do presidente da República. Lembro o pânico

do telegrafista, da Ceará Rádio Clube, Napoleão Pimentel, não querendo chegar perto do aparelho de telex, inimigo de seu emprego. O telex passou. O fax chegou com a modernização dos aparelhos telefônicos.

Hoje a gente escaneia texto e manda, via Internet. Na hora. Com perfeição.

Meus filhos jamais utilizaram máquina de escrever. Há dez anos, talvez um pouco mais, sirvo-me do computador, tendo aposentado as máquinas que me foram tão úteis, ao longo de existência. Vivo, porém, no micro, esperando mensagens, através da Internet, ou lendo jornais on line.

### **Escritor? Pois sim**

Quando falam em velho, ainda tenho vontade de perguntar: “É comigo?” Da mesma maneira quando me chamam escritor, acode-me o desejo de indagar: “Sou eu?” Não se trata de modéstia, pecado de que ninguém jamais me acusou. Simples realidade. Escritor é a Tércia Montenegro, o Chico Carvalho, era a Natércia Campos. Sou jornalista. Jornalista que escreveu artigos e crônicas que, posteriormente, reuniu em livros. Um talento fascicular que, todo o santo dia, oferece, ao público ainda quentes, os biscoitos de sua fabricação.

Não mais que isto.

### **Bandeira ao vento**

Na próxima ida a Fortaleza vou querer saber do José Júlio Cavalcante como foi o episódio da bandeira da União Soviética que ele hasteou nos altos do Excelsior

Hotel e que foi retirada por dois companheiros de luta, o Urso Preto e o Aldevado, que quase mergulharam no chão e na morte, escorregando lá em cima e salvando-se porque se agarraram no pára-raios.

## **Deo gratias**

**M**eus senhores e minhas senhoras, meus amigos: Depois do que o José Telles disse a meu respeito com generosidade de amigos, com a benevolência dos necrológicos, o que mais posso dizer? Só me cabe uma oração de graças por tudo quanto a Providência Divina me tem proporcionado. Dou graças, assim ao presidente do Clube, Luiz Aramicy Pinto, que acolheu, com tanta boa vontade, o pedido de lançar mais um livro em seus salões, "Dicionário do Lustosa". Dou graças a ter amigos como Sérgio Braga, Carlos Augusto Viana, Erasmo Pitombeira e José Telles que tanto se empenharam na organização dessa festa e na convocação de amigos comuns para que ela se realizasse.

Há quem pranteie os amigos. Eu, não. Prefiro lembrar os momentos agradáveis saudáveis, prazerosos que vivemos em comum. Por isso, dou graças a Deus por haver tido amigo como Luiz Carlos Aguiar que passava a impressão de ocupar a noite, insone, pensando em quem obsequiar, dia seguinte, ele que tanto dava de si para que estas minhas noites de autógrafos tivessem êxito. Dou graças a Deus por haver sido amigo de Régis Jucá que sempre lembraremos com respeito, com saudade, com afeição. Dou graças a Deus por ter amigos como vocês que sempre me prestigiam e acorrem ao lançamento de meus livros. Sei como é trabalhoso tomar o carro, procurar

onde estacionar, ficar na fila para esperar o autógrafo do autor, às vezes encontrar-se na fila e ter que esperar os discursos solenes que se pronunciam por isso dou o maior dez os que aqui vieram, tangidos pela benquerença, pela amizade. Dou graças a Deus por ter amigos como vocês que constituem a maior fortuna que acumulei ao longo da existência. Dou graças a Deus ainda por estar vivo. Meio baleado, mas ainda vivo, para receber vocês e usufruir da companhia de vocês. Muito obrigado muitas graças pelo comparecimento.

### **Um brasileiro que nem sempre foi príncipe**

**S**e vocês ouvissem um fulano contando como chegou a assessor de Imprensa do ministro, ficariam surpresos com tanta abnegação e tão pouco amor ao poder. Ele não queria o posto, de jeito nenhum. Foi preciso muita insistência da autoridade que culminou com a visita do ministro, mulher, filhos, gatos e papagaio à sua casa, implorando-lhe, quase ajoelhados, para aceitar o lugar. Ninguém admite pleitear nada. Todos são mestres em desprendimento principalmente depois que se aboletam no poleiro dourado. Por isso, amigo estranha quando, em minhas crônicas, registro o quanto devo aos outros. Acha que não fica bem, devia proclamar-me, alto e bom som, autor exclusivo de mim mesmo. Não dá. O certo, neste caso, não seria dizer que entrei na “Gazeta de Notícias” porque um tio querido, Luiz Costa, intercedeu por mim junto a seu diretor, Luiz Campos. E sim que o proprietário, Olavo Euclides Araújo, soube de minha existência e não sossegou enquanto não me recrutou para seu jornal.

## **Sem falar línguas**

Recriminaram-me ainda docemente por haver dito ser monoglota, mal falar o português e nenhum idioma estrangeiro. Não ficaria bem proclamar tal ignorância. Pelo menos para quem estudou com frades alemães e colega, Luiz Gonzaga Mendes Chaves que, no mesmo período aprendeu a falar a língua como os germânicos e se prestava a traduzir a obra de Max Weber para o português quando morreu. Para quem residiu mais de ano em França e não aprendeu a falar francês por preguiça, desleixo, por viver sempre conversando com brasileiros.

## **Edição lusa**

Há também quem ache que não fica bem proclamar que a edição portuguesa de meu romance, “Vida, Paixão e Morte de Etelvino Soares” só se viabilizou graças ao prestígio do embaixador Dário de Castro Alves. Devia dizer que saiu porque Portugal, inteiro, queria tomar conhecimento de minha obra de ficção. As editoras disputavam, à tapa, a publicação do romance. Está certo. Não se trata de modéstia coisa nenhuma. Não sei inventar estas coisas, não gosto de me adornar com adereços alheios, enfeitar-me com o que não possuo.

Deus já me proporcionou tanta coisa boa que me dispenso de forjar, engendrar qualidades que não tenho.

Não preciso desse tipo de mentira.

## **Uma saudade**

De repente ouço cantar “Quero mandar rosas vermelhas para uma dama triste” rebusco, na memória,

o nome da mulher que associava a tal música e por quem nutri paixão roxa. Só a muito custo me lembro. Ela, decerto, nem isso.

## **Dependência do micro**

**T**aí uma necessidade que não existia, há dez, quinze anos. A gente podia, muito bem, passar sem computador. Hoje, não. O meu foi ao concerto e deixou um buraco aqui em casa. Fez uma falta danada. E até hoje me pergunto como adoeceu. Trata-se de um micro de família, que nunca dormiu fora nem andou em más companhias. Não sei como ficou infestado de doenças do mundo e lá fui atrás do técnico para expurgá-lo de seus vírus.

## **Brigando pelo que não tem**

Conheço casal que quase vai aos tapas discutindo como empregar os quarenta e quatro milhões que espera ganhar na Mega Sena. Ele, escolado de experiências modernas, prefere o investimento do português, arcaico, mas seguro, em imóveis. Diz, de brincadeira, como há vinte anos, que compraria centenas de apartamentos de cinquenta mil reais, o que irrita a mulher. Ele insiste. Ela replica exasperada: “Só se for em Samambaia”.

Trata-se da cidade-satélite mais pobre de Brasília, favelão produzido pela administração Roriz. Minha amiga, Jane, no mesmo sorteio, se irritou quando a filha pediu: “Se a senhora ganhar quarenta e quatro milhões me dá quinhentos mil?” Não aceitou que a filha continuasse pensando como pobre na iminência de tanto dinheiro: “Que mediocridade! Pensando assim você não vai longe”.

## Negócios e amizade

Diversamente do que acontece nos Estados Unidos, no Brasil para se fazer uma transação é preciso selar amizade entre partes. Ou pelo menos, fingir amizades. É o que diz Viana Moog. Foi do que me lembrei, um dia destes, quando quis trocar casa e Fortaleza por apartamento em Brasília com um contemporâneo, cearense de muito bom trato. Estava a caminho de finalizar a operação quando o genro e futuro herdeiro do imóvel deu pra trás. E o sogro, de repente perdeu liberdade de movimento, ficou amarrado, engessado incapaz de sair do lugar. Terminou, meio encabulado me explicando o problema. O genro andava deprimido porque a filha, mulher dele recebia salário maior que o seu. Por isso, ia-se submeter a concurso público na esperança de equilibrar os ganhos em casa. Enquanto isto não ocorresse, nada feito. Fui saindo de fininho, vendo o problema que existia e que me aguardava. Afinal estava interessado apenas numa transação comercial não queria adquirir, de contrapeso, complexo drama familiar. É assim no Brasil: tudo requer amizade ou aparência disso para efetivar um negócio.

### O fortalezense que já era

Quando a Assembléia me outorgou o diploma de Cidadão Cearense, Lúcio Brasileiro, muito apropriadamente, deu este título à matéria que publicou sobre o ocorrido: “O cearense que já era” que pode muito bem ser aplicado à entrega do título de Cidadão Fortalezense, dia 10, nos salões do Ideal ao professor, poeta, escritor,

ex-vereador Juarez Leitão. Chegado a Fortaleza em 1965, o poeta Juarez vive, desde então, um caso de amor, amor roxo à cidade que também se apaixonou por ele.

Como resultado desta afeição recíproca, o poeta há produzido algumas das melhores páginas que já se escreveram sobre nossa cidade. O livro “Sábado Estação de Viver”, destinado a princípio, a fotografar, com escrita privilegiada, o grupo de amigos que ora se reúne no late Clube, converteu-se num clássico sobre a história da Capital cearense, seja pela qualidade de sua prosa, seja pelo esmero de sua pesquisa. Vale a pena ainda ler seu livro sobre a Praça do Ferreira.

E outros em gestação. Sem falar que está na moda, solicitado, presença querida em todos os eventos, requisitado por todas as rodas da cidade.

## **As vantagens da caridade**

**A** caridade é virtude que paga à vista, pelo prazer que seu exercício nos proporciona. Quando convoco mulher, filha, genro e neto para me acompanhar ao subúrbio remoto a fim de levar cesta básica à ex-empregada doméstica enferma, quero que eles me achem generoso, benemérito, solidário. Isto no âmbito familiar. Agora quando desejo que todo o mundo saiba de alguma ação deste tipo, sabem o que faço?

Condiciono o benefício ao sigilo do beneficiário e familiares, dos que intermediaram o pedido no sentido de que garantam boca fechada e que, nem sob tortura, revelem quem foi o autor do gesto. Que jurem discrição por tudo quanto é sagrado. O ideal é chamar os outros a um canto discreto e impor que nunca digam o nosso nome

benemérito. Neste caso, é garantido. Tiro e queda. Ninguém resiste à vontade de revelar segredo tão ciosamente pedido e quem dele sabe tratar de passá-lo adiante o quanto antes. E o caridoso, aquele que não queria, de modo algum soubessem de seu bem feito, ganha duas vezes. É elogiado por sua dádiva. E muito mais por sua modéstia. Hão de dizer: Se ele faz isto em segredo, quantos outros atos iguais não está praticando por aí sem que o saibamos?

## **A pedagogia da esmola**

**M**achado de Assis escreveu o Cotrim, cunhado de Brás Cubas, com quem se desentendeu por conta da herança do sogro, tinha o hábito de mandar para os jornais a notícia de um ou outro benefício que praticava.

E dá razões para a divulgação dos gestos nobres: “As boas ações são contagiosas quando públicas”. Assim ele praticava, de quando em quando, esses benefícios senão com o fito de espertar a filantropia dos outros.

Repito: a filantropia é como as novelas de tevê, requer muito de visão e altos índices de audiência.

E você os consegue em maior quantidade quando impõe boca fechada para sua bondade e ganha a gratidão do favorecido e a admiração dos contemporâneos. Não é pouco.

## **Um piaucho**

**U**m dia desses fui entrevistar o jornalista Abdias Silva aquele que rapazinho lá em Teresina escreveu a Érico Veríssimo pedindo-lhe oportunidade e recebeu

garantia de trabalho em Porto Alegre na Editora Globo, depois no Correio do Povo, aí já por conta de seus méritos, no “Estadão” em O Globo em Brasília. Apesar de só haver residido no Piauí até os 17 anos fala desse tempo com ternura. Para ele, a infância e a adolescência são o período mais feliz da vida do homem. Será? Sempre digo que menino e rapazinho não era feliz porque muito complexado, porque não sabia dançar, tinha a sensação de não ser ninguém, problemas que o jornalismo me resolveu em Fortaleza.

Agora, fico em dúvida. Será que meus primeiros anos foram assim tão sem graça? E por que faço tanta questão de exaltar o cenário deste tempo, Sobral? Vou lá freqüentes vezes, já o disse. A cada vez aproximação da ponte velha, na entrada da cidade quando vejo o desenho de seu casario, de seus tempos, uma emoção me domina. Sou vítima de intenso prazer. Será que, pensando bem, aqueles tempos de Educandário São José, de férias no Mocambinho, de Colégio Sobralense não foram tão ruins como, às vezes, deixo entender?

## **Em Praga, sem Kafka e sem barata**

**E**stava-me devendo Praga. Lá fui. Valeu. Só lamentei haver demorado tão pouco. Foi bom porque desmantei vários preconceitos. De outros viajores. De livros de turismo. Houve até quem me recomendasse levar toalhas de banho e papel higiênico, tal a pobreza que me esperava. Que não havia Banco aberto vinte e quatro horas por dia, para saque automático de dinheiro. Que faltavam hotéis. Que os motoristas de táxi metiam a mão no bolso da gente.

Antes devo contar que, no avião da Lufthansa, a caminho de Frankfurt, a aeromoça, depois de me ajudar a apertar o cinto, indaga: "Tá bom?" Pensei que era alucinação. Não era. A moça, às vezes, viaja pro Brasil, a serviço. Já passou duas semanas em Salvador. Fala o português de Portugal e nos entende. Na volta por Munich, a empresa alemã nos pôs num bimotor, o Fokker inglês. A viagem, porém, foi tão boa que nem deu pra protestar.

Pra ser verdadeiro, não vi nada dos incômodos que me anunciaram. Quando perguntei a um motorista de táxi por quanto me levaria de volta ao hotel, ele informou que, por aproximadamente, trezentas coroas.

Embarcamos. A corrida saiu por pouco menos do que previra e ele fez questão de devolver, rigorosamente, o troco.

Vi muitos hotéis. Até de alto luxo, cinco estrelas. Tirei dinheiro daqueles caixas rápidos, na rua. (O que mais encontrei, nas ruas do centro, foram casas de câmbio. A cada passo, você se depara com a placa "Change"). Paguei a conta com o cartão. Fiquei numa pensão familiar limpíssima, com direito a ser recebido, no aeroporto, pelo proprietário devidamente motorizado.

Quando fomos comprar os tíquetes pro metrô, embarçamo-nos no manejo da máquina. Um cidadão se aproxima de nós, cheio de boa vontade, vai até a bilheteria, completa, com dinheiro miúdo, o que falta e nos acompanha. Bem-humorado, nos leva a tomar uma bebida, no Café Europa, o mais famoso da cidade, com um médico, seu patrício. Ele é curdo, nasceu no Iraque, casou com austríaca, mora em Viena e nos Estados Unidos, tem dois passaportes, um deles, americano e nos

dá dois cartões de visita, um da cidade em que mora e outro de Miami, em que se apresenta como consultor de negócios, possui ainda um irmão jornalista em Praga. Vocês pensam que os maus caracteres dos cabeças-chatas a quem ele deu segurança, nos primeiros passos, na República Checa, lhe ficaram gratos? Que nada. Viram, nele, a simpatia fácil dos canalhas e ficaram matutando sobre o que ele faz na vida, se vende armas, se é agente da CIA, se tem algum tipo de negócio escuso.

A antiga Capital da Boêmia tem arquitetura imponente e severa, vestígio dos vários tempos de grandeza. É uma espécie de Paris da Europa central sem a feérie, o brilho, la joie de vivre da original. Vale a pena conhecer seus castelos, suas torres, seus museus, suas igrejas, suas sinagogas. Passear pela cidade velha, por sua Avenida Venceslas, a Champs Elisées de lá, dez vezes menor em comprimento, pela Ponte D. Carlos, com sua estatuária pesada e austera, ir à Casa de Franz Kafka, observar a passagem das horas no relógio astronômico do Hotel de Ville que quando soa o gongo, a Morte agita sua foice, desfilam os doze apóstolos, vemos ainda as estatuetas do avarento, do galã, do paxá turco sonhando sonhos de conquista territorial.

As ruas são limpas. Não se registra, ainda, sinal de grafiteiro nem de cartazes pregados indevidamente. Talvez como lembrança do comunismo não há bancos nas avenidas nem nas estações do metrô. Será para não estimular a preguiça? Volto lá pra descobrir. O metrô também é asseadíssimo. Que nem as de Londres, algumas estações são tão profundas, como a do Museu do Rei da Boêmia, que dão vertigem, a impressão de que chegam ao Japão. Não vi muitos mendigos em Praga. Mais

precisamente, só reconheci dois. Identifiquei ainda uma prostituta, apressando-me para sua sortida noturna em frente ao Hotel Europa que abriga café art nouveau do mesmo nome, famoso em toda a Europa, aquele a que fomos com o filho do Curdistão. Apenas uma. Pode ser que haja mais. Não fui lá fazer tal tipo de recenseamento.

O custo de vida, enquanto não chega o macabro receiptuário do FMI, é baratíssimo. Num restô de luxo, Pension U Zlaté Studne, sopa de brócolis divina, carne, prato principal, sobremesa, um uísque, cervejas e cocas para quatro pessoas, saíram por 1.250 coronas, isto é a dez dólares por cabeça. Um sanduíche custa menos de um dólar. Aproveitem enquanto é tempo.

Estive na casa de Kafka e não encontrei Gregor Samsa nem a barata. Pra ser exato, vi foi uma mosca. Solitária mosca checa, sobrevivente ao centralismo democrático, à revolução dos veludos, à restauração da democracia. Mandeí falar desse inseto a um amigo e os filhos me crucificaram por isso. Por registrar o insólito, o inesperado.

Lembrei-me, logo, de minhas passagens por Itapajé quando ia ou vinha de Sobral. (Hoje a estrada passa por fora da cidade. Antigamente, não). Havia parada obrigatória para a água-de-coco, a paçoca ou o arroz-doce. De longe, este aparecia pretinho como se estivesse enfeitado de cravos. Era, não.

Eram as moscas que disputavam a guloseima com os humanos e com mais persistência.

Quando os meninos me criticaram lembrei-lhes de Geraldo Fontenele que passou temporada na Europa, cobrindo a sagração do Cardeal de Fortaleza. Voltou ao Brasil por Lisboa. Foi ali que reviu mosca e se deu conta

de que começava a botar o pé, de novo, no terceiro mundo. Não adiantou. Aí apelei. Falei de Jorge Luís Borges que, ao longo de sua primeira temporada, na Europa, quando criança, em Genebra, mostrou surpresa ao ver “mouches, mouches!” A autoritária mãe reprimou Borges e a irmã Norah pelo espanto ou pelo medo demonstrados: “Que bobagem! Vocês foram criados entre moscas”.

## **Na Irlanda, sem o Ulysses de Joyce**

(**D**ublin) – Meu sonho era conhecer a Escócia. Vou-lhes confessar. No momento, nem era por causa das inspiradas destilarias que lá produziam aquele e outros divinos licores, feitos pra felicidade dos deuses. O homem, porém, tem de estar atento à opinião pública. É o que me salva. Um dia desses, encontrei na Praça do Ferreira, um sobralense que, ao saber da iminente conclusão da temporada francesa, brincou:

“Já?...”

Não satisfeito, acrescentou malicioso e ignorante de virtudes contraídas por mim recentemente:

“Se fosse da Escócia, não voltava tão cedo...”

Assim não visitei a Escócia. Fui à Irlanda. Ainda lembrava “Depois do Vendaval”. Era, no original, “Quiet Man”, deliciosa saudade de John Ford envolvendo outros oriundos de irlandeses como John Wayne e Maureen O’Hara, verdadeira écloga, feita só de nostalgia. Quem da minha geração não lembra a sonora bofetada que a taberneira Maureen O’Hara sapeca no retornado e atrevido John Wayne e da beleza do verde das pradarias onde se desenrola a estória?

Na antiga revista “O Cruzeiro”, do tempo em que eu era menino foi publicado, em série, romance intitulado, creio eu, “Romance da charneca”, passado lá, e pra mim, desde aquela leitura, charneca passou a ser sombria fazenda irlandesa que tinha vontade de conhecer.

Sou, além disso, um pobre homem de Sobral que leu seu Swift, G.B. Shaw, Oscar Wilde, chegou até “As Dublinenses”. Nunca conseguiu, coitado, ler “Ulysses” de Joyce. Vivia encabulado com a clamorosa deficiência até encontrar no Otto Maria Carpeaux justificativa pra ela. Depois disso, posso muito bem morrer sem haver chegado à última página de tal obra que ele considera chata. Foi quando sosseguei. “Ulysses” fica o encargo pra Raquel, pra qualquer outro herdeiro.

Pois bem. Na agência de turismo onde comprei os bilhetes da Air Lingus, a simpática macróbia que nos vendeu, me dispensou de reservar hotel, dizendo com facúndia:

“Quem a essa altura do ano vai a Dublin?”

Eu ia. Nunca vá nessa. Quando chegamos ao aeroporto, tivemos de batalhar para conseguir alojamento no centro. (Afinal, não fui pra conhecer sua banlieu, seus bairros periféricos). A cidade encontrava-se lotada de ingleses. Quero saber se há algum congresso, algum evento que justifique a atração de tanta gente. A moça da recepção, sorridente e convencida, responde que não:

“É apenas o charme da cidade”.

Era. É. Levei, pra iluminar Dublin, o Sol cearense porque o astro-rei, aqui, em certas épocas do ano, é meio sem caráter, sem tesão: aclara, mas não aquece. Pois bem a Capital irlandesa, onde chove catorze meses dos doze meses do ano, passou três dias de céu escandalosamente

azul, Sol sempre em cena, sem uma gota d'água. Além disso, ficamos cativos da simpatia e da boa acolhida dispensada ao turista, das alegres multidões que, todos os dias, trafegam pela Ó Connel Street, passeiam entre lojas luxuosas e prédios históricos da Grafton Street, soberbamente iluminados. Foi bom ir ao interior, ver ruínas dum mosteiro cristão do começo do milênio. Nunca vou poder esquecer o encanto daquele pôr-do-sol sem pressa por sobre as renas que pastavam no Parque Phênix, abastecendo-se de feno e outros mantimentos, para a laboriosa tarefa de conduzir o trenó de Papai Noel, daqui a pouco. Mas o que nos encantou mesmo foi a riqueza de Dublin por que não esperávamos, a visão do verde de suas fazendas, de suas bem-cuidadas charnecas, a beleza de suas praias escapadas, bem diversa da beleza da orla marítima do Ceará, as doces canções populares entoadas pelo motorista do ônibus que nos transportava. Mulher e meninos ficaram deslumbrados querendo morar ali, se a Loteria Irlandesa nos favorecesse. Condicionei: "Venho, se aqui chegar jornal do Ceará todos os dias."

Não me foi dado encarar tal decisão porque a Loteria de lá, burramente, sorteou oito milhões de libras com outros, não comigo. Bem que tentei, sim, leitores, lá também fiz minha fezinha.

A Irlanda mandou seus pobres, uns dez milhões deles pra fora. A maior parte foi ser avô de presidente dos Estados Unidos. Grande artista em Hollywood. Banqueiro ianque. Longe, feito os imigrantes lusos, não esquecem também a santa terrinha, onde investem, constroem residências secundárias para uma aposentadoria que talvez venha, provavelmente nunca virá. A Irlanda tem sido, além disso, espertíssima na conquista

de favores da Comunidade Européia que não quer país algum subdesenvolvido no Velho Mundo.

Ninguém. Nem Portugal. Nem Irlanda. Daí o fausto do consumismo da Capital que nos foi dado testemunhar.

E também a rispidez com que o rapaz da segurança da loja de alimentação da Avenue Champs Elisées, lá deles, puxou pela gola, do alto da escada até a calçada da rua, um pivete de oito a nove anos que perturbava a festa dos ricos. Meninos, eu vi. Também testemunhamos quando um policial escorraçou, com determinação, da Mary Street, mendiga que pretendia ali se instalar com filhos e andrajos. Também fui abordado por espertas e discretas mocinhas que pediam esmolas. Realmente, eles ainda “sabem” lidar com seus pobres porque são poucos. Não são, atualmente, numerosos.

Valeu a pena passar estes dias na Irlanda, flunar por suas ruas sempre movimentadas, olhar seus recantos turísticos, comer, no café-da-manhã, seu feijão cozinhado em ketchup (algo doce, açucarado), deixar “Louvação de Fortaleza” com a moça do Tauá que trabalha na recepção da Embaixada do Brasil, ladeada pelo pôster da restauração do Theatro José de Alencar, pois é sempre assim: aonde quer que vá, o Ceará vai comigo.

## Lançamento no Sena

**P**aris – Deus me tem dado mais do que seria lícito esperar. Moro, com os meus, na cidade com que sempre sonhei desde que li “A Cidade e as Serras”. Aqui pus meia-sola no coração e me dei bem. Foi tão boa a operação que nem carecia ter tido tanto medo, antes de me render ao bisturi. Recebi a visita da matriarca do Beco da Piedade

que, nos seus joviais 81, cruzou o Atlântico vez primeira, andou de avião, trem, metrô, ônibus, foi a Roma e não viu o Papa, em compensação adorou Veneza, contraiu o hábito do consumo de salmão, deu grandes caminhadas a pé e quer repetir a expedição.

Lancei livro sobre Fortaleza, nos salões da UNESCO, o que nunca pude antes imaginar. Aconteceu assim. Reescrevi crônicas sobre a cidade amada e pessoas de minha benquerença. O reitor Martins Filho decidiu publicá-las na Coleção Alagadiço Novo, da Universidade Federal do Ceará que, até então, só editava livros importantes da terrinha. Em pouco tempo, o volume estava de pé, numa apresentação gráfica de excelente qualidade. Do outro lado do fio, meu Mecenas na impetuosidade dos seus noventa e um anos, queria saber do lançamento em Paris, Brasília e Fortaleza. Quando admiti fazê-lo na livraria portuguesa aqui do Quartier Latin, arrenegou:

“Então você quer lançar o livro na bodega do Raimundo?”

Tanto fez que o acontecimento se processou nos salões da UNESCO. E virou internacional. Havia dezenas de professores ilustres no salão. Também os embaixadores de Portugal, Argentina, Peru, Costa Rica, Honduras, Chile, da Guiné Bissau, de Angola, trazidos pelo nosso delegado junto à UNESCO, Jerônimo Moscardo de Souza. Afora os nossos representantes. O Paulo Elpídio de Menezes Neto veio. René Barreira, também.

Não vou dizer que se trata de meu primeiro lançamento em terras e águas de Lutécia, não. Há alguns anos atrás lancei (literalmente) livro meu no rio Sena e

guardo dois testemunhos fotográficos do evento: um do Paulo Elpídio. Outro do Santos Filho que aqui estava com Norton Macedo e Ary Kffuri.

Vão dizer que constituiu exagero a apresentação do livro de exaltação a Fortaleza, livro regional, inexoravelmente provinciano em terras de França. Nem tanto e explico porquê. Paris anda infestada de paus-de-araras, quase todos bons. Ótimos, pra falar a verdade. O dono da festa foi Jerônimo Moscardo de Souza, com raízes fincadas no chão da Itapipoca e um rico passado de criança na Rua 25 de Março. Vem de boa cepa alencarina o embaixador junto ao governo de França, Carlos Alberto Leite Barbosa. O novo cônsul geral do Brasil Eduardo Seixas, parece um gentleman inglês que a Rainha cedeu ao governo do presidente Sarney, no entanto, é um índio tabajara, pertence aos Ibiapina da Serra Grande no Ceará. Por isso, comecei assim tentando imitar Assis Chateaubriand, minha fala no número 1 de Rue Miolis, saudando os conterrâneos, “descendentes de colonizadores que, alguns séculos atrás, preavam índios e emprenhavam índias nas capoeiras do Estado quando não faziam guizado de holandeses e franceses que ousavam devassar nosso santuário. E desses silvícolas que até ontem, na desesperada luta por vitamina C, travavam as sangrentas guerras do caju, findas as quais, às vezes, saboreavam o tutano das tíbias dos adversários. Hoje, os canindés, os tabajaras, os tremembés, os potiguaras, os calabças, deixaram arco e flecha, a capoeira, adotaram hábitos sofisticados, integraram e integram os mais altos postos da diplomacia cabocla. E nesse instante, por conta do lançamento de “Louvação de Fortaleza” reencontram raízes de que nunca se quiseram libertar”.

Pois bem, quando fui ao encontro do Paulo Elpídio, no Le Grande Hotel de Suez, situado no boulevard Saint Michel, a um passo da Sorbonne e dois da Notre Dame, não o encontrei. O bicho saíra lépido e fagueiro depois de doze horas de vôo a matar saudades dos recantos da cidade em que já residiu. Por isso fiquei a conversar com o velho proprietário que me foi apresentado pelo falecido Freitas Nobre. É que quando, noutras oportunidades, vinha a Paris, me abrigava nesta estalagem e a tinha recomendado a muitos amigos.

Um deles, o Paes de Andrade, nela se alojou e não gostou. Por causa da exigüidade do seu elevador que lhe causou acesso de claustrofobia. O aparelho é, de fato, daqueles tão exíguos que, segundo o Luiz Fernando Veríssimo, compromete a reputação de qualquer mulher que o utilize em companhia de marmanjo que não seja marido, pai ou filho. (1995).

### **Um almoço ou um sarau?**

**A** cada dia me torno mais virtuoso. Num me despeço do cigarro, companheiro fiel e prazeroso. Noutro, me licencio do culto a Baco. A cada instante, avanço um passo na senda da pureza. Ando tão cheio de qualidades, que eu mesmo não me surpreenderei se for canonizado em vida. É só o Vaticano saber de tanta santidade. Noutro plano, receio até que, como Jacinto de Thormes, de que falava Eça, me torne monótono pela perfeição das virtudes que venho acumulando. Agora, como já disse, ando distante do altar de Baco de que sou tão ardoroso fiel. Não é pouco para tão tenaz militante etílico. Já lhes conto, por conta disso, o que

me sucedeu um dia desses. O embaixador Jerônimo Moscardo de Souza nos convidou a almoçar no restaurante da UNESCO, em face de seus soberbos jardins, dando pros Invalides, pra Tour Eiffel, num dia de outono de céu escandalosamente azul e Sol intenso. Estiveram presentes o casal Paulo Affonso Martins de Oliveira, o conselheiro Ricardo Carvalho e o embaixador do Chile, Jorge Edwards, antigo auxiliar e biógrafo de Pablo Neruda e grande amigo do Brasil. E mais: possível ganhador do Prêmio Nobel de Literatura. Pois bem, no instante de escolher a bebida que irrigaria nosso filé com jerimum (potiron dizem os nativos), o escriba aqui, desavergonhadamente pediu água. Sem que a voz me tremesse, sem esconder o rosto. Aliás, sem qualquer pudor. Edwards tripudiou sobre o abstêmio, citando Horácio:

“Não sobreviverão os versos do poeta que só bebe água!”

Felizmente, pros leitores, jamais poetei. Poupei-os de tais desconfortos.

Lembrei, porém, a propósito, de Vinícius de Moraes. O poetinha andava em severo regime etílico (não se sabe se a restrição etílica lhe apequenou o gênio) e se proclamava “abstêmico”. Quando Rachel de Queiroz o advertiu de que não era “abstêmico” e sim, abstêmio, teimou:

“Prefiro dizer “abstêmico” pois parece mais nome de doença.”

Voltemos, porém, ao nosso repasto. Edwards lembrou as traduções de autores brasileiros que fez a começar do conto “Os Braços”, de Machado de Assis e recordou Carlos Drummond de Andrade. Durante a

conversa, veio à tona velho amor clandestino do poeta, discretamente respeitado enquanto viveu e chegamos à conclusão de que ele não só encontrou pedras no caminho. A propósito, seu antigo chefe, o ministro da Educação, Gustavo Capanema, queixava-se amargamente, do auxiliar, ao fim de longo período de governo. Seu chefe de gabinete, pois tal o encargo do poeta, era senhor de crivo severíssimo. Por ali não deixava passar mulher bonita. Resolvia ele mesmo seus problemas. E cobrava os serviços em espécie. E era o que Néelson Rodrigues chamaria um sátiro de gabinete. (Infatigável, lembram os invejosos.) já pro ministro, ficavam somente os casos insolúveis e naturalmente as feias.

Edwards falou ainda de Rubem Braga a quem conheceu como chefe do escritório comercial do Brasil em Santiago do Chile e proprietário de verdadeiro transatlântico rolante, um Oldsmobile, americano, bien sûr. O “sabiá da crônica” residia, então, no Bairro Alto. Embriagava-se no centro e, com freqüência, esquecia onde deixara o suntuoso carrão. Voltava pra casa, de táxi. Para resolver o problema, mudou-se. Veio logo morar no centro; preferiu localizar o lar perto do bar.

Recordou ainda o gordo e bizarro Augusto Frederico Schmidt que lhe ofereceu livro, referindo-se à excelente poesia de Edwards que ainda iria ler e que elogiava, a priori, na base do “ainda não li, mas já gostei.”

Citou, ainda, a Alfonso Reyes, um helênico nascido mexicano, (que só então sei ser autor de cabeceira de nosso Jerônimo), que foi embaixador no Brasil e na Argentina e a quem Jorge Luís Borges dedicou poema e de quem Manuel Bandeira falou quando morreu: “Afonso Reyes partindo/ E tanta gente ficando..”

Jorge Edwards esteve como conselheiro da Embaixada do Chile em França nos dois anos em que o titular foi o grande poeta Pablo Neruda. O autor de “Vinte poemas de amor e uma Canção Desesperada” trouxe da sua fria e rêmora Temuco, um secretário, Homero que jamais vira uma cidade grande e, assim, morria de medo de Paris. Só se atrevia a ver a Cidade Luz da vidraça da janela do dentista de Neruda, quando o acompanhava nesses transes. O poeta o convocava:

“Mira, Homerito, mira Paris.”

Chamava-se Homero o secretário do bardo e diplomata.

## **Eu era analfabeto e não sabia**

**B**em verdade que sempre fui precoce. E gostei de fazer amigos entre pessoas mais velhas. Para me beneficiar de sua cultura... Do saber de experiência feito... Só assim os leitores podem me entender, largando Paris, pra comemoração dos quarenta anos de jornalismo de Lúcio Brasileiro. Ou então que tenha sido colega, desde o cursinho de preparação ao pré-vestibular (coordenado pelo professor Eleazar Teixeira) de Paulo Elpídio de Menezes Neto. Que agora está fazendo uma data redonda. Dessas que se comemoram especialmente ninguém sabe bem porquê. E que tenho a esperança estou ainda longe de atingir...

Na Faculdade, ficamos longe de amealhar a cópia de ciência jurídica que os mestres nos queriam inculcar. Lembro bem de que Aderbal Nunes Freire registrava seu malogro nesse sentido, embora nos reconhecesse outros méritos. De fato, saímos da Salamanca pra vida muito

desapercebidos daquele saber tão necessário. Depois das aulas, íamos para a Praça do Ferreira, sonhar sonhos de glória que ele pelo menos realizou. Como reitor da Universidade Federal da redemocratização, dando posse a professores, aprovados em concurso e vetados pela brutalidade dos censores. Editando centena e meia de livros, todos bons, sem fazer qualquer concessão à mediocridade.

Como um dos melhores secretários de Educação de que se tem notícia no Ceará. Saindo dali para altos postos na administração federal onde manteve a imagem do homem público exemplar. Dele só tenho a criticar o fato de sua vida pública haja estiolado até agora o prosador que ainda não pode aparecer de todo na inteireza de seu sense of humour e de sua sofisticada formação literária. Desde os bancos da Faculdade, da Praça do Ferreira, da Place de Vosges, em Paris, das andanças pelas estreitas ruas que levam ao Castelo de S. Jorge em Lisboa, tive o privilégio de sua amizade que conservo como uma jóia, uma bênção de Deus.

E espero merecer até o fim de meus dias.

E antes de mais aniversários, saldo de munição da temporada européia: um ano de Paris me deu a dimensão de minha ignorância. A cada dia, me deparo com as evidências de meu analfabetismo. E o que é duro reside em saber que, a essa altura dos acontecimentos, a falha é insanável. Não há mais tempo para corrigi-la. Não são apenas os livros e os professores que mostram a distância que nos separa. Bastam os jornais. Compro *Le Monde*, *Libération*. *Le Figaro* das quintas-feiras porque trazem suplementos literários. É quando mais agudamente percebo o quanto ignoro. O que me falta saber, ler, instruir-me.

Um amigo menospreza os que se apegam, no curso da vida, apenas aos bens materiais, descuidando o patrimônio espiritual. Os que não se preocupam com vida interior. Você pode pensar que é algum liso se consolando de sua falta de dinheiro. Felizmente, porém, não teoriza sobre a própria pobreza, pois nasceu bem de vida. Acha tolo o que só tem uma existência por mais opulenta que seja. Acha que quem vive uma vida intelectual, quem pode mergulhar na ficção, na poesia, na vida artística, dispõe de mil vidas. Conta com mil papéis a variar, a curtir a cada dia.

Tem quem me pergunte se não me preocupo com as bombas que têm explodido em Paris. Claro que me inquieto. Por que diabo, porém, uma bomba iria explodir, justo sobre minha cabeça? Muito mais viável é ganhar aqui o prêmio maior na loteria. Pela lei das probabilidades, é mais razoável esperar arrebatá-lo sozinho na LOTO. Afinal, a loteria é regular. Realiza dois sorteios por semana. Já as explosões, felizmente, são fortuitas. Acontecem vez por outra. Por que, então, iriam me premiar? (Quando escrevo, as ruas nos parecem nervosas por conta do nono atentado. Hoje de manhã. Em casa, escutamos, inquietos, os carros de Polícia que atroam os ares com suas estridentes buzinas).

Pobres, pretos, árabes, orientais estão sempre fazendo algo errado. Principalmente em Paris. Tive ocasião de presenciar, pra meu desgosto, duas prisões em pontos movimentadíssimos. Uma em plenos Champs Elisées.

Outra no Boulevard Saint-Michel. Os policiais pegaram um árabe, com ar espantado, pediram seus documentos, consultaram a central pelo rádio e, de

repente, o algemaram ali em público, discreta, porém, firmemente, sem que a vítima estrebuchasse, gritasse, protestasse.

Depois de aposentado (semi-aposentado na profissão) o velho jornalista veio morar em Paris. Está encantado com a cidade. Quando lhe pergunto quando retorna ao Brasil, arrenega: “Só morto.” A mulher, porém, foi quem arrenegou o estilo de vida a que foi forçada agora e voltou. Só vem, de novo, residir em Paris, quando o respectivo conseguir alugar apartamento de dois banheiros. O que não é fácil. Nem barato.

Nos Champs Elisées, dou de cara com um político, batido no último pleito a que concorreu, que beberica seu vinho, descuidadamente, com um amigo. E explica sua nonchalance: “Só perdendo a eleição, poderia gozar dessa vida...” Não sei pra quê abro a boca para lhe dizer: “Pois o Teotônio Vilela Filho nem precisou perder a eleição para vir aqui.” Aí conto que encontrei o jovem senador alagoano, por acaso no metrô, fazendo turismo, de mandato, renovado e vestido descontraidamente como estudante. Quando me arrependo da besteira, já a pronunciei.

Comemos muito depressa, nós brasileiros. Então lá em casa, onde éramos treze, demais. Segundo o Maurício Xerez, a rapidez tinha uma explicação. Era consumir logo o que se pudesse para ter a chance de repetir. Em Paris, uma refeição é uma solenidade, uma cerimônia quase eu disse religiosa. Não é uma sortida de fastfood, não. Uma corrida de bancários ou comerciários apertados pelo horário de trabalho, não. Pode demorar duas três, quatro horas. Uma vez, jantamos no restô do Parc Montsouris, pelo aniversário de Raquel.

Foi o mesmo nó. Vieram tantos hors d'oeuvres que pensamos que aquilo já era a pièce de résistance, o prato principal.

Pressa de pobre. Ainda tínhamos uma seqüência de desafios gastronômicos pela frente, para os quais não nos encontrávamos psicologicamente preparados. A propósito diz uma francesa, amiga do Fred, que o brasileiro gasta quinze minutos para consumir uma refeição que exigiu quatro horas para ser feita. Já o francês, e aí há evidente exagero, despende quinze minutos no preparo de um almoço ou jantar que vai comer em quatro horas.

## Cozinha velha

La até sugerir ao poeta José Telles, em sua próxima ida a Lisboa, não deixar de pegar o trem na estação de Santa Apolônia para visitar, em Queluz, o palácio onde nasceu e morreu Pedro I, que, para os portugueses, é Pedro IV. E almoçar no restaurante Cozinha Velha, aos fundos do palácio antes de voltar ao comboio para subir até Sintra. Ali, demorar-se, como todos, na pracinha, próximo ao prédio do palácio real que mais parece uma padaria, antes de pegar o ônibus para subir ao Castelo da Pena. De lá voltar para entrar no trem ou no táxi, rumo ao Estoril em cujo cassino costume perder cem dólares para ajudar a pátria mãe. Percebi, porém, que seria ensinar padre-nosso a vigário, lembrando a desenvoltura com que alugou carro para ir até o Porto com amigos que foram ao lançamento da edição portuguesa de meu romance e em que funcionou como guia. Parecia um nativo.

## Livros de Portugal

**A** gente quase não conhece nada da literatura portuguesa moderna. Não falo dos Herculano, dos Camilo, dos Eça, dos Ramalho, não. Estamos muito distantes das letras atuais da pátria mãe. Qual dos leitores travou conhecimento com a obra de Ferreira de Castro, Miguel Torga, Fernando Namora, José Régio, Florbela Espanca? Os livros lusos, que nos chegam, são poucos porque afinal pouco se lê no Brasil e saem caros, por conta da desvalorização do cruzeiro.

Eu que, desde menino, dou a vida por um romance, há uns dez anos, fuçando as estantes da Casa do Livro, despontei-me com o *Memorial do Convento* de José Saramago. Apaixonei-me. Aí fui atrás de toda a sua obra. Que é solar. Que o converte no príncipe dos romancistas portugueses do Século XX.

Nesse tempo, era rico e ia à Europa, todos os anos. Pois bem, mal chegado a Lisboa, tomei um táxi e fui comer na Varina da Madrugada, restaurante que sabia, por ele freqüentado. Perguntei ao garçom se Saramago viria almoçar. Ele o confirmou. De repente, aparece um cidadão alto, magro, elegante, apesar de vestido com simplicidade. O garçom me aponta:

“É aquele gajo acolá.”

“Aquele gajo” era nada mais, nada menos que o mais alto nome, das letras portuguesas da atualidade.

Convidei-o a vir à minha mesa, a partilhar do meu Bucelas (branco). Falei, com entusiasmo, de seus livros a ponto de ao final da conversa, ele me dizer haver percebido que o de que mais gosto é *O Ano da Morte* de Ricardo Reis. Cobrei-lhe uma visita quando cá viesse. Ele prometeu e cumpriu.

Na última vez em que estive em Brasília, deu-me a honra de comer meus pirões. Passei o maior susto naquela noite. E não por causa dele. De repente, não mais que de repente, adentra-me o recinto o governador José Aparecido. Até aí nada demais. Recebi-o como merece. Não fiz favor, acontece que vinha acompanhado dumas 12 pessoas. Em casa de nordestino, quando se espera um convidado, sempre se faz comida com largueza. Não, porém, para mais uma dúzia. Fiquei com o coração na mão e conto por quê. O Villas Boas Correia me havia contado que o Aparecido era mestre em aparecer em seu apartamento, no Rio, seguido da lotação dum transatlântico. Isto a qualquer hora do dia e da noite, sem avisar. Pois bem, somente sosseguei quando ele se abalou, pra outro compromisso, com toda a tropa.

Face a meu interesse por Saramago, comecei a descobrir outros autores. Portugueses. Será que o gentilhombre Carlos d'Alge que me mata de inveja quando fala de sua casa em Portugal, eu que jogo na Sena pra comprar uma, pelo menos, em Camocim, conhece *Gente Feliz Com Lágrimas* de João de Melo? Foi Grande Prêmio de Romance da Associação Portuguesa de Escritores em 1988. Li-o numa dessas publicações Dom Quixote e quisera conhecer o autor para lhe agradecer os bons momentos que me proporcionou a leitura de seu livro sobre as várias faces da diáspora lusitana na época moderna. É de enternecer o relato das brutais relações de pai e filho, a mesquinha e a sovinice das famílias, premidas pela miséria. Presente ou passada.

A expulsão do Seminário não dá pra esquecer principalmente pra quem estudou em colégio de padre. A descrição da mãe com a banda morta no frio terrível de

Vancouver, no Canadá é linda de doer. Queria conhecer este João de Melo para lhe dizer muito obrigado.

E *Os Nós e os Laços* de Alçada Batista que ele escreveu como romance-ensaio meio do jeito de *Contraponto*? Tenho me deliciado com *Os Cus de Judas* (em Portugal, a palavra não é tão forte, tão drástica. A expressão quer dizer *Os pobres-diabos*). *Memória de Elefante* e *Conhecimento do Inferno* de Antônio Lobo Antunes. Com *Idealista no mundo real*, de José Rodrigues Miguéis. *Alexandra-Apha*, de José Cardoso Pires. *O Cais das Merendas*, de Lídia Jorge. Li também e gostei muito de *Os Putos* (em Portugal, significa *Os Adolescentes*. É de autoria de Alves Redol?) Agora não me lembro. (1994).

## **Estou com saudades de Portugal**

**N**a vida, de quando em vez, você tropeça e quando olha em torno se encontra no epicentro do dramalhão. Às vezes, o mais sórdido possível. Foi o que me aconteceu em 1970. Fiquei tão envergonhado da lama em que chafurdei que cheguei a querer morrer. Raciocinei, porém, e cheguei à conclusão de que uma festa é, geralmente, mais divertida que um enterro. Optei por viver. Comprei bons uísques, chamei um garçom, arranjei som e reuni amigos queridos. Depois para higienizar, de todo, alma e corpo, do pântano em que tão gostosamente chapinhara, fui dar com os costados na Europa, vez primeira. Como vedes, diante de miúda desgracinha pessoal, optei por receber os amigos. Depois por uma viagem: a primeira ida ao Velho Mundo de que estou com saudades. É só o Fernando Correia da Silva me anunciar a edição

portuguesa de “Vida, paixão e morte de Etelvino Soares” que vou correndo ver este filho com duas nacionalidades, lá na pátria velha. Com ele enfrentar o arroz de marisco à moda da monção no Solar dos Presuntos. Não cabe, para tal evento, O Solar, com aquele proprietário parecido com o Delfim Neto. Requer-se papa mais fina: a lagosta do Gambrinus. Ou do Avis.

Logo ao tomar lugar no avião, que me levaria a Recife, depois à Capital portuguesa, travo conversa com um lusitano que se apresenta como Orlando Dias Branco. Digo-lhe que o Guilherme Neto me fazia as melhores ausências de seu sobrinho Ivens. Este se encontrava na poltrona à frente e foi como tive o prazer de conhecê-lo.

Ao entrar no aeroporto de Portela de Sacavém, ouço uma senhora comentar:

“É o jornalista Lustosa da Costa!” Era a mulher de Orlando que logo me apresenta a um senhor ao lado, o cunhado Manuel, dando início a uma amizade que muito me honrou. Manuel, à noite, sabendo-me amante de Eça, me levou a teatro onde passava peça baseada em “A Relíquia”. Dia seguinte a ouvir o fado. Lembro-me, éramos jovens e tínhamos sede, de que Ivens e eu quase demos cabo de uma garrafa de aguardente 1920.

Depois, em vorazes aceleradas que assustavam os passageiros, conduziu-nos à aldeia onde então tinha a Mansão Ceará, Angeja, distrito de Aveiro onde nascera. De manhã cedo, galantemente, o anfitrião declamava, para mim, *O Melro*, de Guerra Junqueira. Ali conheci o interior de casas portuguesas, consumi o bom Frei Bairrada, santo de sua devoção que se tornaria também meu, os vilarejos próximos. Quando pus o pé no estribo do trem, de volta a Lisboa, depois de o carreteiro José Esteves haver

colocado lá dentro minhas bagagens, despedi-me do amorável clã, cheio de saudades.

## **Maldade tem hora**

**O** mau tem cara de mau em filme. No cinema, o mau precisa ser mal-encarado. Não fosse assim como iríamos saber por quem deveríamos torcer desde o início? Daí a surpresa e até a indignação com película sobre Hitler. Ao invés de o pintar como tarado, como carrasco sempre pronto à violência, nela aparece como cidadão comum que ama criancinhas, curte a namorada e adora cães. A gente tem a expectativa de que o mau faz maldade o dia inteiro e ainda leva dever de casa para o expediente noturno. Que nada. Maldade tem expediente. Em ele terminado, o algoz lava as mãos e vai para o lar, para o carinho da mulher e dos herdeiros. Com frequência, é incapaz de matar uma mosca. Assim os alemães.

Por acaso, os leitores imaginam que o cidadão da Alemanha, naqueles tempos de Hitler, convertido em seu carrasco voluntário, depois de levar dezenas de judeus para o forno crematório, observar, com atenção se ele estava funcionando, até soltar o gás letal, ia para casa, maltratar os familiares? Não. Matava judeus, a sangue-frio, se preciso com as próprias mãos, achando que cumpria o dever, esmagando o “inimigo”. Quando ia ao encontro dos seus, era só doçura e bondade. Hitler era homem comum como milhares de alemães que o nazismo converteu em assassinos. Por isso, assim surge no filme. No comum das obras de cinema, os maus aparecem com caras de maus, diuturnamente. Na vida, nem sempre.

## Encontros com o presidente Mário Soares

**E**stou indo a Lisboa. Como sou pequeno, mas só fito a Serra da Meruoca e os Pireneus, pretendo convidar o ex-presidente Mário Soares a um rango. Garantindo-lhe que, dessa vez, estarei sóbrio. Porque minha tradição, nos encontros que entretive com o estadista luso até hoje, tem sido outra. A primeira vez que o cumprimentei foi ao término do banquete no Itamaraty no ocaso da noite aflitiva do atribulado dia da posse de José Sarney na presidência da República. Havia passado o dia sob tensão do trabalho e da temida crise constitucional, e assim o álcool me caiu fácil e rápido e só pude engrolar frases a respeito de sua torcida pela nossa restauração democrática.

Outra vez, deu-se a mesma coisa. Era fim de noite. Acabava de jantar e drincar com Frota Neto e decidimos passar no Piantella. Sem sabermos que ali Mário Soares era homenageado por um grupo de jornalistas.

Apresentaram-me ao eminente homem público. Foi quando lhe falei sobre sua possível ida ao Ceará e ele sobre a estrela de Totó, o governador Gonzaga Mota que, então, esplendia no cenário nacional. Estava, porém, já mais pra lá do que pra cá, de modo que pouco aproveitei tão ilustre companhia.

Há uns oito a nove anos, encontrava-me no hall do Hotel Altis, em Lisboa, bien sûr, quando ele chegou para encontro com parlamentares brasileiros com quem me encontrava. Tentei desfazer a imagem de pinguço militante. Foi quando pude dizer-lhe:

“Afinal, o encontro, sóbrio. Porque todas as vezes que o vejo, estou de pileque.” Mesmo sem uísque ou

vinho, minha dicção é tortuosa, terrível. O presidente não entendeu direito e indagou risonho:

“Quem estava de pileque, eu ou o senhor?” Imediatamente, penitenciei-me da confusão:

“Eu, naturalmente. Presidente nunca fica de fogo.”

Ele conversou um pouco comigo e depois se reuniu com os deputados que o aguardavam. Estava no auge da popularidade. E vangloriava-se de ser um dos poucos chefes de Estado, o único, aliás, da Europa, que andava sozinho com seu motorista e às vezes um ajudante-de-ordens pelas ruas de sua Capital, de seu país.

Gostaria de rever Mário Soares, estadista de seu Portugal e prestar-lhe minhas homenagens. Sóbrio.





Composto em Palatia e impresso nas Oficinas  
Gráficas da ABC Editora, no mês de janeiro de 2006,  
na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará — Brasil.  
Fone: (085) 3264-3540.

